Flores do Deserto (*)
NARRATIVA DAS GUERRAS DAS CEVENAS
por Cornélie Duval

(Trad. de D. Felicíssima de Souza Barros)

CAPÍTULO I

O BAILE DE MÁSCARAS

Caía a noite. Sobre a faixa luminosa do poente, as árvores delineavam os lavores de sua folhagem desbastada pelo outono. Ao longe as muralhas da pequena cidade desenhavam suas ameias. Uma alegre animação reinava na bela vivenda do comandante des Ponts-Marceaux. Esta habitação em construída sobre o sítio de um antigo castelo feudal. Do solar só restavam alguns lanços de muro e uma torrinha em ruínas ao fundo do jardim, meio escondida à vista por ciprestes e um grupo de espirradeiras. Os prados eram cortados por maciços e sombreados por árvores seculares.

Uma carruagem que acabava de transpor o gradil avançava ao passo de sua parelha alazã. Enquanto ela parava em frente ao pórtico, a porta oposta abrisse repentinamente dando passagem a uma estranha e encantadora aparição. Era uma moça em traje de baile. Um vaporoso e leve vestido a envolvia. Ela trazia um diadema e as palhetas semeadas sobre o seu véu de gaze cintilavam como geada miúda. Mirando-se no espelho com enlevo, com surpresa, como se esta branca sombra não fosse ela mesma, pareceu-lhe impossível partir sem se deixar admirar no seu feérico traje pelo seu irmão.

Ainda que ouvisse os guizos da carruagem que a devia levar, Elisabeth se lançara tocando apenas a areia com seus sapatos de cetim branco. Ela bem sabia onde encontrar Agostinho. Sem dúvida ele se achava na torrinha em conciliábulo com alguém cuja presença não devia ser suspeitada por pessoa alguma... O hóspede da torre em ruínas, Elisabeth não o ignorava, era um Cevennol, amigo de seu irmão. Um mandado de prisão havia sido lavrado contra ele. Agostinho dava-lhe abrigo enquanto o preboste e seus arqueiros davam-lhe caça. Ninguém se lembraria, por certo, de vir procurar o huguenote fugitivo nas terras do Senhor des Ponts-Marceuax, antigo comandante dos dragões do rei. A moça aproximou-se, escutou. Ouviu um ruído de vozes.

– Agostinho! Chamou ela baixinho.

Logo emergiu da sombra uma forma esbelta. Era um moço louro, de ar distinto.

– Oh! Minha irmãzinha, és tu mesma? Que beleza! Exclamou ele envolvendo-a com um olhar de admiração.

Ela riu-se, fez uma volta e seus brilhantes lançaram faíscas.

– Vai-me bem o meu traje de rainha dos gelos, não achas? Que pena que não possas vir! E enquanto ele a contemplava calado:

– Bom! Eis que me chamam! Mas eu não podia partir sem te abraçar!

Ela atirou-se ao seu colo impetuosamente; depois, ligeira como viera, assim afastou-se.

Ao lado da carruagem, cujos cavalos campeavam impacientes, achava-se um homem de alta estatura. A rigidez toda militar da sua altitude traía um antigo oficial.

– Você escolheu bem a hora para seus passeios ao luar, minha sobrinha !... Esta é já a terceira vez que sua tia a chama.

Ela desculpou-se turbada. Sua perturbação não escapou ao comandante que lançou para o bosque um olhar suspeitoso. Nos dias antecedentes já ele reparara alguma coisa.

Enfim, instalam-se todos, a Sra. des Ponts-Marceaux e sua filha no fundo do carro. Elisabeth ao lado do visconde de Ormancy. Ao estalido do chicote, ao som alegre dos guizos, a carruagem dirigiu-se para o gradil. Elisabeth debruçou-se vivamente á portinhola. Ela viu que seu tio, em vez de recolher-se, se pôs a caminhar a passos lentos, cautelosos, para o fundo do jardim. Por vezes parava para olhar em torno de si. Uma súbita inquietação apoderou-se da moça.

– Que fiz eu? Disse ela consigo mesma. Não terei eu pela minha imprudência despertado a suspeita no comandante? Se ele viesse a descobrir o nosso fugitivo?

A angústia oprimia-lhe o coração. Porém uma interpelação de sua prima veio cortar as suas reflexões.

– Que é isso, Elisabeth? Que significa esse ar pensativo, preocupado? Então você não se alegra com sua estreia no mundo?

E Laura, sem esperar pela resposta, atirou-se a uma viva descrição das festas esplendidas as quais ela já frequentemente assistira. O visconde, sentado em frente dela, contemplava e admirava sua noiva. O Sr. de Ormancy era um homem de bela figura, alto, gordo, jovial; sua cota escamosa de fauno ia-lhe às mil maravilhas. Laura estava disfarçada em sílfide das florestas; um colar de pérolas fazia realçar seu vestido de cetim verde.

Sua mãe a escutava, tendo um sorriso inteligente nos lábios.

Os bailes de máscara não eram do gosto da Sra. des Ponts-Marceaux; ela preferia muito suas visitas de caridade. Ela prestava-se a isso por deferência a seu marido, sem dúvida também para assegurar o futuro de sua filha e de sua sobrinha. Assim que se fixasse a sorte de Elisabeth, ela voltaria com satisfação á sua vida tranquila.

****

Sem ruído, seus passos abafados pelas folhas secas, o Sr. des Ponts-Marceaux atingira a torrinha. Ele permaneceu por longo tempo imóvel, o pescoço entesado à espreita. As vozes alcançavam-no. Sem poder seguir a conversa, compreendeu, todavia, o bastante para saber de quem se tratava. Quando no limiar Agostinho se despediu de seu amigo, ele viu este último entrar de novo na torre. Então suas conclusões se precisaram: este homem é um

huguenote. E se ele se esconde é porque a justiça o procura!

Voltou às pressas para a casa e chamou um criado mandou encilhar seu cavalo.

– Em minha casa! Que audácia! Pensava o antigo oficial com uma cólera concentrada. Mas ao menos a lição vai valer!

O comandante des Ponts-Marceaux tinha da honra uma concepção toda sua. Lembrava-se das dragonadas. Toda outra consideração apagava-se diante desta divisa que escolhera: "Servir ao rei"!

Alguns minutos depois o rápido corsel o levava para a cidade.

Entretanto a carruagem atingia o parque do palácio cujas janelas iluminadas se distinguiam através das árvores. Quando Elisabeth transpôs o limiar dos salões, ela parou fascinada. Imensos candelabros jorravam sobre os grupos de máscaras recamados de ouro e pedrarias suas ondas de luz refletidas por inúmeros cristais. Transportada para um mundo irreal, a moça parecia abrirem-se-lhe as primeiras páginas fantásticas das "Mil e uma noites".

(*) **Deserto, recôncavos agrestes das Cevennas onde, às escondidas, se reuniam para adorar a Deus os protestantes do sul da França depois da revogação do edito de Nantes (1685). Este edito outorgado por Henrique IV em 1598 em favor dos protestantes, autorizava o exercício do culto calvinista e concedia lhes outros direitos. Porém desde a menoridade de Luiz XIV esses direitos foram sendo suprimidos aos poucos e o rei acabou revogando-o em 1685. Este ato** trouxe **a expatriação de um grande número de protestantes dentre os mais ativos e os mais trabalhadores da nação francesa. Seguiu-se então ali uma era de crueldade inaudita praticada pelos regimentos de dragões lançados sobre as**

misérias populações campesinas. Os fatos históricos narrados neste romance são rigorosamente exatos. -*(Nota da tradudora).*

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 01, São Paulo, 05 de Janeiro de 1928, p. 10-11.

CAPÍTULO II

O DIÁRIO DO FUGITIVO

Após um sono agitado por vários sonhos, perturbado pelas notas da orquestra e pelo torvelinho das máscaras, Elisabeth levantou-se, na manhã seguinte, cansada e aborrecida. Seu primeiro pensamento foi para o fugitivo. Sentindo que era preciso avisar quanto antes Agostinho, ela foi bater à porta dele. No mesmo instante o comandante apareceu na escada.

– Seu irmão está preso por minha ordem; ele não recebe ninguém. É inútil tentar vê-lo. O Sr. des Ponts-Marceaux acrescentou, procurando abrandar a voz. Creio que a esperam para o almoço. Porém ninguém esperava por Elisabeth, sua tia e sua prima ainda não haviam descido.

Depois da sua refeição solitária servida pela velha criada, ela desceu no jardim. Deu-lhe logo na vista o seu aspecto desacostumado. As cercas tinham sido arrancadas, os canteiros pisados e viam-se sobre a areia rastos de homens e de cavalos. A moça caminhou rapidamente para a torre; aí a areia tinha

sido pisada, calcada aos pés; baixando-se, ela viu manchas de sangue. Alterada, quis correr para a casa, mas o medo que lhe causava seu tio a reteve.

Permaneceu imóvel alguns instantes com o coração a bater fortemente.

Então, o fugitivo houvera sido preso. Enquanto ela, descuidada e alegre, sob um jorrar de luz, deixava se levar no torvelinho do baile, ali, naquele lugar, um drama se desenrolava... Um homem era preso, amarrado por soldados e talvez conduzido à morte!

Elisabeth conhecia a torrinha. Brincara ali frequentemente o jogo do esconde-esconde com seu irmão e sua prima quando eles eram crianças. Entrou resolutamente.

Uma escada de pedras soltas conduzia no subsolo, a uma peça estreita, clareada apenas por uma seteira. Esta cela fora o esconderijo do fugitivo.

A um ângulo onde o muro formava uma cavidade ela avistou um livro usado, de pequeno formato, de capa de couro. Era uma Bíblia. Abriu-a e na primeira página, leu um nome: Cláudio Noguier. Algumas folhas soltas, escritas a lápis, caíram de dentro da mesma.

Elisabeth colocou de novo o livro no seu lugar e enfiou as folhas no bolso. Tendo-se então assegurado de que não havia ninguém no jardim, abalou a correr e em alguns segundos ela atravessava o jardim e ia fechar-se no seu quarto. Com mão trêmula pegou das páginas traçadas a esmo pelo fugitivo. A escrita era distinta, firme e direita. Elisabeth leu o seguinte:

"15 de Outubro 1701. Impossível me é de escrever esta data sem transportar-me em pensamento a dez anos atrás. Vivo de novo aquelas horas cuja lembrança me persegue ainda hoje como um pesadelo: meu pai assassinado, minha mãe tomando-nos pela mão e aquela fuga desabalada, de noite, pelas matas molhadas pela chuva. Ouço os gritos selvagens dos dragões, o crepitar longínquo das chamas que devoravam nossa casa, o querido berço de minha família... Há coisas neste mundo que vão além da minha faculdade de compreensão!

"Compreendo as perseguições dos primeiros cristãos pelos imperadores de Roma. Esses monarcas pagãos prendiam, queimavam, jogavam às feras os discípulos em honra a seus deuses. Porém que um clero que declara estar ao serviço de Cristo recorra aos mesmos meios, isso eu não compreendo.

Eu compreenderia ainda que se levantassem contra nós com as armas na mão, que, vencidos nos enxotassem do reino. Mas contentam-se de nos

martirizar. Confiscam-se nossos bens, nossas moradias são destruídas. Arrancam-se as criancinhas dos braços de suas mães, os meninos são afastados de seus pais. Nossos pastores são condenados à força e à roda. Contra uma população indefesa e sem armas lançam-se os dragões! E quando, desesperados, queremos fugir deste inferno, as portas do reino se nos fecham! Em toda a antiguidade pagã jamais se viu coisa semelhante!

"A única coisa que reclamamos é a liberdade de servir a Deus segundo nossas consciências. Esse direito nos é denegado! É um crime o de nos reunir nas rochas escarpadas das Cevennas para orar.

Por tê-lo cometido estou sendo cercado como uma caça brava. Eu não temeria a morte no campo de batalha, mas a prisão, a solidão da masmorra me horrorizam.

Se esta suprema povoação me fosse reservada, saberia eu resistir? Sinto toda a minha fraqueza. Oh Deus! Fortalece-me!

"16 de Outubro. Esta manhã pela minha seteira vi aparecer repentinamente uma moça no fim da alameda. Que frescura, que graça, que encanto um rosto de moça!

Ela colhia um ramo de flores tardivas. Por que ao vê-la apertou-se-me o coração?

Ah! É que ao vê-la veio-me na mente a lembrança de minha irmãzinha que aos doze anos nos foi tirada e que morreu no fundo de um convento. Pobre menina de fronte tão cândida, que Deus te guarde neste mundo mau!

"Mesma data. Por vezes uma onda de indignação, de cólera, de raiva impotente me sobe ao coração. Lembrando as infâmias cometidas pelos dragões, meu sangue ferve, todo o meu ser se revolta. Perdoar?... Enquanto o inimigo triunfa, sou incapaz! Se eu visse nossos adversários castigados, esmagados, reduzidos como nós ao auge da aflição, então talvez, porém só então eu poderia perdoar.

"19 de Outubro. Ontem avistei novamente a moça loura. É a irmã de Agostinho, eu o sei agora. Ela andava pela relva com um ancinho na mão a ajuntar as folhas secas. Que graça em todos os seus movimentos! O trabalho fazia-lhe subir o carmim às faces e o sol poente dourava-lhe os cabelos. À noite levei comigo para o meu subterrâneo esta visão de juventude, de luz e de beleza! Oh terra de França! Como a vida seria doce se tu mesma não nos arrancasses do teu seio!

Algum oficial do rei em breve a levará para o seu castelo, essa filha de huguenotes... Para o proscrito, que é a felicidade e que é o amor? Sonho vão, fantasia de um dia e que não terá seguimento!"

A custo Elisabeth terminou sua leitura, as lágrimas corriam-lhe dos olhos. Fechou as folhas na gavetinha que continha todos os seus segredos de menina. Um sentimento novo despertava no seu coração, sentimento feito de piedade, de dor, de inexprimível simpatia.

Porém encontrava-se ali também neste momento toda a amargura do irreparável.

Ela bateu duas pancadas à parede para despertar a atenção de seu irmão.

– Agostinho, tu me ouves? Estou tão triste! Teria tamanha necessidade de te ver e te falar!

– Não digas nada, maninha, poderiam nos surpreender. Esta noite, abre a tua janela, fecha em meio à folha e conversaremos.

Elisabeth desceu á sala de jantar.

A Senhora des Ponts-Marceaux e sua filha acolheram- na calorosamente, e comentou-se o suntuoso baile de máscaras da véspera. Porém não se fez menção do fugitivo.

As duas senhoras não tinham sido iniciadas no segredo e ignoravam por completo o drama da noite antecedente.

Pelas quatro horas vieram anunciar que o visconde de Ormancy e o cavalheiro de Gartel as esperava no salão. Eles vinham informar-se da saúde dessas senhoras. O cavalheiro, um oficial de dragões que fora o seu par mais assíduo, fez á Elisabeth uma profunda reverência.

– Fico deslumbrado, disse ele galantemente, da maravilhosa aparição de ontem. A rainha dos gelos foi realmente a rainha do baile.

Espero senhorita, que minhas atenções não lhe tenham desagradado e que se tenha lembrado de mim sem muito desprazer!

– A festa esteve esplêndida, disse ela, mas eu não estou acostumada a essas longas vigílias. O que eu trouxe de lá foi acima de tudo, uma grande fadiga. Julgando a resposta pouco graciosa, a Sra. des Ponts-Marceaux fez uns sinais expressivos a sua sobrinha, porém Elisabeth pareceu não compreendê-los. Durante o resto da conversa ela fechou-se num mutismo quase completo. Na véspera o cavalheiro a tinha divertido, interessado. Agora o juízo sobre ele era sumário: Tolo, pretensioso, insignificante! Vendo que a visita se prolongava, ela levantou-se, aproximou-se de sua tia e baixinho pediu-lhe licença para retirar-se. Esta lhe foi concedida, mas acompanhada de um olhar cheio de espanto e de reprovação.

Chegando a tarde ela pôde enfim trocar algumas palavras com seu irmão. Ele contou-lhe os acontecimentos da noite. O barulho dos cavalos, o ruído das armas o despertaram bruscamente do primeiro sono. Mas quando ele quisera precipitar-se fora, a porta tinha resistido. Ele também estava· preso. Assistira da janela, testemunha impotente, à prisão de seu amigo. Após uma curta luta o fugitivo se entregara. Algemaram-no. Depois ao clarão das tochas os arqueiros o tinham levado. Onde? Agostinho o ignorava. Talvez à torre Santa Isaura; talvez à cidadela ou a qualquer outra prisão.

E qual seria sob todas as probabilidades a sua sentença? Elisabeth não teve coragem de pergunta-lo. Sua indignação caiu sobre o Sr. des PontsMarceaux.

– Eu não acreditaria que ele fosse capaz de tal infâmia, disse ela à meia voz.

– Silêncio! Aí vem alguém!...

E a janela fechou-se precipitadamente.

Daí a pouco ela ouviu a voz breve e autoritária de seu tio alternando com a de Agostinho. À medida que se prolongava a conversa, o diapasão subia. Por fim foi como um raio. “Tem de ceder! Nós veremos quem é que manda nesta casa, você ou eu”.

A conversa entre os irmãos pela janela entre aberta não se repetiu mais. Um carro transpôs no dia seguinte a grade do "Solar", era o nome dado pela gente da aldeia à elegante casa de campo dos Ponts-Marceaux.

Desceu dele um padre que o comandante recebeu no salão. A conversa durou perto de uma hora. Ao saírem eles d'ali, a Sra. des Ponts-Marceaux chamou a sua sobrinha. Desceram juntas.

Agostinho em trajes de viagem, muito pálido, mas resoluto, achava-se ao lado do padre.

Debulhada em lágrimas sua mãe adotiva o estreitou nos braços.

– Meu filho querido, como nós vamos orar para que Deus te ilumine e te mostre o teu dever! Padre Charmes, prosseguiu ela virando-se para o sacerdote, confio no Senhor! Eu sei que não usará para com ele, nem de violência nem de ameaças. É pelo amor e pela brandura só que o Senhor no-lo trará de volta!

– Fique descansada, minha Senhora! Respondeu com voz harmoniosa e bem timbrada o irmão dominicano. Não empregamos outra arma, a Sra. o sabe, senão a que empregou o mesmo Salvador: a persuasão. Nenhuma medida de coerção será tomada contra ele: dou-lhe a minha palavra.

Elisabeth incapaz de falar, soluçava por alguns instantes ao pescoço do seu irmão.

O Sr. des Ponts-Marceaux que detestava as expansões cortou as mesmas dando ordem para que entrassem no carro. A carruagem afastou-se a trote largo e logo desapareceu numa volta do caminho.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 02, São Paulo, 12 de Janeiro de 1928, p. 8-9.

CAPITULO III

AGOSTINHO

Elisabeth e seu irmão eram filhos de um gentil homem huguenote, o Snr. d'Arville.

Sua esposa, irmã da Sra. des Ponts-Marceaux, ainda que educada no catolicismo, não tardara em partilhar das convicções de seu marido.

Na época das dragonadas a benevolência do governador de Alais havia protegido a família, porém pela morte deste os bens do gentil homem foram confiscados e ele mesmo lançado na prisão. Em vão foi-lhe oferecida a restituição de seus bens e até um lugar de procurador geral se ele consentisse em abjurar ; ele foi, porém, inabalável. Morreu na prisão e sua jovem esposa o seguiu de perto na sepultura. O Snr. des Ponts-Marceaux obteve a tutela dos dois órfãos e o levantamento pela corte do ato de confiscação, sob a condição de que os meninos seriam

instruídos na religião católica. Elisabeth foi colocada num convento de meninas nobres. Agostinho, que completara seus quinze anos, segundo os cursos do colégio. Ele se viu então, contra a sua vontade votado pelo seu tio à carreira de oficial.

Este belo rapaz de cabeça loira, com uma fronte de sonhador, e de olhar por vezes tão triste, conquistara logo o coração da Sra. des Ponts-Mareeaux. Ela o queria tanto mais porque o seu tato feminino pressentia ali uma dor secreta, uma alma comprimida.

Amando o estudo, amando sobre tudo a natureza, Agostinho tinha horror da escola militar. O seu gosto estava no campo, nas florestas cujos segredos ele se esforçava por desvendar. Com que prazer, nas férias, ele partia a visitar a montanha pela madrugada! Os minérios raros, as rochas cobertas de musgo, as torrentes cavando a pederneira, tudo o interessava. Ele podia ficar horas a observar a estrutura de uma flor, o trabalho d'uma aranha; as idas e vindas de um inseto no musgo. De volta ele jamais deixava de classificar suas descobertas e de pôr por escrito suas observações. Seu sonho teria sido obter um lugar de guarda florestal; ele tinha suplicado ao seu tio que lhe permitisse entrar nessa carreira. Mas suas solicitações tinham esbarrado com uma recusa formal.

Para o velho soldado só existia uma profissão; a das armas. Ele votava a qualquer outra carreira um profundo desprezo. Agostinho viu-se, pois, forçado a desistir dos seus gostos e de seus planos pessoais para adaptar-se de qualquer jeito aos de seu tio.

Porém existia ainda outro domínio mais íntimo, mais sagrado e sobre o qual a autoridade do comandante tornava-se mais insuportável. Era o da consciência. Agostinho tinha guardado intacto no fundo de seu coração juvenil, os princípios recebidos de seus pais, mas no Solar ele foi obrigado a todas às práticas do catolicismo. Teve de assistir à missa, confessar-se, comungar, apesar dos protestos da voz interna. Seu tio o aterrorizava.

Porém ele tinha continuado secretamente em rela**ções** com os seus amigos de outrora. Era um desses que ele havia escondido na torrinha. Cláudio Noguier, por quem ele nutria uma viva amizade unida a mais alta estima, exerceu sobre o nobre moço uma influência decisiva. Foi seguindo esse exemplo que Agostinho nestes últimos dias tinha achado coragem para resistir ao comandante e dizer-lhe em face: “Faça comigo o que quiser: como meus pais, eu sou huguenote!”

Elisabeth, cinco anos mais moça que seu irmão, tinha sofrido mais do que ele o influxo do catolicismo.

Ensinaram-lhe no convento a temer a heresia de Calvino, a dar graças a Deus por tê-la preservado da mesma.

Aliás, a sua natureza de artista guardava com as pompas do culto romano, secretas afinidades. Ela ama**va** as ricas decorações das igrejas, a luz rósea ou dourada que descia dos vitrais, o perfume do incenso e, sobretudo, a música dos instrumentos onde mãos exercitadas tiravam penetrantes e suaves acordes. Assistir à missa era-lhe sempre um gozo.

Depois da partida de Agostinho ela acompanhou sua tia à capela. Mas todo o seu prazer havia desaparecido. Sentia-se inquieta, ansiosa, desorientada. O diário do prisioneiro huguenote não só lhe perturbara o coração como lhe alterara a alma. Até aí ela pouco tinha ouvido dos acontecimentos do momento. O ruído da perseguição chegava abafado aos muros calafetados do convento. E para não alarmar a moça inocente, seu irmão não lhe tinha dito senão uma pequenina parte da verdade. Bruscamente o véu se rompera e ela se sentia aterrada. Este clero sem piedade, era este o clero católico. Eram assim então o padre Charmes, sempre tão correto e bondoso, e seus irmãos dominicanos de costumes severos e de palavra eloquente. Esta religião perseguidora então era a professada pela Sra. des Ponts-Marceaux, esta nobre senhora sempre ocupada com os outros, que acudia aos deserdados e visitava os pobres nos seus casebres.

Elisabeth observou que o rosário tinha escapado dos dedos de sua tia. A Sra. des Ponts-Marceaux juntava as mãos com fervor e sua alma toda subia numa ardente prece. Quando ela se ergueu a expressão de seu rosto havia mudado. Via-se ali o sinal de uma profunda paz.

– Deus respondeu-me! Disse ela a sua sobrinha. Eu sei agora que ele nos trará de novo nosso filho pródigo. Quando? Como? Não sei dizê-lo. Porém tenho a certeza de que cedo ou tarde. Ele no-lo dará de novo!

Mais do que nunca Elisabeth teve a sensação de andar errante por um labirinto. Onde então estava a verdade? Ela também orava, pedia a verdadeira luz para si e para Agostinho. Porém das profundezas do mundo invisível, nenhuma resposta lhe vinha.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 03, São Paulo, 19 de Janeiro de 1928, p. 9-10.

Por uma bela manhã de sol, sentada no caramanchão, entretida num livro de versos, Elisabeth viu passar pelo caminho, o padre Charmes acompanhado da Sra. des Ponts Marceaux.

– Esse sistema, dizia o padre, eu também o desaprovo. Estes meios são indignos d' Aquele que servimos, do Mestre manso e humilde de coração. Não é assim que se faz tornar ao aprisco as ovelhas desgarradas. Perseguis e despertais neles o espírito de revolta; levantai forças, acendei fogueiras e fazeis deles herois e mártires!

Estas palavras aliviaram Elisabeth. Então o Padre Charmes condenava a perseguição! Ela se pôs a desejar que seu irmão se deixasse convencer, que ele acabasse por entregar-se aos argumentos do piedoso Dominicano. Soube-se nas vésperas do Natal que Agostinho estava gravemente doente. Ele se tinha resfriado na sua cela. Uma congestão pulmonar punha seus dias em perigo. A Sra. des Ponts-Marceaux suplicou seu marido para que o trouxessem de volta, ela queria tratar dele, envolvei- o no seu carinho maternal. Mas o comandante foi inflexível.

– Jamais, disse ele acentuando a palavra com a sua voz dura, jamais ele porá os pés sob o meu telhado se não tiver abjurado seus erros. Eu o farei transportar para a enfermaria do Samaritano. E demais, nós vamos mudar de tática. Com suas tergiversações, suas homélias à água de rosa, o Padre Charmes não adiantou uma linha. Ele será

visitado pelo capelão do bispo, o Padre Crespy. Eu sou pelo modo forte!

Ante esta decisão, a Sra. des Ponts-Marceaux, desolada, mas sentindo a inutilidade de novas suplicas, teve mais uma vez de se inclinar.

A única concessão que fez o comandante foi autorizar algumas visitas. Elisabeth e sua tia apressaram-se a aproveitar dela. Porém um choque rude as esperava ao pé do leito do jovem enfermo. Este rosto descarnado, estes olhos fundos e brilhantes de febre, eram mesmo de Agostinho?

Passada a primeira emoção interrogaram-no, informaram-se da sua estada no convento.

– Não tenho queixa, disse ele, os frades foram bons para mim. O Padre Charmes emprestou-me toda espécie de livros: Pascal, Bossuet... Ele é muito forte em controvérsia. Por vezes eu não sabia o que responder a seus argumentos.

Com calor a Sra. des Pons-Marceaux tomou a palavra. Ela invocou a autoridade dos bispos, dos doutores e dos concílios, a duração secular da Igreja.

A discussão foi viva. Agostinho a concluia com estas palavras:

– Aflige-me de magoá-la, de responder a sua bondade por uma aparente ingratidão. Porém nasci numa Igreja oprimida, como poderia eu unir-me a seus perseguidores? Minha consciência está empenhada nela; não posso de

outra forma! Ele calou-se exausto. A Sra. des Ponts-Marceaux, o rosto inundado de lágrimas fez um último apelo:

– Supliquei a Deus para que te abrisse os olhos, te conduzisse á luz. Se tu resistires, morrerei de dor.

Quando ela levantava-se para sair, entrou um padre, alto, espadaúdo, forte. A Sra. des Ponts-Marceaux falou com ele por alguns instantes. Ele escutava, respeitoso aparentemente, mas o traço orgulhoso do seu lábio traía o seu pensamento. Meu dever, eu o conheço! E não admito que ninguém me trace a conduta que devo seguir!

Elisabeth veio vê-lo frequentemente. Grande era a alegria de Agostinho quando podia conversar com ela com toda intimidade.

– Durante a minha reclusão, lhe contou ele, pensei muito no nosso prisioneiro da torrinha. Graças ao Padre Charmes que me sustentou pude obter que, ele fosse julgado pelo tribunal de justiça e não sumariamente executado como se pratica diariamente. A acusação traz que ele serviu de guia a um predicante. O Padre Crespy afirmou-me que a menos de uma abjuração ele será condenado à morte.

Elisabeth estremeceu. Seus olhos dilatados refletiram uma inexprimível agonia.

– Oh! Aquele baile infeliz! Murmurou ela, minha imprudência, minha vaidade! Se este homem morre, a culpa será toda minha!

– A culpa não é tua, é minha. Eu deveria ter maior cautela nas minhas idas e vindas. Porém deixemos os queixumes, é preciso agir. Um dos membros do tribunal, antigo huguenote, era amigo de nosso pai. Eu desejo expor-lhe o caso de Cláudio e insistir com ele a favor deste. Queres servir-me de secretária?

A carta ditada por Agostinho foi escrita ao conselheiro de Lassaulx. Elisabeth lacrou-a e virando-se para seu irmão:

– Eis aqui, disse ela, algumas páginas achadas na Bíblia de teu amigo. Elias levaram-me a fazer a mim mesma várias perguntas.

Queres que as leia?

A um sinal afirmativo de Agostinho ela se pôs a ler o diário do fugitivo, omitindo, porém o que lhe dizia respeito.

– Queres saber maninha, a razão da perseguição? Pois bem: tenho refletido muito, e cheguei a esta conclusão: a política certamente não é estranha ao caso, porém a verdadeira causa, devemos ir buscar no espírito de dominação, no orgulho desmedido dos jesuítas. "A Igreja somos nós! Nós somos a verdade! Fora da nossa ordem e dos que nosso poder avassala, coisa nenhuma deve existir! A Reforma põe obstáculo a nossa autoridade: suprimamo-la! E como não podemos deitá-la por terra pela palavra ou pela pena deitemo-la pela espada dos dragões! Depois persuade-se ao rei que o único meio de resgatar as desordens de sua vida privada, é a extirpação da heresia. Convencem-no que sua glória suprema está na

unificação do reino pelo ferro e pelo fogo. Ah! Que terrível responsabilidade perante Deus tomaram sobre si o Padre Lachaise e seus acólitos!

Agostinho enfraquecia de dia em dia. Mas seu olhar conservava-se calmo, sua expressão serena.

– Não podes imaginar; disse ele um dia, o que sofri durante estes anos. Esta vida em parto dissimulada, esses exercícios religiosos forçados que faziam de mim um hipócrita, que suplício! Na minha cela eu sofri a solidão, o frio, e mais as saudades das belas caminhadas pela montanha. Porém tudo isso, nada é comparado com as torturas mornas sofridas, no Solar. Agora estou em paz!

O que todavia o inquietava era a sorte de seu amigo.

– Permita Deus que ele seja libertado! Se eu não puder fazê-lo pessoalmente, tu pagarás a nossa dívida e farás tudo para libertá-lo, não é maninha? Foi em nossa casa que ele foi preso, não o esqueçamos! Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça. Depois perguntou resolução:

– Onde que o levaram, no forte de Alais?

– Não, na torre de Santa Isaura. Parece que o Padre Crespy o visita.

–O que é que sabes da família do Sr. Noguier, do seu passado? Perguntou a moça. Seu irmão outrora lho contara, mas ela não lhe tinha prestado atenção. Enquanto que agora, tudo o que dizia respeito ao prisioneiro revestia-se para ela de extremo interesse.

– Cláudio é filho de um médico de Nimes. Privado do seu ganha-pão pela Revogação, seu pai retirou-se para o campo dispensando seus cuidados gratuitos aos camponeses dos quais era muito querido. Ambas suas filhas foram trancadas num convento, uma delas morreu, a mais nova, a outra casou-se com um católico. O filho mais moço desapareceu. A Sra. Noguier pertencia a uma antiga família do Languedor. Ela faleceu no verão passado.

A resposta do Sr. Lassaulx foi para Elisabeth e seu irmão, um acontecimento. Ela era delicada e muito benévola.

"Uma coisa é certa, afirmava o conselheiro, que a pena de morte não pode ser aplicada ao preso sem flagrante injustiça. É verdade que nos termos do edito toda assistência dispensada a um ministro é passível da pena capital; porém um predicante não é um pastor. Os editos do rei sofrem interpretação menos draconiana. Tenho me empenhado muito no ânimo de meus colegas: todos, à exceção de dois parecem inclinados à clemência. Estou preparando para a próxima sessão uma vigorosa defesa em favor de seu amigo. A pena talvez poder-se-à reduzir a um ou dois anos de detenção.

A alegria deste recado pareceu reanimar Agostinho.

– Informa-te de Cláudio, suplicou ele, e se possível faz-lhe chegar esta carta em mão. Diz-lhe que eu resgatei meus anos de abandono, que fui fiel até o fim. Ainda um pedido. Falei-te de meus amigos os rendeiros da Butte. Gostaria que travasses relações com eles. A Sra. Paysac sob as suas vestes de camponesa, é uma mulher inteligente e de

espírito distinto. Encontra raras vezes um juízo mais acertado e uma piedade mais esclarecida que a dela. Ela poderia fazer-te tanto bem! Joana que é de tua idade é tão simples quanto gentil. Uma amiga como ela é que eu te desejaria.

Elisabeth fitou-o com surpresa. Ela, a sobrinha do comandante des Ponts-Marceaux, ligar-se de amizade a uma camponesa! Todo o seu orgulho de raça insurgiu-se a este pensamento. Porém ela amava demasiado a seu irmão para trair suas repugnâncias.

Febril, a respiração opressa, ele acrescentou, num sopro: Voltarás amanhã. Porém o dia de amanhã, para Agostinho d'Arville foi o dia da eternidade.

Quando, pelas dez horas; chegou o padre Crespy, ele tinha perdido os sentidos. À noite expirou.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 04, São Paulo, 26 de Janeiro de 1928, p. 11-12.

CAPÍTULO QUARTO

UM ENCONTRO

Ante o gradil do solar, com os braços cruzados via-se um homem encostado ao muro. Seu olhar ia ao encontro de um grupo estranho que lentamente avançava. Os bosques profundos iam se submergindo na sombra da tarde enquanto que o poente banhava ainda o horizonte de rubros clarões. O homem de rosto sombrio olhava e cismava...

À noite, o sangue – harmonizavam-se bem com seus pensamentos.

Contra sua vontade o espírito do comandante voltava-se para tempos passados. Pensava nos dois meninos que anos antes lhe haviam trazido. Por vários meses no exílio em casa estranha, eles acharam-se felizes por encontrar uma família.

O Sr. des Ponts-Marceaux via de novo o belo colegial, quando, ágil como um cabrito montês saltava nas alamedas sacudindo ao vento suas louras madeixas. Porém essa despreocupação pouco tempo durara. O riso, gradualmente, emudeceu, a alegria extinguiu-se, um selo de tristeza marcou a fronte do adolescente. O Sr. des Ponts-Marceaux pensava em tudo isto enquanto que silenciosos, a passos lentos; aproximavam-se os que lhe traziam o caixão de Agostinho.

Por um momento o homem endurecido esteve prestes a desatar em soluços. Porém conteve-se. Por um violento esforço recalcou a emoção prestes a ganhá-lo. A boca fez-se dura e a ruga que lhe atravessava a fronte vincou-se ainda mais. Era preciso! Murmurou ele entre os dentes cerrados, a abjuração ou a morte! Não havia meio termo.

O padre Crespy, de acordo com a família, tinha resolvido passar um véu sobre os últimos instantes de Agostinho. Aliás, havia ele colocado ao lado do leito o crucifixo, recitado orações e até mesmo administrado a extrema unção ao moribundo. Far-se-ia crer assim que ele havia partido munido dos sacramentos da Igreja, seria inhumado em terra santa e segundo todos os ritos da Igreja católica.

Deste modo estaria salva a honra e lavado de toda mancha de heresia o brasão da nobre casa dos Ponts-Marceaux.

No dia seguinte ao dos funerais, enquanto a Sra. des Ponts-Marceaux se isolava esmagada pela dor, Elisabeth, lembrando-se de sua promessa, escreveu ao major da torre Isaura.

Grande foi a sua decepção daí a poucos dias recebendo de volta a carta do conselheiro acompanhada de algumas breves linhas: Ainda que exprimindo o seu pesar, o major, instigado sem dúvida pelo padre Crespy, opunha a seu pedido uma recusa formal.

A dor pungente pela morte de Agostinho foi aumentada por esta carta inexorável.

Elisabeth convenceu-se que era sua ignorância, sua total inexperiência da vida que lhe causava esse duro revés. Mas com quem aconselhar-se? Passaram-se os meses, tristes e frios. Em vão Laura se esforçava por distraí-la: a frívola tagarelice de sua prima, toda preocupada com visitas e *toilettes*, irritavam sua dor em vez de acalmá-la.

Seu único alívio era unir suas lágrimas às da Sra. des Ponts-Marceaux. Elisabeth cercava-a de muito carinho e frequentemente acompanhava-a à capela onde a pobre senhora permanecia horas e horas a orar ou a chorar.

Muitas vezes Elisabeth voltava à torrinha às escondidas e tirava a Bíblia do seu esconderijo. Ajoelhava-

se sobre as lages, diante da estreita janela, na mesma atitude que tivera o fugitivo ao escrever o seu diário.

Abria o santo volume, mas quase sempre lia sem compreender. Seus pensamentos voavam além, amargos, inquietos. "Que pensará ele de nós, dizia ela consigo mesmo. Aquela surpresa durante a noite, o silêncio de Agostinho, seu aparente abandono?". Uma irresistível necessidade de explicar, de desculpar a conduta deles, de manifestar ao preso sua imensa simpatia subia-lhe ao coração. Porém os muros intransponíveis de uma prisão erguiam-se entre ela e aquele que agora ocupava seus pensamentos dia e noite.

Enfim rompeu-se o véu de névoa. Um sol quente derramou-se sobre os prados que se cobriram de violetas e de boninas brancas e róseas. Elisabeth um dia mandou atrelar o seu pônei e foi depositar um ramo de camélia sobre o túmulo de seu irmão. Ao passar por entre as campas, ela avistou uma moça e um rapaz, talvez irmãos, parados ante a cruz de mármore de Agostinho. A moça vestia o bonito traje provençal: saia escura, corpete justo, camisinha de tule e lenço de renda caindo em ponta sobre as costas. Uma touca de veludo encerrava seus abundantes cabelos castanhos. O rapaz trajava a blusa de camponês. Ele exprimiu-se com voz áspera, contida. Elisabeth ouviu algumas palavras:

– Eu sempre tenho dito: quando os nobres parecem ser dos nossos, é só por pouco tempo. Mais cedo ou mais tarde eles nos abandonam.

– Se o Sr. se refere a meu irmão, está enganado ... Quem dá a sua vida pelas suas convicções, não abjura!

Os dois estrangeiros voltaram-se vivamente. Ao verem a “senhorita do solar”, as faces da jovem camponesa enrubesceram. Seu companheiro descobriu-se respeitosamente.

– Conheciam-no? Perguntou Elisabeth.

– Um pouco, o Sr. d’Arville honrava-nos por vezes indo a nossa casa, e demais nós o vimos muitas vezes nas nossas reuniões.

Seu irmão, acrescentou: Ele dava-se intimamente com Cláudio Noguier e os dois amigos encontraram-se mais de uma vez sob o nosso teto.

Este nome fez estremecer Elisabeth.

– Sr. Noguier? Sabe o que é feito dele? Tem alguma notícia?

– Ele está na torre Santa Isaura; a dois passos de nossa casa, disse a moça camponesa. Porém, se ele estivesse no fundo de uma masmorra em Paris, não estaria mais afastado do que está. O padre Crespy que pretende convertê-lo, proibiu toda visita. Nossa mãe suplicou ao carcereiro que lhe permitisse uma entrevista, ou ao menos lhe levasse os nossos recados... Trabalho perdido! A ordem é inexorável.

Por sua vez o moço falou: Tinham-no detido ao princípio com outros, na sala grande, sob as ameias. Mas o padre Crespy entendeu que essa prisão era confortável demais para um herético e fê-lo encerrar-se só em uma

masmorra. Daqui a pouco os jesuítas teriam uma nova vítima: não abjurando, ele será inevitavelmente enforcado.

Elisabeth comunicou-lhes as declarações do conselheiro de Lassaulx. Eles alegraram-se com elas, porém, no fundo conservavam suas dúvidas.

– Nós temos visto muita coisa para ainda confiarmos na justiça!

As camélias foram depositadas ao lado de um fresco ramo de flores do campo: prímulas; miosótis e violetas.

– Foi a Sra. que adornou o túmulo de meu irmão? Disse Elisabeth, vivamente comovida. Diz-se sem razão que os mortos são depressa esquecidos.

– Como jamais esquecê-lo! Nós tínhamos por ele *tanta* amizade, tanta *estima!*... Ele *amava* nossa mãe e dizia-nos que ela lhe fazia lembrar a dele. Elisabeth olhou com atenção para a jovem camponesa e viu-lhe os olhos mareados de lágrimas e os lábios a tremerem. Então por uma súbita intuição:

– A Sra. é Joanna Paysae! Disse ele este moço é seu irmão Marcos!

Foi o bastante para dissipar toda reserva. Elisabeth contou-lhes suas visitas à Enfermaria, a paciência de Agostinho, sua invencível firmeza. Disse-lhes também quanto ele tinha desejado que ela os conhecesse.

Assim discursado eles saíram do cemitério. Elisabeth fez sinal ao cocheiro que a esperava que os acompanhasse

de longe. Juntos caminharam para o lado da quinta da Butte.

– Vê aquela cabana no alto, na orla do bosque? Disse a jovem Paysae. É a choça de Guerraz, do miserável que por alguns florins vendeu Cláudio. Não é uma coisa inaudita? Com uma simples denúncia prende-se um homem. E isto é coisa de todo dia... O dinheiro do sangue não lhe aproveitou. Uma árvore que ele abatia caiu repentinamente quebrando-lhe a espinha dorsal.

A família dele está na maior miséria. Como não ver aí o juízo de Deus! Nossos inimigos, prosseguiu ele com exaltação, não triunfarão sempre. Mazel e dois outros chefes receberam ordem de arvorar o estandarte!... É uma era nova: que se levanta sobre as Cevenas!

Marcos ia prosseguir, porém um sinal de sua irmã impôs-lhe silêncio. Chegavam à quinta. Gentilmente eles convidaram a companheira a entrar.

A Sra. Paysae recebeu-a muito afetuosamente.

Era uma mulher pequena, de rosto enrugado, mas no fundo dos seus belos olhos pardos, brilhava uma luz dourada. Era como que o reflexo de uma vida intensa, de uma alma inabalável e em paz.

Elisabeth sabia que os Paysae eram uma das raras famílias huguenotes para a qual nem promessa, nem tão pouco ameaça tinha válido. Ela indagou de que maneira eles tinham podido resistir na ocasião das dragonadas.

– Avisaram-nos da chegada dos soldados, disse a mãe. Na véspera levei minhas filhas em casa de parentes nos altos Cevenas. Os dragões roubaram nossas provisões, levaram o nosso gado. Tomaram-nos tudo, salvo nossa fé e nossa firme confiança em Deus.

À despedida Joana apertou afetuosamente a mão de Elisabeth.

– Apareça! Disse-lhe ela. Nós a veremos sempre com muito prazer!

A Sra. Paysae, envolvendo-a com o seu olhar luminoso, lhe disse:

– Que Deus a abençoe, minha filha!

Havia na modulação de sua voz algo de tão terno e maternal que de improviso o coração de Elisabeth se lhe afeiçoou. Ela saiu prometendo voltar.

A Sra. des Ponts-Mareeaux frequentemente doente e de cama não saia mais a visitar seus amigos humildes. Era agora Elisabeth que em nome dela os visitava, levando-lhes seus donativos e os testemunhos de sua simpatia. Frequentemente ele deixava na Butte seu carrinho leve e com passo ágil escalava as encostas para visitar as choupanas. Atrás do seu bosque de castanheiros, o velho castelo da Torre de Isaura, irresistivelmente lhe atraía os olhares. Era uma misteriosa fascinação. Um dia, deixando a estrada, ela subiu o trilho pedregoso a fim de ver de bem perto o sombrio torreão. Por longo tempo ali permaneceu a contemplar as torres maciças, as muralhas formidáveis... Quanta angústia, quanto pranto esses muros espessos

sufocariam nas suas entranhas de pedra! Quantas existências ali se arrastavam e pobres vidas ali se apagavam na noite e na solidão! Sufocava-a só o pensar naquelas portas de ferro, naqueles subterrâneos e naquelas grades inexoráveis. Foi com o coração grandemente confrangido que após esta silenciosa visita ela tomou de novo o caminho para o solar.

Um dia, ao regressar de uma choupana isolada, ele de novo deteve-se ao pé da Torre.

Duas crianças passaram por ela em corrida desabalada. De repente o mais novo caiu no caminho, e levantando a cabeça se pôs aos gritos. Ela acudiu. Molhando o seu lenço no riacho, lavou-lhe o joelho ensanguentado, os lábios feridos e a boca cheia de areia.

Ele aceitava esses cuidados enquanto sua irmã, qual uma corça selvagem, olhava de longe. Elisabeth tomou pela mão o menino enfim consolado.

Onde moras? Perguntou ela. Com o dedo ele apontou o sombrio castelo.

– Que! Serás porventura o filho do carcereiro? Disse ela estremecendo. Ele com a cabeça acenou que sim.

– Como te chamas?

– Eu me chamo Jorge. E aquela é Yvonne, minha irmã. Tenho mais outra, uma bem grande, acrescentou ele logo. Uma moça de quinze anos aproximadamente vinha ao encontro deles, tendo nos braços uma criança não muito nova.

– Olhe lá a grande! Prosseguiu o pequeno Jorge. É Gisele!

Elisabeth tinha diante de si os quatro filhos do carcereiro. Era este um encontro que sobremodo lhe agradava e também a comovia.

Ela logo descobriu que Gisela a conhecia. De longe a menina vira frequentemente a “senhorita do solar” passar no seu carro.

Caminharam juntos a conversar até um grande castanheiro. Um carrinho de criança estacionava ao lado do banco tosco. Desejando prolongar a conversa, Elisabeth sentou-se, admirou o pequerrucho, acariciou os cabelos de Jorge. Para obter informações sobre as prisões, os hábitos do pessoal e sobre os presos não lhe foi preciso fazer muitas perguntas. Gisela, assim como o seu irmãozinho, era muito confiante e comunicativa.

– Não há na torre um preso com o nome de Noguier? Perguntou enfim Elisabeth.

– Não sei, nós vemos frequentemente os nossos presos, quer nas suas celas, quer no pátio à hora do passeio. Porém para nós eles não têm nome!

– Eles devem ser bem maus e perigosos, para estarem assim enclausurados, prosseguiu Elisabeth.

– Alguns, mas não todos. Há alguns que não nos metem medo nenhum: são os huguenotes.

– O que eu quero mais bem, interrompeu Jorge, é o preso do subterrâneo. Ele me põe no colo. Foi ele que me fez

meu cavalo de pau; · meu barco e minhas flechas. Quer vê-los? Posso ir buscá-los?

– Vai buscá-los, quero muito ver teus brinquedos! Eu os acompanho até a grade. Certamente não será permitido a estranhos entrar além.

– Oh! Os colportores e os músicos ambulantes entram bem! As sentinelas guardam a porta, mas não é preciso ter receio. A Sra. gostaria de ver o pátio interno?

Aí é que Jorge cavou o seu tanque, perto da fonte. A Sra. verá boiar o barquinho dele.

Sob a mão de Gisela a pesada aldraba caiu por duas vezes, a porta de ferro abriu-se. Dois soldados estavam de guarda ante o pórtico. Gisela apresentou a "senhorita do solar." Eles abaixaram as armas e deixaram passar.

Elisabeth viu de relance o espaçoso pátio para onde convergiam várias alas do edifício. Os meninos mostraram-lhe o tanque em miniatura e o esquife à vela que eles faziam avançar assoprando. Yvonne, a esquiva menina se havia aproximado. Elisabeth tentou ganhá-la também.

– E tu, não tens brinquedos? Não postarias de ter uma bela boneca com cabelos de verdade? Se fores boazinha, eu te trarei uma qualquer dia.

Os olhos da menina brilharam, porém ela calou-se.

Fizeram sentar a visita. Jorge veio trazendo seus tesouros e os depositou sobre os joelhos dela. Ia ela

examinando os objetos muito bem esculpidos e fazendo várias perguntas nos meninos.

– Faz tempo que está aqui esse seu amigo do subterrâneo?

– Só desde o outono.

– Que aparência tem ele? É moço, ou velho?É alto?

As respostas não tardaram, um pouco incoerentes, pois os três queriam explicar ao mesmo tempo. Ela escutava-os com atenção extrema. O rosto que eles lhe descreviam: moço, moreno, olhos e cabelos pretos, respondia traço por traço a uma descrição que seu irmão lhe fizera outrora.

Ela beijou os dois pequenos, interpretou a mão de Jorge e prometeu a boneca para a semana seguinte.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 05, São Paulo, 2 de Fevereiro (a data impressa saiu como 2 de Janeiro) de 1928, p. 8-10.

CAPÍTULO V

O PRESO DO SUBTERRÂNEO

Elisabeth cumpriu sua palavra.

Desta vez Gisela insistiu em mostrar-lhe o seu quarto, um alegre e gracioso quarto de moça, forrado de papel claro e cortinas brancas, a janla ornada de gerânio em flor. Este ninho encantador formava um estranho contraste com os longos corredores sombrios, com a espessura e anosidade dos muros.

Um laço de amizade não tardou a estabelecer-se entre Elisabeth e os filhos do carcereiro. Ela viu o pai deles, o carcereiro Barnes. Ouviu o nome – que ela já sabia – do preso do subterrâneo. Quando lhe pareceu que a intimidade estava assaz estabelecida, escreveu algumas linhas num cartão e colocou-o juntamente com a carta do conselheiro de Lussaulx dentro da Bíblia, a qual foi confiada às mãos de Gisela.

– Eis um embrulhozinho para o Sr. Noguier, um livro que lhe pertence; consentiria em lho entregar? Seu pai certamente não se oporá a isso! Concluiu ela com voz extremamente insinuante.

– O padre Crespy proíbe que se lhe entregue qualquer coisa a não ser os grossos alfarrábios que ele lhe traz. Mas papai diz que isso é uma indignidade! Um preso tão dócil, tão gentil! Ele não cometeu crime algum e é mais duramente tratado que os próprios assassinos. . .

Gisela mergulhou-se um instante nas suas reflexões. Depois, voltando-se de súbito para a sua companheira:

– A senhora gostaria de vê-lo?

– Ver quem?... O preso do subterrâneo? Exclamou Elisabeth fazendo-se pálida.

Veio-lhe tão inesperada esta proposta que ficou sem palavra, turbada e alterada. Achar-se em face desse desconhecido cuja lembrança a perseguia, que de há meses ocupava todos os seus pensamentos... A esta perspectiva uma estranha emoção apoderou-se dela.

– Todos os outros presos recebem visitas, acrescentou Gisela: ele nunca. Os que vão visitá-los dão a papai uma moeda de 40 soldos e ele sempre os deixa entrar. O preso do subterrâneo ficaria tão contente de vê-la!

– Como é que sabe isso? Você falou-lhe a meu respeito? Perguntou vivamente Elisabeth.

– Certamente. Eu contei a ele como nos tínhamos encontrado, e também suas visitas à torre. Tudo isso pareceu interessá-lo muito. Ele fez-me várias perguntas.

– Ele disse a você que desejaria ver-me?

– Não assim diretamente. Mas pelo seu olhar e pela expressão do rosto, percebi que se daria por muito feliz se a senhora o fosse visitar.

Vendo a hesitação de Elisabeth, prosseguiu:

– Oh! Não tenha medo! O subterrâneo é sombrio. É frio e úmido, porém é limpo. Nas outras prisões há masmorras infectas e cheias de insetos asquerosos. Aqui não. Nós cuidamos dos nossos presos.

Elisabeth aprumou-se. Uma súbita resolução passou pelo seu olhar. Apesar do tremor interno que se apoderara dela, disse com firmeza:

– Pois bem! Se seu pai consente, eu acompanho-a. Porém às propostas da filha, o carcereiro objetou:

– Tenho ordens, e as ordens do padre Crespy são formais: ninguém pode vê-lo, entendeu ? Ninguém!

– O senhor jurou obediência ao padre Crespy?

– Não, mas é terrível esse padre! Ai de quem cai no seu desagrado...

– Pai, interveio Gisela, ele aqui esteve esta manhã. Só o veremos de novo daqui a dias.

– Se isto pode tranquilizá-lo, disse Elisabeth, dou-lhe a minha palavra de que não o trairei. Uma vez que a sua consciência não está comprometida, tome isto. O senhor pode aceitá-la sem escrúpulo. E pôs-lhe na mão uma pequena moeda de ouro.

Com uma destreza que traia longa prática, Gisela desenganchou da parede um grande molho de chaves. O carcereiro segurava a moeda, hesitava, acariciava-a com os olhos.

– A pequena sempre faz a sua vontade, disse enfim como para desculpar-se. Eu vou fumar meu cachimbo no pátio. De nada sei, nada vi, nada ouvi! Saiu. Gisela acendeu a lanterna, abriu uma primeira porta e Elisabeth viu uma escada que descia, e perdia-se nas trevas. Uma rajada de ar gélido, sepulcral, lhe bateu no rosto e a fez estremecer.

– A senhora tem algum receio disse Gisela sorrindo. Eu não! É que não está acostumada. Venha. Sobre as grandes lages o ruído dos passos soava de modo estranho. Atingiram por fim uma maciça porta de ferro.

– É aí, disse ela.

A pesada chave rangeu na fechadura e a porta abalou-se. A filha do carcereiro avançou com uma saudação amável e pousou a lanterna sobre a mesa. Duas ou três palavras foram trocadas. Elisabeth permaneceu alguns segundos imóvel na sombra retendo a respiração. Em frente à mesa um homem estava sentado. A lanterna alumiava-o plenamente com a sua luz avermelhada. Os traços eram acentuados e a cabeleira atirada para trás descobria a fronte. A linha do perfil correto e viril, desenhava-se com nitidez sobre o fundo tenebroso do subterrâneo.

– Veja, disse Gisela, eu lhe trago uma visita! E, levantando a lanterna, fez projetar os seus raios sobre a moça que se aproximava. O preso levantou-se como que impelido por uma mola.

– Elisabeth!... Ah! Perdão, Senhorita d'Arville!..

Neste grito espontâneo, uma alegria comovida unia-se a um profundo espanto. Dominando-se com esforço: – A Senhora aqui!... Oh que bondade e generosidade da sua parte ter-se lembrado de um pobre preso...

Respeitosamente ele ofereceu-lhe o único assento, porém ela conservou-se em pé.

O Sr. Barnes consentiu que eu entrasse apesar do padre jesuíta, disse ela esforçando-se por firmar a voz. Venho da parte de meu irmão. Ele encarregou-me de entregar-lhe esta carta. É do conselheiro de Alsis, Sr. de Lassaulx, que conhecia nosso pai... Nós lhe escrevemos.

Ela abriu rapidamente o embrulho.

Cláudio soubera pelo carcereiro da morte de seu amigo.

– Foi-me um golpe doloroso! Disse ele. Nossa amizade vinha de longe, ele era para mim mais que um irmão. No seu luto que era também o meu simpatizei profundamente!

Ela agradeceu-lhe com um olhar.

– Trago-lhe a sua última mensagem. E citou-a textualmente. Na enfermaria ele falava do senhor frequentemente, sua sorte o preocupava. Eis a carta.

Ele rapidamente a leu.

– Meu bom, meu querido amigo! Disse ele comovido. Eu bem sabia que ele não se esquecia de mim. Por meses tenho me preparado para morrer.

O Sr. de Lassaulx toma em mão a minha causa, promete defender-me... É tão magnífico quanto inesperado. Que é um ano ou dois de detenção quando a esperança da liberdade brilha pelo meio? Como exprimir-lhe minha viva, minha profunda gratidão?

– Mas nós temos uma dívida a seu respeito! Murmurou a moça. A hospitalidade é uma coisa sagrada, deveríamos melhor ter cuidado da sua segurança. Sem nomeá-lo, ela referiu-se ao papel desempenhado pelo seu tio na cena da prisão, o que a enchia de vergonha e de dor.

Contou-lhe o que de há muito a oprimia: sentimento de não ter sabido prever, imprudências, negligências, oh! quão involuntárias. Ao som da voz dela mais ainda do que

pelas suas palavras, ele adivinhou o que ela sofrera, o peso da agonia que anuviara essa vida tão nova. Ele quis libertá-la de um golpe.

– Então a Senhora crê, disse ele lentamente, com voz grave e meiga, que nosso destino depende dos acasos de um encontro, de uma palavra, de um gesto imprudente? Não, não! O acaso não existe. É uma mão poderosa, infinitamente sábia, que traça nosso caminho. Entrava nos planos de Deus a meu respeito que eu sofresse esta detenção, que minha coragem e minha fé fossem postas a prova. Prometa-me, prosseguiu ele com tranquila autoridade, prometa-me que nunca mais se há de acusar nem se afligir a meu respeito!

– Isso não lhe posso prometer! Disse ela enquanto os seus olhos enchiam-se de lágrimas.

Mas as suas palavras fazem-me bem. Obrigada! Involuntariamente os seus olhos levantaram-se para a estreita janela gradeada de ferro, percorreram os muros nus vertendo umidade, o miserável leito de palha...

– E é aqui que o Senhor tem de viver, meu Deus, é nesta obscuridade que tem de passar os dias, as semanas, os meses! Toda a pungente simpatia da sua alma se fazia sentir na sua voz.

– O horror da prisão lhe é mais sensível do que a mim mesmo! Disse ele com um sorriso, um belo sorriso que, qual o sol em paisagem brumosa, iluminou-lhe o rosto todo. Nós nunca devemos desesperar. Devemos ter confiança no Todo Poderoso, Naquele que tem nossas vidas em suas mãos.

Esse “nós” que os aproximava, que parecia envolvê-los, unindo de alguma sorte os seus destinos, tocou-a profundamente. Com confiança, pormenorizando, ela contou-lhe os últimos dias de Agostinho, sua visita ao cemitério, suas relações com os rendeiros da Butte. Aludiu igualmente ao acidente de Guerraz, o traidor, e a miséria da sua família.

– Ah! Exclamou o preso involuntariamente. E esta exclamação dizia muita coisa. “Enfim a justiça o atingiu! Teve a paga da sua infâmia”.

Porém foi apenas como um relâmpago. Os seus traços contraídos logo distenderam-se.

– Pobre gente! Disse ele com simpatia. Não lhes quero mal, tenho dó delas! E após um silêncio Gisela contou-me que a Senhora vai frequentemente visitar e socorrer os pobres da aldeia...

Ela compreendeu o que ele queria dizer.

– Sim, disse ela vivamente, irei vê-los, lho prometo. Esforçar-me-ei por lhes ser útil. Farei isso pelo “senhor”. Ela acentuou esta última palavra de tal forma que o fez estremecer. Ele aproximou-se e, tomando nas suas mãos a da moça, apertou-a com um “obrigado” que lhe brotava do coração. Ela não retirou a sua.

– É belo, é grande, saber pagar a ofensa com o bem, prosseguiu Elisabeth! Depois, lembrando-se do “nós” tão cheio de encanto que empregara o preso, ela quis usá-lo também:

– É uma magnífica ocasião que Deus nos concede de nos vingarmos cristãmente!

Então Gisela que se deixara ficar discretamente a distância, no fundo da masmorra, deu um passo para aproximar-se. Eles compreenderam que a entrevista havia assaz durado.

– Mais uma vez lhe agradeço de todo o coração por ter vindo. Minha prisão não me será mais tão negra nem tão triste; conservarei nela a sua imagem. E com alguma hesitação, como se solicitasse uma graça insigne:

– Consente que lhe beije a mão?

Ela teve a tentação de dizer: Beije-me a fronte como o fazia meu irmão! Porém contentou-se em abandonar a sua mão àquele que a tinha presa. Então, dobrando o joelho, os seus lábios aí pousaram.

– E até à vista e não adeus! Não é verdade? Disse ele em voz baixa e concentrada.

– Se Deus quiser! Respondeu ela com fervor. Novamente as moças passaram pelas trevas dos corredores subterrâneos. Gisela timidamente voltou-se para a sua companheira:

– A senhora já o conhecia de há muito? Indagou ela.

– Vi-o esta tarde pela primeira vez. Porém é exato que eu o conhecia de há muito. Parece-me até, acrescentou ela pensativa, que eu o conheci sempre...

De volta ao solar, Elisabeth encontrou a Sra. Des Ponts-Marceaux estendida sobre o divã. A doente sentia-se melhor. A expressão de profunda angústia que frequentemente lhe anuviava o semblante havia desaparecido. Pela oração perseverante, a valente cristã elevara-se acima do seu tempo e de sua Igreja.

– Sinto-me feliz esta noite! Disse ela à sobrinha. Encontrei de novo meu filho. Deus, que vê no coração, dá-me essa certeza: Ele o recebeu em graça!

– Eu nunca duvidei disso! Disse Elisabeth, e, inclinando-se, beijou a sua tia e acariciou-lhe os cabelos escuros onde já brilhavam uns fios de prata: Um imenso desejo lhe veio de ajoelhar-se aos pés de sua mãe adotiva, de apoiar a cabeça sobre os joelhos dela de verter para essa alma amante aquilo que trasbordava da sua própria. Porém o silêncio impunha-se. Recalcando esse desejo de expansão, com os olhos mareados de lágrimas ela deixou o aposento. O bosque de oleandro oferecia-lhe refugio e solidão.

Assentando-se sobre a relva, tentou dominar sua exaltação, por um pouco de ordem no tumulto dos seus pensamentos. O preso, ela o vira, sua voz lhe chegara aos ouvidos, ele lhe falara. Deste encontro, deste contato momentâneo com uma outra alma ela recebera como que um choque misterioso que lhe abalava todo o ser. Não era tanto o rosto que a impressionava, ainda que bem lembrasse de dois olhos negros e penetrantes que sobre ela se haviam fixado com estranha doçura: o que mais a impressionara fora a voz. Aquela voz clara que vibrara com tão profunda ternura e depois com tanta autoridade quando lhe vedava o afligir-se por sua causa, aquela voz lhe revelara um caráter. De tudo isto ela conservava uma

visão de beleza moral que a deslumbrava. Jamais ela vira fundir-se em harmonia igual dois traços que pareciam antagônicos: a energia e a brandura.

Agostinho era, por natureza, brando e tímido. O Sr. des Ponts-Marceaux era de vontade forte, mas quão dura!, enquanto, no preso, a energia viril se aliava a resplendente bondade. Ela tentou reviver a cena da prisão; mil sentimentos diversos: o enternecimento e a gratidão, a admiração c a piedade ferviam nela, se entrechocavam, rompiam enfim todas as barreiras e fundiam-se num oceano de amor. Resistir? Ela era tão incapaz disso quanto os habitantes das Províncias Unidas o eram de se oporem à invasão das águas do mar, uma vez seus diques rotos.

Um grande amor é sempre uma fonte de gozo porque a alma nela mergulha por completo. Elisabeth nesse momento, não pensava no sofrimento agudo, no dilacerar da alma que um amor assim, em tais circunstâncias, devia necessariamente acarretar. Inconsciente do futuro, presa à deliciosa emoção da hora presente, ela entregava-se sem reserva. Demais, no sentimento tão profundo que a subjugara não entrava egoísmo nenhum. A sua vida de nada valia. Só ele é que era de importância. Ser-lhe-ia fiel, guardar-se-ia para ele, ainda que num futuro longínquo, ainda que na morte...

Todas as complicações da existência se apagavam, os deveres da sua posição não existiam para ela... Amar, dar a sua vida: era tudo tão simples!

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 06, São Paulo, 9 de Fevereiro de 1928, p. 10-12.

CAPÍTULO VI
UM DRAMA NA ILHA DO GARDON

Elisabeth voltava da sua visita à cabana dos Guerraz. Em volta dela expandia-se a primavera; cobria os galhos com uma folhagem transparente e leve, fazia pender das moitas cachos de ouro, casulos de seda e tufos de corolas vivas. No ar tépido miríades de asas de insetos reluziam e vibravam. A moça caminhava entre duas sebes de espinheiro em flor. Seu olhar, por cima da matas, buscava as torres de Sta. Isaura. Pensava nos seus amiguinhos que não tornara a ver. Súbito, numa volta do caminho; ela encontrou-se com Gisela que lhe disse estarem os pequenos a brincar à beira do riacho e que ia em busca deles .

– Eu acompanho-a, disse Elisabeth. Vou contar a você em duas palavras a minha visita de hoje. Venho da casa de Guerraz, o traidor. Gisela fez um sinal de que compreendia. A mulher dele é uma pobre criatura doentia, sem vontade. Agradeceu-me muito as provisões que eu levava. Quando contei da parte de quem eu vinha, o homem voltou-se para a parede e não descerrou os dentes.

Tenho a impressão de que a sua consciência está despertada e que o remorso o atormenta. Existe alguém a quem esses pormenores interessariam seguramente. Você quer transmitir-lhos?

– Falo-ei! Disse Gisela. Eis aí o nosso bandinho. Parecem divertir-se muito. De fato, as crianças estavam muito atarefadas. Yvette e Jorge, aos quais se uniram outros companheirozinhos, entre eles Magdalena e Maurício, os pequenos da família Paysae, trabalhavam ativamente.

Construiam um vau para alcançar a margem oposta. O riacho, cheio pelas chuvas da primavera, dividia-se em dois braços que cercavam um pedaço de terra onde cresciam giestas, arbustos e tojos.

– É o Novo Mundo, a América, disse Jorge. E está cheio de animais ferozes. Há ali também índios e árvores que ainda ninguém conhece. É preciso preparar nossas espingardas...

Gisela ria.

– O preso, explicava ela, contou-lhes um destes dias a história de Cristovam Colombo. E este menino o que ouve logo o faz passar nos seus brinquedos.

– Ah! Compreendo! Disse Elisabeth subitamente interessada. Esta água é o oceano. Além é uma praia desconhecida. E estas pedras marcam o caminho seguido pelos nossos navios. Coragem! É preciso navegar por muito tempo, porém acabaremos por abordar. Ela pôs-se assim como Gisela à procura de pedras grandes. Quando os pequenos viram que não só sua irmã, porém também a Senhorita do solar partilhava do seu brinquedo, o entusiasmo deles não teve mais limites. O vau concluiu-se logo. Então o bando todo pode tomar pé na praia americana. Ali, mudança de cenário e metamorfose dos atores. Jorge fez questão de representar Cristovam Colombo em pessoa e escolheu dois companheiros. Os meninos transformaram-se em Peles Vermelhas e as meninas em feras. Elisabeth representava um velho chefe sentado no seu acampamento à sombra das palmeiras, servido pela sua escrava, que não era outra senão Gisela.

– Agora, nossas espingardas! Gritou Jorge armando-se de um galho seco. Vamos matar os animais ferozes e todos os índios!

Elisabeth interveio.

– Matar homens!... Colombo jamais fez isso! Porque não te unes antes a minha tribo para destruirmos os animais ferozes?

O pequeno explorador achou bom o conselho e seguiram-se corridas e risadas e tiros pelo arvoredo em perseguição aos animais ferozes. Quando os caçadores faziam alguma captura traziam-na em triunfo ao acampamento. Por fim os meninos cessaram com o brinquedo e cansados vieram sentar-se em torno de Elisabeth pedindo que ela lhes contasse uma história. Ela contou-lhes a história de Daniel na cova dos leões. Finda esta, ela propôs-lhes outra coisa.

– Há tantas flores; pontue não colheríamos um ramalhete?

As mãozinhas depressa puseram-se a colher. Miósitos, violetas, boninas, margaridas amontoaram-se no colo de Elisabeth. E de volta, ao subir a encosta:

– A quem daremos este ramo? A quem irá ele alegrar? Perguntou ela interrogando-os com o olhar.

– Eu sei! Disse Jorge. Levemo-lo ao preso do subterrâneo.

– Sim, acrescentou sua irmã timidamente, ele não sabe que agora é a primavera.

– Coraçõezinhos bons!... Vocês não se esquecem daqueles que passam estes dias magníficos na escuridão dos calabouços! É verdade que para eles não existe a primavera!

Caminharam alguns instantes silenciosos. Elisabeth via em espírito o preso, sentado a sua mesinha na treva, no frio, na absoluta solidão do subterrâneo. Depois, à tardinha, as crianças ali penetrando, qual um jato de alegria e de luz.

Ouvia-os contar-lhe com animação como haviam representado a sua história na ilhota do Gardon... Via as flores a alegrarem a masmorra com o seu brilho de primavera espalhar em torno dela seus suaves aromas. Então, durante alguns minutos, ela sentiu-se profundamente feliz.

Mas, ele não permaneceria para sempre fechado na torre sombria. Um dia, ele haveria de sair dali... Ela imaginava-o, transpondo o pórtico monumental e descendo pelo trilho a passos rápidos. De súbito ela estremeceu. Uma sombra projetou-se na sua frente, um homem descia pelo trilho... Porém sua alegre emoção mudou-se subitamente em viva contrariedade. Ela acabava de reconhecer o cavaleiro de Gartel.

– Eu a buscava! Disse ele, e agradeço a minha boa estela que me fez encontrá-la. Que imprudência para uma moça arriscar-se sozinha pelas estradas!... Os montanheses, a Sra. o sabe, pegaram em armas, e seus bandos selvagens podem descer qualquer dia até aqui?!

– Nossos montanheses das Cevenas, oh! eu não os temo. Eu temeria muito mais as tropas reais, replicou ela, com certa bravata. Se em represália nossa gente enxotou os curas, ela ao menos jamais toca nas mulheres e nas crianças.

– Não é bom fiar-se nisto, insistiu o cavaleiro com ar grave. As estradas hoje só são seguras para gente bem escoltada ou bem armada. O seu velho cocheiro também não é mais uma escolta. É preciso ser prudente até que acabemos com esta canalha!

– Esta canalha! Repetiu a moça cujas faces enrubescerem. O Sr. se esquece, Sr. cavaleiro, o que lhes fizeram. Aos nossos montanheses, queimaram-lhes as casas, roubaram-lhes os filhos e os bens. E o senhor estranha que por fim eles se insurjam contra seus perseguidores?

O cavaleiro olhou sem responder para Elisabeth. Uma chama ardia nos olhos dela, as faces estavam coloradas pela indignação, a atitude era altiva. Ele jamais a vira tão bela. Parecia-lhe uma rosa cheia de espinhos que bem dificilmente se deixaria colher; entretanto, impossível talvez não fosse.

Chegavam na encruzilhada.

– Tome! Disse ela passando a Gisela o ramo florido. Renove-lhe a água frequentemente para que as flores se conservem frescas por bastante tempo.

Em frente à Butte, Elisabeth encontrou de novo seu carro e Gartel o seu cavalo que ele havia preso a uma

árvore. Os moços caminharam em silêncio por alguns instantes.

Em tom amigável de camaradagem o cavaleiro prosseguiu na conversa.

– Eu compreendo que a Sra. tenha para esta gente alguma simpatia. Eles têm sido tratados duramente. Apesar de meu ofício de soldado, eu sou pela tolerância. Na vida privada eu jamais usaria de rigor para quem quer que fosse que não partilhasse das minhas crenças. Em matéria de religião deve-se deixar cada qual livre de praticar como entende.

– São estas suas convicções, disse a moça admirada, e há dez anos que o Sr. toma parte nas dragonadas! O Sr. não recua de lançar seus homens sobre os huguenotes, de constrangê-los a abjurar, de espada em punho, torturando até à morte os que lhe resistem!...

– Não exagere. É-nos proibido matar. Quanto à torturas, outros as têm feito; eu me tenho sempre oposto a elas. Porém a repressão da heresia é a ordem formal da corte. O meu dever é a obediência aos meus chefes, – minha consciência, a vontade do rei!

– Se assim é, lastimo a sua sorte! Não pode deixar de responder Elisabeth. Pressentindo que sobre este como sobre vários outros pontos o acordo era impossível, daí em diante apenas trocaram algumas frases banais.

Durante as duas semanas que durou a estada do cavaleiro de Gartel no solar, Elisabeth observou que ele fazia uma corte assídua a sua tia cumulando-a de atenções.

Por isso não ficou surpreendido quando uma noite a velha senhora lhe disse em tom de confidência:

– Minha filha, tua atitude para com o cavaleiro magoa-me muito. Não quero dizer que ele seja sem deleito, mas ele tem coração, tem sentimentos delicados, é bondoso!

Ontem ele falou-me de sua mãe em termos muito afetuosos. Parece-me deveras que ele é o homem em cujas mãos eu posso confiar sem receio o teu futuro.

A Senhora des Ponts-Marceaux, leal e generosa, não suspeitava o mal nos outros. Este demasiado otimismo já lhe causara mais de um desengano. Porém essas experiências não a tinham corrigido.

Para evitar de contrariá-la, Elisabeth desistiu de discutir o caráter do seu hóspede. Contentou-se em apresentar um único argumento que lhe parecia decisivo.

– Eu não o amo; ele me é absolutamente antipático. Ah! minha querida tia, deixe-me ficar com a Senhora.

– Mas não me terás para sempre. Minha saúde está abalada, de um dia para outro posso faltar-te. E ser-me-ia tamanho descanso saber-te protegida.

Elisabeth abaixou-se silenciosa para beijá-la. Quão pesado lhe era, por vezes, seu querido, seu doloroso segredo! Que fardos tão pesados se tornavam essas recordações que ela a ninguém podia confiar! Felizmente uma diversão produziu-se que a veio aliviar. Laura entrava com o seu bordado na mão. Elisabeth ofereceu-se para fazer uma leitura em voz alta.

– Se tomasses a tua guitarra! Propôs Senhora des Ponts-Marceaux. A moça obedeceu solicita. Na música lhe seria permitido exprimir seu amor e sua dor, ela poderia derramar ali os sentimentos cuja intensidade tanto a oprimia. Seus dedos ágeis correram sobre as cordas e com uma expressão que suas ouvintes jamais lhe conheceram, ela lhes contou, com voz fresca, todo o seu repertório de hinos, de romances e de antigas baladas. Ao beijá-la à hora de recolher-se, a Sra. des Ponts-Marceaux envolveu sua sobrinha num olhar longo, inquieto, penetrante e interrogador. E este olhar dizia, – Elisabeth não se podia enganar. Minha filha querida, escondes qualquer coisa de mim!...

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 07, São Paulo, 16 de Fevereiro de 1928, p. 9-11.

CAPÍTULO VII

A PARTIDA

"Venha! Meu pai tem comunicações importantes a lhe fazer. Trata-se do preso".

Tal era, em suma; o recado que Elisabeth recebeu de sua amiguinha alguns dias mais tarde.

Atendendo ao convite, ela entrou apreensiva na salinha onde o carcereiro, terminado o serviço, a pode receber por uns instantes.

– Conforme lhe disse Gisela, trata-se do Sr. Noguier. O padre Crespy, não duvidando de poder convertê-lo, havia obtido do tribunal de justiça que o seu julgamento fosse

adiado. Porém ele constata o insucesso de seus esforços. Vi há dias este padre, que geralmente se domina, sair da prisão em grande cólera, exclamando: "É um endurecido! Um herege obstinado! Tem resposta para tudo! Fiz o que pude para salvá-lo da forca; agora lavo as mãos!...

O carcereiro que estava bem informado pode contar a Elisabeth o que tinha acontecido.

– Os membros do tribunal de justiça eram quase todos pelo nosso preso. O Sr. de Lassaulx pronunciou a favor dele uma admirável defesa. Foi o padre Crespy que, furioso da sua derrota, os fez virar. Ele lhes fez ver que a insurreição começa a troar nas Cavenas e que um homem como este, se fosse solto, tornar-se-ia prontamente um dos chefes dos rebeldes. Insinuou ao júri que essa libertação seria uma grave imprudência, seria um crime contra o rei e contra o país todo. E conseguiu, terminou o Sr. Barnes, esse jesuíta! Que o diabo o carregue! Vingou-se! Cláudio Noguier viu sua pena comutada a "galés perpétuas". A galé é pior que a morte!

Acabo de entregar-lhe, continuou ele após uma curta pausa, o resto do seu dinheiro, porém duvido que isso lhe seja de alguma utilidade. Na primeira parada nossos homens serão revistados e despojados pelos flecheiros. Esta canalha vai seguramente além dos seus direitos, mas a quem os pobres galés se poderão queixar?

E aproximando-se da janela.

– Os flecheiros aí estão há uma hora e eis que vêm vindo os presos. São seis. Eles vão unir-se a grande fila de galés

que de Paris se encaminha para Marselha. Se a Senhora quer vê-lo, não há tempo a perder.

Elisabeth levantou-se cambaleante, atordoada pelo choque que acabava de receber, e seguiu o carcereiro. A galé! Esta palavra sinistra, ela não lhe alcançava ainda o sentido, porém soava-lhe como um dobre a finados. Chegando no pátio, viu seis homens acorrentados de dois em dois, tendo as mãos amarradas nas costas. Já Gisela, Yvette e Jorge se achavam juntos de seu amigo e chorando se despediam dele.

Por sua vez ela aproximou-se. Pela primeira vez ela via à luz do dia este rosto que, apenas por um instante, ela avistara através da luz vermelha da lanterna. Impressionou-a a expressão enérgica e tranquila do mesmo.

– O carcereiro, disse ela, contou-me a sentença. Sinto, oh! sinto tanto nada ter podido fazer pelo Senhor!

– Nada?... Mas a Senhora salvou-me da morte! Animou-me quando eu desfalecia. Sem a Senhora, eu deixaria a prisão deprimido, sem coragem; agora eu espero e creio no futuro!

– O Senhor tem razão, disse ela, procurando sorrir, devemos sempre esperar!... Depois, compreendendo todo o horror desta condenação infamante e sentindo a necessidade de animá-lo! Quem sabe? Murmurou ela, haverá talvez... tempos melhores mais tarde!

O preso lançou-lhe rápido olhar interrogador.

– Havia deixado, na minha Bíblia, alguns papéis... A senhora os leu?

– Sim, disse Ela, enquanto um vivo rubor lhe abrasava as faces e a fronte. E fiquei conhecendo todo o sofrimento de meus irmãos na fé. Até então eu ignorava tudo. Depois, levantando os olhos para ele: “Não se arreceie! Lembrar-me-ei até o fim, aconteça o que acontecer, de que sou filha de huguenote!”

– Obrigado, disse ele. Levo contigo esta boa palavra. O livro que a Senhora trouxe de novo, deixei-o no subterrâneo. Gisela lho entregará. Leia-o, e que ele seja para si o que foi para mim: um guia, um conforto. Obrigado pelas flores. Elas trouxeram-me o perfume de nossas montanhas. Ontem uma andorinha veio esvoaçar na minha janela. A Senhora, as flores, a andorinha, quanta coisa suave e boa... Eu também, apesar de tudo, tenho a minha primavera!

Yvette e Jorge, buscando atrair a atenção do preso, protestaram que haviam ajudado a colher as flores. Ele olhou-os sorrindo, e disse-lhes algumas palavras afetuosas.

Os olhos de Elisabeth caíram sobre o companheiro de corrente de Cláudio, um homem de feição repulsiva, de expressão bestial. O contraste impressionou-a fortemente. Sob as suas vestes gastas que brevemente ele trocaria pela libré do galé, mostrava ser o preso huguenote de outra raça. Seu rosto, o porte da cabeça tinha algo de incontestável nobreza e impunha respeito. Lembrando que a condenação o nivelava aos assassinos, o coração da moça encheu-se de revolta e de dor.

Ouviu-se um rumor sob o pórtico. Era o major, dando as últimas ordens ao capitão que devia conduzir o comboio.

–Nem posso dar-lhe a mão! Disse Cláudio com voz alterada. Adeus e obrigado. Obrigado por tudo que fez, pelo interesse e pela simpatia que me mostrou. Que Deus a guarde e a proteja!

Gisela e Yvette aproximaram- se do preso para beijá-lo. Ambas choravam. Elisabeth tornou nos braços o pequeno Jorge para que também este pudesse abraçar o preso. Enquanto o pequeno o estreitava, seus três rostos se aproximaram. Até então ela havia corajosamente contido as lágrimas, mas por fim esta agonia a subjugou. Por um instante sua cabeça apoiou-se sobre o ombro do preso. Ele abaixou-se e seus lábios lhe roçaram a fronte.

– Lembrar-se-á de mim alguma vez? Disse ele baixinho.

– Sempre!... Qualquer que seja o futuro, nunca oh! nunca o esquecerei! Cláudio, meu irmão!...

Coragem! Disse ele brandamente. Ainda nos veremos, nos encontraremos de novo... Parto com uma esperança no coração. Sua afeição (estas palavras ele as disse tão baixo que só ela as pode ouvir), sua afeição tem para mim um valor infinito... É a minha força!

Um sussurro correu pela fila dos galés. É a irmã dele, dizia um. Não, é sua noiva! Dizia um outro.

O tenente e o capitão aproximavam-se. Bruscamente os flecheiros formaram a coluna enquadrando os presos.

Os visitadores foram repelidos.

– Subamos á torre! Disse Gisela em voz alta a sua companheira. De lá nós os veremos afastar-se!

Por longo tempo sobre a plataforma, quais asas de pássaros a palpitar no azul do céu, lencinhos brancos se agitavam. Na estrada poeirenta o sinistro cortejo de flecheiros e de galés se afastava, apagando-se a pouco e pouco. Cláudio, voltando-se por várias vezes, respondia aos sinais de seus amigos. Mas logo estes o perderam de vista.

Sob o manto azulado da névoa tudo velou-se e desapareceu ao longe.

Descendo da torre eles encontraram o carcereiro. Dominando a sua dor, Elisabeth lhe fez esta pergunta:

– Quando um galé tem amigos altamente colocados e estes intercedem por ele, o rei alguma vez não o agracia?

– Isso depende! Disse o Sr. Barnes. O rei mais de uma vez tem agraciado criminosos, até assassinos. Huguenotes, a menos que eles abjurem, nunca!

Reparando no rosto dorido da moça, ele apressou-se em acrescentar:

– Porém sabe a Senhora que neste mundo nada é impossível. Porque uma coisa nunca se deu, não é motivo para que nunca se dê.

Elisabeth compreendeu. Esta última frase dita sem convicção, num tom de bondade, não tinha outro fim senão abrandar a sua tristeza. E era também por esse motivo que Cláudio tomara esse ar de alegria e de valor de que no íntimo ele certamente estava bem longe. Porque ele media com certeza a sorte que o esperava. Galés perpétuas! Estas palavras fizeram-lhe o efeito de uma porta de ferro inexorável que caísse rangendo sobre os seus gonzos.

– Ele nunca voltará! Nunca mais o verei! Gemeu a moça. E o esplendor da primavera que a rodeava cobriu-se súbito de um véu sombrio. As árvores em flor perderam a sua beleza. Sumiu-se-lhe a coragem e a alegria da vida. Tudo quanto sofrera até então nada era comparado a esta última provação, a este inexprimível dilacerar do coração.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 08, São Paulo, 23 de Fevereiro de 1928, p. 11-12.

CAPÍTULO VIII

A INSURREIÇÃO CAMISARDE (*)

Os moradores do solar em geral pouco se importavam com a política. Porém de algum tempo a essa parte os acontecimentos que se desenrolavam em França e na Europa eram de tal importância que eles constituíram para a Sra. des Pontes-Marceaux, para sua filha e sua sobrinha o centro de suas preocupações. O duque de Anjou, neto do rei, havia herdado todas as coroas da Espanha.

À testa das raças germânicas e das nações protestantes, para fazer valer os seus direitos, se colocara o rei da Inglaterra Guilherme de Orange. Ele tinha por auxiliares os refugiados huguenotes dos diversos países e os valdenses perseguidos. Ao mesmo tempo estalara a insurreição das Cevenas seguida logo pelas do Languedoe e dos Vivarais. Predicantes de ocasião, que se davam por inspirados do céu chamavam o povo à revolta. O Sr. des Pontes-Marceaux tinha por estes iluminados, como lhes chamava, o mais profundo desprezo.

"A roda e a forca, dizia ele, eis o remédio para essas explosões de loucura. E se isso não bastar, será preciso que se resolva exterminar, até o último, todos esses fanáticos!"

– Desejoso de ter o seu quinhão de glória na submissão dos rebeldes, o comandante, apesar de sua idade, lá se foi a oferecer os seus serviços ao rei. Porém a volta de seus acessos de gota o impediu de tomar parte ativa na guerra. Estava com tudo sempre bem informado de que se passava e mais frequentemente ele encontrado a conferenciar com o governador de Alais ou com o coronel de Miral, chefe das milícias reais. Elisabeth só raramente saía de casa. Porém pela colheita ela encontrou-se uma ocasião com os seus amigos da Butte. Aí ela ficou sabendo que a insurreição crescia e se fortalecia de dia em dia. Falaram-lhe de Abraão Mazel cujo verbo poderoso levantava o povo dos campos; de Daniel Raul, que fazia os novos convertidos abjurar sua apostasia e formarem-se sob os estandartes da verdade.

– A Sra. não faz uma ideia, lhe disse Joanna Paysae, o que são agora nossas assembleias. Milhares e milhares

comprimem-se ali para ouvir a palavra de Deus. Apesar das milícias do rei que correm dia e noite para nos surpreender, a multidão acode de todos os lados. Em Bougés, sob os três faias, eu vi Etienne falar a um povo imenso. Ele saía da prisão.

– “O anjo do Senhor me livrou, nos dizia ele, ele me fez sair como S. Pedro, por entre os guardas e as portas de ferro!” Se tivesse ouvido as aclamações, o entusiasmo das multidões, e nossos salmos de guerra entoados numa só voz!... Ele falou-nos, sem o nomear, de um poderoso monarca, que breve se poria à frente da insurreição e conduziria nossas tropas à vitória.

Elisabeth compreendeu que esse libertador era Guilherme de Orange.

(*) Camisarde, protestantes das Cevenas, que tomaram armas depois da revogação do edito de Nantes (1685); eram assim chamados porque traziam sobre suas vestes uma camisa (em dialeto *camiso*). Seu chefe principal foi Jean Cavalier. Foram submetidos por Villara. - Nota da tradutora.

Passados alguns dias, a notícia do assassinato de Chayla percorreu as Cevenas como um rastilho. O arcipreste, que havia transformado em prisão a sua casa de pároco de Pont-du Monvert, tinha ali presos os fugitivos huguenotes. Falava-se na redondeza dos suplícios infligidos a esses infelizes: estavam deitados com os pés nos troncos e para forçá-los a abjurar, torturavam-os a ferro e fogo. Uns cinquenta homens destemidos chefiados por Abraham Mazel, haviam forçado a entrada dos calabouços e livrado os presos, vários dos quais tinham chagas profundas, dedos e mãos carbonizados até o osso. Colocando, em terrível acusação,

essas vítimas sob os olhos do arcipreste espavorido, eles o condenaram à morte e, ali mesmo, o vararam com suas espadas. Este ato de represália foi o sinal das guerras camisardes.

Foi nessa atmosfera de trovoada que se celebrou o casamento de Laura. A Sra. des Ponts-Marceaux opinava para que se esperasse ainda, porém o visconde insistiu por essa data fixada de há muito. Por vários meses costureiras e bordadeiras haviam trabalhado desde a manhã até a noite. Tratava-se de preparar para a futura viscondessa de Ormancy um enxoval digno de sua nova posição. O casamento que em outros tempos teria dado motivo a festas suntuosas, foi celebrado sem aparato. Depois do luto de Agostinho pairava ainda sobre a família. Pouco tempo depois a Sra. des Ponts-Marceaux caiu de cama atingida por uma tísica galopante. A declaração do médico que o mal era incurável ela não manifestou surpresa nem turbação; já se tinha preparado para a morte, e à medida que o fim se aproximava ela tornava-se mais serena, mais conciliante, mais larga nas suas ideias. Um dia em que seu tio estava fora Elisabeth propôs-lhe a leitura de um capítulo do Evangelho, e foi buscar a Bíblia de Cláudio que ela trazia debaixo de chave, receosa de vê-la confiscada ou queimada.

– Donde te vem esse livro? Perguntou a Sra. des Pontes-Marceaux.

– Pertence ao amigo de Agostinho, aquele que foi preso aqui mesmo no outono passado. Ele o deixara na torrinha.

A velha senhora notou a emoção de sua sobrinha, o tremor da sua voz; e, tomando o livro nas suas mãos,

folheou-o por alguns instantes. Então, lendo o nome na primeira página perguntou:

– O que aconteceu com esse rapaz?

Elisabeth tentou responder, mas não foi capaz. Então, escondendo rosto no ombro de sua tia, desatou em pranto.

– Minha filha, minha querida filhinha, conta-me o teu segredo, abre-me o teu coração! Murmurava a doente acariciando a cabeça loira que se apoiava sobre ela.

Elisabeth sentiu que havia chegado a hora. Com voz entrecortada que aos poucos se acalmava ela fez toda a sua confissão. A Sra. des Ponts-Marceaux ficou grandemente comovida.

– Pobre menina! Pobre menina! repetia ela, tu és vítima de uma imaginação viva demais e de um coração extremamente sensível. Compreendo o respeito e a simpatia que te inspira este homem. Não se pode recusar a admiração a quem afronta a prisão e a galé para ser fiel as suas convicções. Mas, pobrezinha, vais ao encontro de muitas flores! Foge desses pensamentos, esforça-te por esquecer!

Desse dia em diante, Elisabeth teve licença para ler-lhe o Evangelho. As parábolas de Jesus, os seus discursos cativavam a Sra. des Ponts-Marceaux. Porém ela recebia também com agrado as visitas do padre Charmes. A presença dele a aliviava nos seus grandes sofrimentos. “Ele ajudou-me a viver, dizia ela, e ajudar-me-à morrer!”

Sentindo vir o fim, ela quis confessar e comungar. Apertou a mão ao seu marido, sorriu para a sua filha que soluçava ao pé do seu leito. O seu último olhar foi para Elisabeth. "Confio-lhe a minha ovelha, disse ela ao dominicano, vele sobre ela..."

Abriram a sepultura da Sra. des Ponts-Marceaux ao lado da do seu filho que ela tanto tinha amado. Por ocasião do enterro todas as demonstrações de simpatia foram para Laura. A viscondessa trajada, no seu luto, com extrema elegância, enxugava os olhos com seu lencinho de cambraia, bordado e perfumado. Todos se admiravam do silêncio da sua prima, da sua aparente insensibilidade.

Laura partiu no dia seguinte. As visitas se espaçaram. Na grande casa vazia Elizabeth sentia agora todo o horror de uma absoluta solidão, de um completo isolamento moral.

O Sr. des Ponts-Marceaux confiou logo a direção da casa a uma senhora viúva de certa idade, parenta afastada do cavaleiro de Gartel, a Sra.. Des Coudrets. Esta, entendida e diplomada, cumpria as suas funções com inteira satisfação de seu patrão, sobre o qual ela não tardou em ter verdadeiro prestígio. Para com Elisabeth ela mostrava-se amável, carinhosa, por vezes até respeitosa e a moça, a princípio confiante, acabou por sentir por aquela mulher uma invencível aversão. Ela encerrava-se cada vez; mais no seu quarto onde levava a bordar, a ler e especialmente e a estudar afim de ocupar o espírito e fugir dos sonhos vãos. Ela só saía à tardinha para encontrar-se no salão com seu tio e a governante. Conversava-se sobre literatura ou política e às nove horas Elisabeth voltava para o seu quarto onde frequentemente

caída sobre uma cadeira, aí permanecia por longo tempo, sem coragem de se por ao trabalho e sem desejo de dormir. Ela sentia-se esmagada pelo sofrimento presente, pelas saudades do passado e acima de tudo pelo medo deste futuro que se abria ante seus passos, não só misterioso, mas sombrio e sem saída.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 09, São Paulo, 01 de Março de 1928, p. 12-13.

CAPÍTULO IX

NA GALERA

Diante do velho porto de Marselha, algumas galeras haviam ancorado sob o ardente sol de junho. Três galés, sob a guarda do comitre (*) chefe de "A Favorita", desembarcaram de uma chalupa e foram conduzidos a seus respectivos lugares. Todos os três tinham a cabeça raspada e traziam calções compridos, saial grosseiro e a casaca vermelha dos galés. Levavam ao ombro o capote, amplo vestuário que lhes servia ao mesmo tempo de coberta e de capa. Um deles, já velho, tinha o rosto cortado de cicatrizes, cara de bandido. Parecia indiferente ao que o rodeava. O outro, sem se importar com os dichotes que choviam sobre ele, lamentava-se. Era um desertor. O companheiro deles olhava com atenção em volta de si. Pelo seu andar correto, seu rosto inteligente, alumiado por grandes olhos negros, reconhecemos facilmente o nosso amigo, o cevenol Cláudio Noguier.

Seguindo a ordem do comitre-chefe; um comitre tomou uma corrente de ferro, fixou-a ao banco e voltou a argola ao tornozelo de Cláudio. Vendo o jovem, robusto e com

forte musculatura, o comitre o escolhera para o posto de honra e de fadiga, o de primeiro remador ou voga-avante.

Libertando-se do capote, ele de relance passou em rápido exame os seus companheiros de banco. Ao seu lado achava-se um galé de estranho rosto, cujos olhinhos cinzentos, curiosos e investigadores, também o encaravam.

Voltando-se para os outros remadores, este disse à meia voz:

– Apostaria a minha cabeça que este é um "*parpaillot*"! (Termo insolente dado a calvinistas).

Chicot, o número três, figura brutal e repulsiva, não tardou muito em reclamar a boa-vinda.

– É de uso, explicou o vizinho de Cláudio, que cada novo pague a boa-vinda, isto é, alguns picheis de vinho. Isto para beber a sua saúde, a sua próxima libertação, acrescentou ele com um tom de cortesia que contrastava com seu estranho exterior.

Cláudio tirou algumas moedas, subtraída à rapacidade dos flecheiros. Ele tivera o cuidado de confiar a sua bolsa ao capitão de armas que, sentido-se honrado por isso, lha restituíra em Marselha. Um turco, homem alto e trigueiro, prisioneiro de guerra, incumbiu-se da compra. Os turcos, em número do cinquenta nas galeras de Marselha, trazian argola, mas não corrente, e assim podiam circular livremente, e até ir à cidade onde os particulares no inverno os ocupavam em diversos trabalhos.

(*) Comitre: oficial, que manda, e castiga os forçados da galé. – Nota da tradutora.

Com o vinho as línguas se desataram. Em duas palavras o segundo remador contou a sua história. Sem pai, nem mãe, ele havia experimentado de tudo, lacaio, cocheiro, limpador de chaminé, ladrão de estrada. Havia percorrido o país sob diversos trajes e diversos nomes. O de Capuchinho lhe ficara. Preso vinte vezes, ele fugia das prisões de uma maneira maravilhosa. Ao menos, ele o afirmava. Ele ia contar a história de uma das suas fugas quando Chicot lhe cortou a palavra.

– Conta antes tua aventura da barraca no inverno passado! O comitre, hein? Ele não caiu no laço! E a corda foi para ti e não para nós! Explicaram ao Cevenol que, quando se dava uma evasão, fato extremamente raro, todos os companheiros do evadido e os dos dois bancos vizinhos recebiam a bastonada.

A história de Capuchinho foi trazida à balha com um maligno prazer. Com uma velha lima ele cortara a argola, depois, sob o pretexto que o ferro o machucava, envolvera o pé em trapos. Mas o embuste foi descoberto e o mísero desapiedadamentc surrado. Este, sem negar a aventura, esforçou-se contudo por se rir dela.

– Pois é! Trinta açoites de corja, uma salada temperada com sal e vinagre... A gente será mais esperta da próxima vez!

Chicot, sem o menor acanhamento, mesmo com uma cínica vaidade, confessou que estava na galera por assassínio e roubo. Os dois seguintes eram um parricida e um falsário. O último, condenado por questão de

costumes, entremeou sua história com ignóbeis chocarrices.

As risadas grosseiras de seus companheiros o tinham estimulado. Cláudio ouvia com o senho carregado. O filho do Dr. Noguier sentia por instinto uma irresistível aversão a tudo o que é vil, ou simplesmente equívoco.

Essa ostentação desavergonhada de infâmia e de vício o enojava. E virando-se bruscamente:

– Obrigado, basta! Disse ele com tal acento que o narrador interrompeu-se de chofre enquanto as risadas se transformavam em risotas. Por um minuto só se ouviu a vozeria confusa dos outros bancos e o surdo marulho das ondas. Cláudio meditava. Três assassinos, um falsário, um ladrão de estrada... E eram estas criaturas que, durante anos, seriam seus companheiros de cada dia, sua única relação! Contudo ele lembrou-se que, não obstante sua degradação, seus companheiros de cativeiro eram homens. O Mestre a quem ele servia não os tinha desprezado. Ele resolveu tratá-los com diferença e, quando alguma ocasião se apresentasse, prestar-lhes todo o serviço que estivesse ao seu alcance.

Voltando a vista para a própria galera, ele pôs-se a examiná-la, e, graças às explicações que Capuchinho se apressou em lhe dar, ele pode fazer uma ideia bastante exata da mesma.

O que em primeiro lugar atraiu a sua atenção foi a coxia, um caminho mais alto que percorria a galera de popa à proa. Era feito de duas grossas pranchas de carvalho, fixas sobre o convés. Entre essas pranchas havia

uma separação de três pés mais ou menos, formando casinhas onde eram guardadas tendas, cabos, cordas e também a roupa dos galés. A coxia era coberta de tábuas atravessadas.

Pela ocasião da “borrasca”, grande limpeza – cada banco tinha de limpar as suas. Podia-se, pois abrir e fechar a coxia.

Cláudio contou vinte e cinco bancos de cada lado, ocupados cada um por seis remadores. Esses bancos aproximadamente de dez pés de comprimento, Cram de vigas grossas cobertas de almofadinhas e de couro de boi. Os pés dos galés descansavam sobre a banqueta.
Por baixo circulavam livremente as águas do mar cujas ondas sobre o convés em declive se vinham quebrar até a coxia. De ambos os lados da galera havia uma viga maciça, o encosto sobre o qual eram presos em equilíbrio os remos cuja grossa ponta vinha findar na coxia. Esses enormes remos mediam aproximadamente cinqüenta pés de comprimento. Eles tinham asa ou manilha para se poder segurá-los. Na galeria que corria ao longo do encosto achavam-se os soldados e oficiais, estes na maior parte das vezes os filhos mais moços das famílias e cavaleiros de Malta. O quarto da popa era reservado ao capitão, ao capelão, aos oficiais-majores, assim como o castelo de trás aos arrais e aos marinheiros da popa e proa.

Chegava a hora da ceia.

O comitre-chefe, um homenzarrão de fisionomia brutal, tomou o assobio de prata que lhe pendia no pescoço e soltou duas notas estridentes. Capuchinho, que parecia

tomar amizade ao seu novo companheiro, disse-lhe que durante as vogas, as ordens eram dadas por meio de assobios por causa do ruído ensurdecedor dos remos. Era igualmente o assobio, modulado de cem modos diversos, que dava o sinal de levantar, de deitar e das várias ocupações dos galés.

Estava a cargo dos comitres o serviço das refeições. Eles vieram com baldes cheios de um caldo nauseabundo.

Cláudio, como os outros, entendeu a sua vasilha e tomou um gole do mesmo, mas não foi capaz de o engolir.

– Hein? Não é gostosa como a sopa da mamãe? Disse Capuchinho que o observava, um tanto divertido, mas com certa simpatia. Pois é isso, é essa imundícia que nos servem três vezes por dia. Os marinheiros e os soldados comem toucinho, carne de vaca, bacalhau, queijo, tudo isso regado de bom vinho. O capitão se regala: ele pode, com uma renda de doze mil libras. Para nós, vinte e seis onças de bolachas, quatro onças de ervilhas incomíveis e esse caldo de tripas que nem mesmo os cães aceitariam!...

Para a chusma tudo serve!

Cláudio contentou-se em molhar na água do copo sua dura bolacha de bordo. Ele tinha hábitos de sobriedade.

Novo assobio ao cair da noite.

Marinheiros, oficiais inferiores e soldados estiravam-se sobre a galeria. Os galés não puderam fazer o mesmo. Presos à corrente, permaneceram uns sentados, outros agachados sobre a banqueta, a cabeça sobre o banco.

Cláudio encostou-se à coxia. Antes de adormecer ele permaneceu por longo tempo com os olhos fixos na imensidade do firmamento. Ele sentia a necessidade de elevar o seu pensamento acima do todas estas misérias, de todas estas ignomínias, de todas estas abjeções. Seu olhar buscou a constelação da Lyra onde brilhava a esplêndida estrela Vega. Lembrou-se do que sua mãe a amava. Uma outra imagem, um puro e gracioso rosto de moça passou ante os seus olhos. Mas temendo enternecer-se ele afugentou a dulcíssima visão e se pôs a pensar em todos os sofrimentos que tinham padecido os seus avós, para ficarem fieis a sua fé, no longo martírio da sua raça. Todos eles tinham segurado firme seu estandarte apesar dos opróbrios e dos suplícios. Querendo ser digno de sua heróica linhagem huguenote, ele elevou o seu coração a Deus em fervente prece. E assim apaziguado e fortalecido adormeceu enfim, em profundo sono nesta primeira noite nas galeras de Marselha.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 10, São Paulo, 08 de Março de 1928, p. 12-13.

CAPÍTULO X

A VOGA ARRANCADA

Pela madrugada, a alvorada estridente tocou o despertar. Depois do almoço, duas galeras passaram ao lado da Favorita ao som cadenciado dos seus remos. Cláudio observou que os galés vestiam casacas e bonés azuis.

– Esta é a Comandante, disse Capuchinho, e a outra é a Grande-Real. Vês aqueles tipos? Eles são mais bonitos do

que nós. Eu trocaria de bom grado por aquele pano azul a minha libré de macaco!

Um assobio agudo, prolongado, interrompeu Capuchinho. Imediatamente os galés despiram a casaca e a camisa. Então soou um novo assobio. Em um abrir e fechar de olhos todos se puseram de pé, descansando um deles sobre o apoio (grossa travessa de madeira presa à banqueta), o outro sobre o banco. A voga ia começar. Tomaram das manilhas; depois, estendendo-se os braços retesados, levaram o remo até junto ao corpo dos seus companheiros do banco vizinho. Com um esforço enérgico eles o levantaram e com um só golpe e em perfeito conjunto os cento e cinquenta remos feriram ali alguns. Atirando-se então para trás, os galés cabiam sentados no seu banco. Era preciso uma atenção continua para conservar o movimento. Se o golpe falhava, os seis infelizes iam quebrar a cabeça contra o remo que vogava atrás deles.

Seria impossível imaginar um exercício mais penoso e que mais derreasse que o manejo daqueles formidáveis remos. Em menos de um quarto de hora Cláudio ficou compreendendo o sentido do rifão popular: "Trabalhar como um galé".

Tendo-se a Favorita deixado distanciar, os segundo-comitres se esforçaram por acelerar o movimento. Armados de cordas ou de azorrague, eles percorriam a coxia e os golpes cabiam como saraiva. Os oficiais superiores, irritados com o fato de sua galera não conservar o seu posto, gritavam para que os açoites aumentassem. E não foi só uma ou duas horas, porém oito horas consecutivas que durou esta fadiga atroz. Quando

enfim o comitre ordenou à meia voga que descansava alternadamente a metade da chusma, Cláudio, meio morto de cansaço, deixou-se cair sobre o seu banco. Capuchinho, com um gesto paternal e de animação, lhe pôs a mão sobre o ombro.

– Hás de te acostumar, camarada. Neste mundo a gente se acostuma com tudo!

– Tarefas como estas são frequentes? Perguntou o Cevenal. Eu não aguento mais!

– Oh, replicou Capuchinho, a primeira vez a gente pensa que não aguentará mais do que meia hora, e acaba por suportar, vogas de dez e doze horas. Uma vez, fugindo de um corsário que nos dava caça, fizemos uma voga de vinte e quatro horas. Até os mais fortes desfaleciam e caíam. Para nos manter em pé, metiam-nos na boca bolachas molhadas no vinho. E as cordas estalavam, e os comitres berravam... Foi uma coisa medonha!

O rosto de um galé acorrentado a alguma distância tinha impressionado vivamente a Cláudio. Perguntou pelo nome dele. Chamava-se Mauriac. Era um moço esbelto, de aparência delicada. O seu infamante boné vermelho assentava sobre uma fronte nobre. Seu olhar distinto e seu olhar profundamente triste, fizeram lembrar a Cláudio, Agostinho d'Arville. Um dia em que o jovem desconhecido lançava em torno de si o seu olhar cheio de horror e de apreensão, os olhos de Cláudio e os dele se encontraram. Aquele sorriu-lhe e acenou amigavelmente. Imediatamente os traços ensombrados iluminaram-se, os olhos abatidos brilharam de estranha viveza. Ele

reconhecera um irmão de infortúnio. Através do espaço, esses dois corações se tinham encontrado.

Nesse dia a voga foi extraordinariamente rude. Durou longas horas. Foi demasiada para Mauriac. Cláudio que o observava viu-lhe o rosto contraído, a respiração ofegante, a boca a espumar. De repente ele largou o remo e caiu sobre o banco. Sua deserção foi logo notada. Armado da terrível corda, o sub-comitre aproximou-se e açoitou-lhe brutalmente as espáduas nuas. Como o moço não se levantasse, o bárbaro enfureceu-se sobre a sua vítima, berrando e vociferando. Finalmente chamou os seus auxiliares. Cláudio viu o corpo do moço atravessado sobre o banco, a cabeça pendente, desmaiado provavelmente. Viu um dos sub-comitres desacorrentá-lo, e outro trazer uma bala de canhão que lhe ataram aos pés. Um grito de horror escapou-lhe do peito e foi-se perder entre o fragor dos remos. Os sub-comitres levantaram o corpo inerte e, com um gesto brutal, o lançaram ao mar. No mesmo instante um marinheiro tomou o lagar deixado vazio e a galera vogou e as manobras se operaram como se nada houvesse acontecido. Nenhum galé parecia surpreendido nem escandalizado com esta cena atroz. Fazia parte dos acontecimentos diários de sua vida. Tinham visto coisas piores!

À noite, porém, Cláudio ouviu de um companheiro:

– Pobre Mauriac! Foi descansar. Nós outros sabemos bem porque aqui estamos. Mas ele, que fez?

Por várias vezes Cláudio examinara de longe os seus companheiros de galera, buscando algum rosto conhecido.

Havia acenado a alguns. Um dia ele estremeceu ouvindo o seu nome. Interpelavam-no em língua *d'oc*, o dialeto familiar das Cevennas.

– Noguier, é você!

Um grupozinho de galés passava sobre a coxia, indo a algum serviço.

– Pedro Mazel, meu amigo, meu bom camarada! Exclamou ele pondo-se de pé. Um homem de fisionomia aberta, já grisalho, achava-se na sua frente. Os dois amigos trocaram um enérgico aperto de mão. Mas apenas trocaram algumas palavras e já o sub-comitre dava ordem de caminhar.

– Até a vista! Disse voltando-se Pedro Mazel.

Cláudio sentiu aquecer-lhe o coração. Não estava mais só. Ele sabia, aliás, que por esse tempo havia nas galeras de Marselha várias centenas de galés huguenotes, compatriotas, irmãos que sofriam as mesmas tribulações e combatiam o mesmo combate. E quantos deles não carregavam, já para quinze, vinte e trinta anos, sem desfalecer, sua pesada cadeia?

Após várias semanas durante as quais a esquadra, quer toda ela, quer por unidade, nada mais fez senão bordejar ao largo, inquietando com alguns tiros de canhão a costa italiana ou rechaçando para o lado da Espanha algum navio corsário, Cláudio fez em voz alta a seguinte reflexão.

– Pelos milhões de libras que a corte despende anualmente com as galeras; a sua utilidade me parece mínima!

– Ao contrário, são de grande utilidade! Replicou sentenciosamente Capuchinho. Em primeiro lugar elas servem de escoadouro para todos os celerados do reino, e, demais, servem-lhes de espantalho. A cadeia, a roda, a forca, o patíbulo não os amedrontava suficientemente. Foi por isso que inventaram a galera.

Em fins de agosto, porém, deu-se um incidente que ficou por muito tempo gravado na memória da equipagem da Favorita. Três galeras percorriam o mar alto. Logo no horizonte avistaram-se dois navios à capa, surpreendidos, pela calmaria. Um deles parecia ser um grande navio mercante; o outro, uma fragata, devia servir-lhe de escolta.

Os navios afastados um do outro cerca de meia légua levavam pavilhão inglês. O navio parecia uma fácil presa. Reuniu-se o conselho de guerra no meio do júbilo das equipagens. Ficou decidido que as galeras, à força de remos, se aproximariam de três lados, far-se-ia a abordagem galhardamente e o navio, pesado demais para ser rebocado, seria entregue à pilhagem. A Favorita devia esporeá-lo de flanco. Carrearam-se todos os canhões. Granadeiros e soldados, de pé na proa, já se achavam prontos para abordagem, levando na mão a espada nua e a machadinha. O navio parecia em grande aflição; sua equipagem, aterrorizada por esses preparativos ameaçadores, quedava-se. De seus lados, dois canhões de tiro curto produziram hilaridade nos oficiais da Favorita.

Capuchinho voltava incessantemente para o navio seus olhos cinzentos, perspicazes e inquisidores.

–Tudo isto não me cheira bem, resmungava ele entre os dentes. Camarada, olha só do lado da popa, quanta vela, quanto pano! Não será que estão disfarçando? E nem um gato no tombadilho! Dá para desconfiar! Os ingleses são uns finórios; eles têm saída para tudo! E nosso capitão que nem mesmo mandou o brigantim para reconhecer!

A um assobio do comitre de repente levantou-se um clamor. Os berros de várias centenas de galés, agitando suas correntes, era uma coisa pavorosa. Julgando a equipagem inimiga suficientemente amedrontada, o comandante intimou-a que se rendesse. Mas a resposta foi muito diferente da que esperavam.

No momento em que a Favorita o tocava com o seu esporão, deu-se um fato extraordinário.

O navio abriu suas canhoneiras. De todas as escotilhas, uma negra multidão de oficiais invadiu o tombadilho. Os marinheiros puseram em movimento as suas polés. O navio mercante, desmacarando os seus canhões, transformou-se repentinamente em um formidável navio de guerra, cujas descargas de artilharia, varrendo a coberta das galeras, abatia-lhes os mastros, acifava os aparelhos, punha em postas com a metralha tanto os galés como os oficiais e soldados amontoados nas suas galerias. Foi um momento de pânico indescritível.

Só o capitão conservou o sangue-frio. Vendo levantar-se os terríveis guindastes que iam arpoar a sua galera,

gritou com voz que dominou o fragor da metralha: "Vou fazer explodir o paiol da pólvora!"

Esta ameaça surtiu efeito. A manobra parou. No mesmo instante o assobio do comitre ordenou a contra-voga.

Dar volta teria sido perigosíssimo; a Favorita sob uma espessa fumarada fez marcha ré.

Para agravar a situação o vento começava a soprar e do horizonte negro e ameaçador, a fragata, abrindo as suas velas vinha em socorro do navio de guerra. Foi um salve-se que puder, geral.

Não havia tempo para desacorrentar os galés feridos ou mortos, porém eram prontamente substituídos por marinheiros do remo. Então começou a mais terrível voga arrancada (ou voga-forçada) que jamais tiveram de sustentar os condenados das três galeras. Era preciso alcançar antes da noite os bancos de areia onde os navios inimigos, vasos de alto bordo, não poderiam segui-los. Na voga-arrancacada, duplica-se a rapidez do movimento. Por horas e horas afio, a chusma exausta, mantendo as forças a poder de chicote; remou desesperadamente. Finalmente às dez horas nas galeras puderam ancorar em lugar seguro.

Os sub-comitres transportaram então os fardos para o porão, desacorrentaram os mortos, que eram lançados ao mar pelos robustos turcos. Chicot e dois companheiros foram retirados despedaçados da banqueta onde tinham caído.

– Que felizardos! Disse ofegante Capuchinho, estirando um após outro os seus membros doloridos.

Ensopados até os ossos, cobertos de espuma, de suor e de sangue, os galés não puderam, tão moídos estavam, vestir as suas roupas. Deixaram-se cair, acocoraram-se como puderam, meio nus, para dormir.

Cláudio não tinha sido atingido pela metralha. Porém, como seus companheiros, ele estava esfalfado, aniquilado. A única oração que pode articular foi este grito para o Poder infinito: “Oh Deus, tem piedade de mim!” Sua cabeça caiu sobre a coxia, suas pesadas pálpebras fecharam-se e, tomando de um pesado sono, dormiu até pela manhã.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 11, São Paulo, 15 de Março de 1928, p. 11-13.

CAPÍTULO XI

NATAL

Era a véspera do Natal. Elisabeth, como de costume, havia se retirado para o seu quarto. Na sua frente via-se um livro aberto, porém a moça não lia, mas abandonava-se a seus tristes pensamentos nesta noite que, mais que qualquer outra, lhe trazia à memória tantas recordações. Pela tarde o padre Charmes tinha vindo visitá-la. Ele aparecia frequentemente. Vendo a moça tão só, tão desanimada, esforçava-se por consolá-la. Ela sentia que havia muita retidão e uma grande bondade no dominicano, porém as circunstâncias eram adversas.

Entre os dois levantava-se a lembrança de seu pai, de seu irmão, de todos aqueles cativos que ganiam em cadeias, de todos aqueles mártires a quem indignos representantes da Igreja dele tinham trucidado. As exortações do padre não surtiam efeito; seus argumentos não a convenciam. Pesarosa, ela entregava-se sua dor quando vieram dizer-lhe que um moço desconhecido lhe desejava falar. Era Daniel Paysae, que, misteriosamente, tirou do seu capote e lhe entregou uma carta.

– De Marselha, acrescentou ele à meia-voz. Chegou uma também para nós. Minha mãe e Joana lhe desejam "Boas Festas".

Percebendo a Sra. des Condrets, no fundo do corredor, dissimulada no vão de uma porta, Elisabeth apressou-se em esconder a carta no seu corpinho. Sentira um choque magnético. O coração batia-lhe com força levado repentinamente por uma onda de amor e de alegria. Correu para o seu quarto, mas, temendo despertar suspeitas na governante, não fechou a porta à chave. Contentou-se em pôr diante de si o seu bordado e entreabrir a gaveta onde, em caso de alerta, desapareceria rapidamente a carta.

Ela teve-a por uns instantes nas mãos contemplando o endereço, bem conhecida lhe era esta caligrafia tão firme e direita. Depois, imprimindo sobre ela os seus lábios, rompeu os selos: Cláudio começava desculpando-se respeitosamente da liberdade que tomava de escrever-lhe.

Assim rezava a carta: "Eu soube pelos Paysae a nova provação que lhe sobreveio: a morte da Sra. des Ponts-Marceaux. Quero por estas linhas exprimir-lhe minha

viva, minha profunda simpatia. Aquela nobre senhora era uma santa, um anjo de bondade e de caridade. Nosso vale guardará por muito tempo a sua memória. Compreendo a grande lacuna que este luto abriu na sua vida. Quisera que a senhora sentisse como meus pensamentos a rodeiam no ardente desejo de abrandar algo da sua pungente dor. Será uma ilusão? Quando nossos pensamentos se transformam em orações, não poderão elas cair em consolações divinas, comunicar forças, cobrir com a sua égide os que amamos!"

Dava-lhe em seguida alguns pormenores da vida diária na galera. Em termos jocosos contava-lhe o ataque do navio mercante repentinamente transformado em vaso de guerra. Ainda que não se queixasse, Elisabeth adivinhou, pressentiu todo o horror da sua vida de condenado.

"É uma honra e um privilégio, acrescentava ele, ser chamado a sofrer pela verdade. Somos várias centenas de condenados huguenotes atualmente nas galeras de Marselha. Num século de despotismo, o nosso papel é proclamar a inviolabilidade da consciência, este domínio sagrado que só a Deus pertence. Pobres seres prontos de espírito, porém todo feitos de fraquezas, quem somos nós para esta alta missão? Ah! ore a Deus para que Ele nos revista de sua força e impeça a nossa fé de fraquear. A Igreja romana sufocou a voz de nossos pastores: quiçá será ouvido o ruído das nossas cadeias,

"Na galera é difícil escrever e mais difícil ainda despachar as cartas, porque os capelães fazem uma guarda cerrada em torno de nós a fim de impedir toda comunicação com os de fora. Porém não conseguiram impedir que o ruído da insurreição chegasse até nós.

Sabemos que as Cevennas se levantaram em arma para fazer ouvir na corte e na Europa nossas justas reivindicações. Mas sabemos também que o marechal de Montrevel marcha à frente de um formidável exército contra nossos irmãos para esmagá-los. Nossos inimigos têm por si o número, mas, como diz nosso salmo de batalhas: "Como ao fogo se derrete a cera, assim à presença de Deus perecerão os iníquos". Se Deus é por nós, quem será contra nós? É, pois, Nele só que poremos nossa confiança". "Estou longe de ser o que eu quisera ser. Maravilha-me e enche-me de admiração um de meus companheiros que está na galera havia vinte anos, pelo perfeito domínio de si próprio. Ele disse-me uma vez, que a verdadeira liberdade consiste em ser liberto do pecado.

"Seu nome é Elias Neau. Como estou ainda longe disso, eu que tenho um gênio irascível, um coração que tão frequentemente ferve de cólera ou de revolta. Por vezes, à noite, contemplo a brilhante estrela de Véga na constelação da Lyra. Então penso na senhora e oro a seu favor. Minha irmãzinha bem-amada, não quer fazer o mesmo por mim? Enquanto os nossos olhares unidos se elevarem para a estrela, nossos corações e nossos pensamentos se encontrarão em Deus".

A leitura desta carta comoveu Elisabeth até o mais profundo da alma. Movida por uma irresistível necessidade de expansão, tomou da pena no mesmo instante e respondeu. Da sua pena corriam, ainda que velados sob a reserva dos termos, pensamentos de profunda e infinita ternura. Escrevia rapidamente quando lhe bateram à porta. Depressa ela escondeu a carta. Era a Sra. des Coudrets que vinha convidá-la para irem juntas à missa de meia-noite.

– Obrigada, disse Elisabeth. Eu prefiro festejar o Natal aqui, na companhia dos meus queridos que se foram. Eu os sinto assim mais perto de mim do que numa igreja – entre estranhos e indiferentes.

– A senhora não faz hem. Não é bom viver sozinha na sua idade. Ande, faça um esforço c venha comigo!

– Obrigada. Assevero-lhe que esta noite não me sinto absolutamente como se estivesse só. A senhora vá e não se incomode mais comigo!

A Sra. des Condrets fechou a porta sem barulho. Elisabeth terminou a sua carta. Depois, não sabendo como a despachar, fechou-a na gaveta. De novo, lentamente, parando em cada linha, leu ela a carta de Cláudio. Não, ela não se sentia só. Uma porção invisível de amigos, de irmãos, de espíritos tutelares a rodeavam. Como uma criança que sorri entre as lágrimas, ela adormeceu acalmada e deliciosamente consolada pela doce alegria de Natal.

Que poderei fazer para ele? Perguntava Elisabeth a si mesma; nos dias consecutivos. Logo veio-lhe uma resposta. Uma tarde ela tomou um pedaço de veludo azul escuro, um pouco de seda clara, preparou o dedal e a agulha e pôs-se a pensar. Que mote iria ela bordar nesse veludo? Desejando que o texto fosse uma mensagem dos céus, orou antes de principiar o trabalho. Foi-lhe dada esta palavra: "Vencerás"! Terminado o bordado, ela tomou alguns fios de seus longos cabelos, enfiou-os na agulha fina e fez passar em torno de cada letra um delicado fio de ouro. Fez também uma carteirazinha. Velando muitas vezes até tarde, copiou com letra muito miúda os últimos

capítulos do Evangelho de S. João que Cláudio amava. Acrescentou-lhes algumas das admiráveis passagens do Apocalipse. Depois escondeu tudo isso numa gaveta e tirou a chave da mesma, esperando que se apresentasse uma ocasião favorável para mandar o seu presente.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 12, São Paulo, 22 de Março de 1928, p. 12-13.

CAPÍTULO XII
À BEIRA MAR

Corriam os meses com sortes várias, de derrotas ou vitórias para os Osards, apelidados logo Camisards. Elisabeth, em conformidade de sentimento com os rudes montanheses, passava alternadamente da alegria para o tremor.

Da sua janela frequentemente ela se punha a contemplar a cadeia do Espéron cujo cimo, encoberto por alguns contrafortes, a atraiu misteriosamente Agostinho o escalára. Ela sabia que desse pico a vista se estende vasta e esplendida para o Sul e que, até, no horizonte se pode ver o mar. Como um pólo magnético, o invisível cimo fascinava o seu pensamento.

Durante o verão ela encontrou-se uma ocasião com Joanna Paysae. Esta contou-lhe que Cláudio fora gravemente ferido num encontro com uma fragata espanhola e se achava, já havia alguns dias; em tratamento no hospital da Marinha. A mãe de um dos seus companheiros de quarto, nova convertida, mas ainda huguenote de coração, o tinha visitado. Esta mulher, que morava em Marselha, sabia escrever e havia consentido

em traçar algumas linhas, ditadas por Cláudio, a seus amigos da herdade da Butte.

Uma viva apreensão encheu o coração de Elisabeth. Ele não pudera segurar a pena! Esaria então bem mal. E talvez morresse sem que ela o soubesse! Ah! Que provação era a ausência, a distância, a falta de notícia regular, quando a gente daria tudo para saber!

O visconde e a viscondessa de Ormancy, fugindo do calor, deixaram no mês de agosto o seu castelo nos arredores de Montpellier e se instalaram numa chácara fresca e rodeada de arvoredos que eles possuíam não longe de Atais. Elisabeth via-os frequentemente e esses encontros a distraíam algo dos pensamentos que a atormentavam. Laura contou-lhe que pretendiam no outono ir aos banhos de mar.

Do coração da moça escapou este grito:

– Oh! Como eu gostaria de ver o mar!

– Pois está convidada! Disse Laura rindo. O solar é um convento. Você verá como a gente se diverte ali. Iremos à praia ajuntar conchas. Lavá-la-emos a passear de carro por Marselha e seus arredores. É interessante.

Foi deliciosíssima a nossa estada ali no ano passado.

Foi com a sensação de quem foge da cadeia que Elisabeth desceu da diligencia à porta da casa de sua prima, onde Laura e o seu marido a receberam com vivas demonstrações de amizade. Não se esquecera da carteirazinha. Talvez fosse mais fácil fazê-la chegar ao seu

destino no hospital que na galera. Ela não ousava confiá-la ao serviço de mensageiro. Os capelães funcionavam igualmente no hospital da Marinha e a correspondência dos hugnenotes seria certamente vigiada.

Ela fazia com sua prima longos passeios na praia; ouvindo sem se cansar o ruído ensurdecedor das grandes vagas rolando os seixos na praia. O visconde sabia do seu lado.

– Ele prefere jogar, divertir-se com amigos! Dizia a jovem esposa com amargura. Não tem prazer algum em nossa companhia!

Era evidente que uma grande desinteligência reinava entre o casa d'Ormancy. Não era a primeira vez que Elisabeth o constatava. A pedido dela, entretanto, um dia ele decidiu acompanhá-las. Nesse passeio de carro ela pediu que lhe mostrassem o hospital da Marinha.

– Seria uma volta muito grande passarmos ao lado dele? Perguntou ela ao visconde. Achou-se ali atualmente um amigo de meu irmão condenado por causa de religião é ferido em combate. Eu gostaria de ter notícia dele.

Interessado, o visconde fez-lhe varias perguntas. Em poucas palavras ela contou-lhe a história do moço hugnenote e a promessa feita a Agostinho na hora da morte deste.

O carro parou em frente ao hospital.

– Nilo desça, minha prima, eu mesmo vou! Exclamou o visconde descendo do carro com uma agilidade de que

ninguém o imaginaria capaz visto a sua grande corpulência. Eu lhe trarei notícia.

Elisabeth teve uma grande decepção e deixou que ele se afastasse, não tendo coragem de lhe confiar o seu embrulho. Ela calculara algum encontro fortuito: alguma irmã bem disposta; algum enfermeiro de boa cara para fazê-lo chegar com segurança. Era um revés.
Dahi a poucos minutos voltava o visconde.

– Cláudio Noguier não está mais aí, disse ele. Já foi transferido para a sua galera. A irmã disse que ele estava completamente curado.

Elisabeth respirou. O visconde, de novo instalado em frente dela, continuou a conversa:

– Por essa conta ele deve ter estado três meses no hospital. Quer dizer que o seu ferimento era de certa gravidade. Como é que ele não foi solto? Se bem me lembro, um edito do rei concede a liberdade a todo o condenado ferido em batalha naval. E, que eu saiba, o fato de ser calvinista não o exclui desse privilegio.

Um clarão de esperança acendeu-se nos olhos de Elisabeth. Ela deixara o solar sob a impressão de uma má notícia: duas derrotas dos Camisards que seu tio, à ceia; proclamara triunfante.

A esperança, esmorecendo por um lado, renascia sob outra forma.

O visconde se pôs a indagar das principais acusações e a moça com animação explicou-lhe o curso iníquo do

processo, as afirmações do conselheiro de Lassaux e o papel nefasto do padre Crespy. O Sr. de Ormancy detestava os jesuítas.

– Eu creio, disse ele, que este homem, assim como muitos outros, foi vítima das tramas desta ordem maligna.

Talvez fosse um caso de revisão de processo. Em todo caso, minha gentil prima, se isso lhe agrada, ofereço-lhe os meus préstimos. Tenho algumas relações na corte. Um pedido ao rei talvez não seja fora de propósito.

Com um ímpeto de infinita gratidão Elisabeth agradeceu ao visconde. Ela olhou para aquele rosto vermelho, balofo na sua frente e achou-o belo. Até de bom grado o beijaria!

– Eis-nos na Cannebiére. A senhora gostaria de ver o porto? As galeras devem estar se preparando para invernar. É possível que avisemos algumas.

– Há de ser bem divertido! Exclamou a viscondessa. O carro se pôs a seguir o cais e logo avistaram-se os sinistros navios de guerra cujos nomes Laura ia lendo: a Comandante; a Vitoriosa, a Real,a Grande-Real, a Favorita.

– A Favorita? Repetiu o visconde, não é essa a galera do seu protegido? O capitão, o Sr. de Ribeauville, é meu amigo. Esperem-me aqui uns dez minutos. Vou dar-lhe um aperto de mão e ao mesmo tempo perguntar-lhe-ei sobre o ponto em litígio. Ninguém melhor do que ele pode esclarecê-lo.

Elisabeth seguiu-o com o olhar.

Das galeras avistavam-se os remos enormes, os altos mastros, as galerias a bolir cheias de oficiais e soldados. Embaixo na penumbra distinguiam-se algumas centenas de cabeças cobertas de bonés vermelhos.

Os galés descansavam.

O visconde voltou daí a pouco.

– O Sr. de Ribeauville, disse ele, estava conferenciando com o major a propósito da invernada. Só pude estar com ele um instante. Porém ele, convidou-nos para virmos amanhã às duas horas; quer fazer-nos ele mesmo as honras da sua galera.

A viscondessa rejubilava. Visitar uma galera armada: seria uma coisa nova, estranha, interessante! Elisabeth, empalidecida, virou-se a examinar uma flotilha de barcos de pesca que abeiravam o cais. Exercitava- se no domínio de si mesma.

– Alegre-se, Elisabeth, você terá uma surpresa ao jantar! Disse-lhe Laura ao chegarem em casa. Adivinhe!

A moça sabia que o Sr. d'Ormancy, apaixonado caçador, e muito amigo da mesa, dava às vezes ordens ao cozinheiro.

Ela enumerou, pois; vários pontos de conhecedor: trufas ao champanha, cabeça de salmão, caldeirada de anguia, torta de línguas de carpas...

Laura riu.

Enfim, quando tocavam a sineta para o jantar, ouviu-se de repente o galopar de um cavalo no pátio.

Chegaram-se à janela.

– Olhe! Aí está a surpresa! Um elegante cavaleiro saltava da sua montaria e entendia a mão ao visconde.

– O Sr. de Gartel! Exclamou Elisabeth; arrastada por sua prima num aceso de riso irresistível. Mas esse riso era maia nervoso que de contentamento. Súbito ela se acalmou.

– Certamente que você nos perdoará tê-lo convidado, coitado! Longe de ti ele se aborrecia tanto!

– Eu teria preferido que ele não viesse! Disse Elisabeth, com ar muito sério. Estávamos tão bem nós três. Para que romper o encanto?

O jantar foi muito alegre. Ao saírem da mesa o visconde, voltando-se para Elisabeth, lhe disse:

– Para escrever à corte, será conveniente que eu pessoalmente interrogue o seu protegido. Pediremos, pois, ao capitão que no-lo apresente.

O cavaleiro informou-se do que se tratava. Contaram-lhe com toda naturalidade os passos projetados. Elisabeth essa noite recolheu-se cedo. Aspirava estar só, e entregar-se as suas reflexões. Uma grande excitação se apoderara dela. Seria possível que daí a poucas horas ela se achasse

na galera Favorita e que tornasse a ver o rosto de Cláudio? O capitão no-lo apresentará! Havia dito o visconde. Ela em imaginação vivia esse momento. Via o nobre condenado huguenote vestido da casaca vermelha, da desprezível libré. Ele avançava sob os olhares curiosos de Laura e do cavaleiro de Gartel. Eles permaneciam sentados, enquanto que Cláudio, de pé como um réu, respeitosamente respondia às perguntas do visconde. Porém ela, Elisabeth, não se envergonharia do seu miserável vestuário, levantar-se-ia a sua entrada e lhe estenderia a mão.

E durante o interrogatório se poria de pé ao seu lado, solidarizando-se com ele; e se algum dieta desprezível lhe fosse atirado, ela saberia fazer lembrar perante todos que ela também vinha da família huguenote, era igualmente atingida!

Febrilmente ela abriu a sua pasta e fez correr a pena sobre o papel. Nesta nova folha juntada à carta escrita meses antes, ela narrava-lhe os últimos acontecimentos,a visita ao hospital, e o espontâneo oferecimento do visconde. Depois como mais alguém iria com eles, ela o mencionou em poucas palavras.

"O cavaleiro de Gartel, dizia ela, é o "oficial do Rei" previsto no seu diário. Mas ainda que algum dia ele venha em busca da jovem huguenote – não tenha medo – ele não a levará! Ela ficará esperando a hora da libertação, e, se for preciso, saberá seguir os seus irmãos para a terra do exílio e da liberdade".

Fechou então a carteira. Oh! Quão ansiosamente esperava a madrugada do dia seguinte.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 13, São Paulo, 29 de Março de 1928, p. 12-13.

CAPÍTULO XIII

A RECEPÇÃO DO SR. DE RIBEAUVILLE

Pelas duas horas da tarde, a chusma da Favorita acolhia com um *han!* (*) rouco e prolongado, sua saudação habitual a cada um dos visitantes que eram o visconde, o cavaleiro de Gartel e suas companheiras, ao atravessarem o passadiço.

Durante a recepção, os tambores rufavam, os soldados de pé nas galerias, armas ao ombro, saudavam militarmente. Os remos alçados, formavam em torno da galera um imenso leque. Nas enxarcias, nos mastros flutuavam pavilhões e bandeirolas de cores vivas, grandes auriflamas semeadas de flores-de-lis tremulavam ao vento. O camarote da popa que de ordinário só tinha um oleado para protegê-lo, estava coberto, para a circunstância, de uma armação de veludo escarlate com longas franjas de ouro.

As esculturas e os ornamentos dourados da popa brilhavam sob os ardores do sol.

O visconde e o cavaleiro felicitaram ao Sr. de Ribeauville pelo esplendor das decorações e pela perfeita ordem da sua galera. Pela manhã ele havia ordenado a "borrasca" e tudo reluzia de limpeza.

Quanto a Elisabeth, das auriflamas deslumbrantes, depressa, seu olhar se tinha abaixado sobre os infelizes

que ela via acorrentados a seus bancos, magros, queimados do sol, com as costas sulcadas pelos golpes das cordas. Na linha dos vogas-avantes, entre todas aquelas faces ignóbeis, devastadas pelo vício, ela avistou prontamente o rosto altivo e belo, que tão frequentemente lhe aparecia em sonhos. Ele também a tinha visto e de longe; protegendo os olhos com a mão, a mirava.

(*) Os generais e os duques eram saudados com dois *han* e três *han* eram saudações para o rei. (Nota da Autora)

O capitão fez entrar os seus hóspedes no camarote da popa ou sala de visitas da galera. Como o dia estivesse quente, as senhoras ali deixaram suas capas. O cavaleiro esbelto e escorreito aparentava grandeza no seu brilhante uniforme. O visconde sob a sua cota de malha, tendo a mão no copo incrustado de ouro da sua espada, parecia querer ostentar, em face daqueles miseráveis, destroços da humanidade, todo o orgulho da velha nobreza provençal.

Elisabeth dissimulava o seu pacotinho nas dobras do seu corpete. Deveria ela confiá-lo ao capitão? Ela hesitava, temendo uma indiscrição.

Toda a companhia se pôs a caminhar sobre a coxia atravessando o navio. A dois passos dela Cláudio, cujo olhar intenso, atento, não a deixava, buscava os seus olhos.

Emocionada, corando, Elisabeth por um instante mergulhou os seus nos dele. Súbito um pensamento atravessou-lhe a mente. Ao passar rente dele, ela deixou cair o lenço. Com um gesto vivo ele se pôs de pé e lho entregou. No instante em que os dedos se tocavam

alguma coisa passou da mão da moça para a do galé, que imediatamente se fechou sobre ele. Um obrigado, murmurado e trêmulo, lhe foi dirigido e a moça passou. Isto foi feito tão depressa que nem o visconde nem o cavaleiro que a seguiam nada viram.

Escutavam as explicações que caminhando lhes dava o capitão. Chegando à extremidade da coxia o cavaleiro de Gartel com gesto garboso ofereceu a mão à moça, porém ela sem parecer vê-lo voltou-se para o mar e leve como uma gaivota galgou a escada empinada. Atrás dela, na chusma, um par de olhos não perdeu nenhum de seus movimentos.

O capitão, gesticulando e falando alto, contava seu encontro com a fragata espanhola que havia custado a vida a bom número dos seus homens.

Elisabeth falou baixinho ao ouvido do visconde que, dirigindo-se ao capitão, perguntou-lhe:

– Não existe por ventura um edito do rei pelo qual recebe imediatamente sua libertação todo condenado ferido em batalha naval?

– Certamente, disse o Sr. de Ribeauville. E foi justamente em virtude desse edito que ha alguns meses vários dos meus homens foram soltos.

– O Senhor não tem aí na sua chusma, continuou o visconde, um Cevenol de nome Noguier, que foi ferido nesse mesmo combate? Como então ele não foi solto depois de seus três meses de hospital da Marinha?

– Simplesmente porque, a menos que eles abjurem, os heréticos não são contemplados nessa real mercê. É a expressa ordem de Sua Majestade.

– O moço em questão, prosseguiu o Sr. d'Ormancy, é vítima do ódio dos jesuítas. Houve várias irregularidades no seu processo e um tal capelão de Alais representou nele um papel muito sujo. O que pensa o Senhor: haveria alguma esperança de revisão do processo e de se obter na corte a libertação dele?

O capitão levantou os ombros. – Creio que um tal passo seria perfeitamente inútil. Escreva para a corte. A resposta será que vão examinar a causa dele, porém para ser libertado é preciso que antes de tudo ele abjure. Esta resposta foi dada no tom de um homem convencido e que se sente capaz de dar inúmeras provas em apoio de suas afirmações.

– Se a coisa é assim, sinto muitíssimo, disse o visconde olhando para Elisabeth. Porém, eu tinha o rosto voltado. Ele não lhe pôde ver a expressão do mesmo.

Outros ouvidos haviam tomado nota desta conversa.

Cláudio e Capuchinho, acorrentados não longe dali, não tinham podido ouvir as perguntas do visconde, porém a voz clara e vibrante do comandante, habituada a dominar o ruído do mar, lhes havia chegado.

Cláudio estava profundamente preocupado. Ele havia escondido o pacotezinho sob a sua casaca e o estreitava ao coração. Não o abriria senão quando não tivesse receio de que algum olhar indiscreto o espreitasse. As palavras do

capitão nada de novo lhe revelaram sobre sua vida de galé, mas ele viu que se haviam lembrado dele.

Virando-se a meio, ele dirigia seus olhares para a proa. Elisabeth, de pé, apoiando-se no bordo do navio, aparecia-lhe em plena luz. Sua bela cabeleira loura que cintilava ao sol, sua fronte alva, seu vestido claro de contornos luzentes sobressaiam em belo relevo sobre o azul pálido do céu de outono. Ele a contemplava desejando no coração que o tempo parasse e que para todo o sempre esta visão angélica se lhe imprimisse na visão e na alma.

O capitão fez voltar os seus hóspedes pela galeria, afim de que eles pudessem melhor admirar o prodigioso leque dos remos.

– É um espetáculo fora do comum, dizia ele, quando a um assobio esses cento e cinquenta remos descem e conjuntamente caem no mar.

– Como eu desejaria ver isso! Exclamou a condessa.

– Pois não! Vossa Excelência será obedecida! Respondeu o Sr. de Ribeauville. Com as damas, o rude capitão sabia ser gentil e gracioso.

Duas palavras ao comitre, em seguida um assobio. Num abrir e fechar de olhos todas as casacas caíram, as manilhas foram empolgadas e logo a galera à cadência majestosa de seus remos vogava em pleno mar.

– Este exercício deve causar um cansaço terrível para os remadores, disse Elisabeth, com o coração apertado.

– Certamente. Mas é incrível o que se obtém de uma chusma bem exercitada. Imagine o senhor, acrescentou ele voltando-se para o visconde, que em Dunkerque experimentaram manobrar as galeras com remadores livres. Não aguentaram. Enquanto que com os nossos escravos, chega-se a vogas de quinze, vinte horas e até mais. Quer ver como é que se faz para lutar em velocidade com qualquer fragata ou navio corsário?

Nova ordem, novo assobio. Desta vez era a voga-arrancada, na sua violência de tempestade, sob o chicote e as imprecações dos sub-comitres. As costas dos galés tingiam-se de sangue.

– Pare! Eu não posso ver isto! Exclamou Elisabeth apavorada. Que horror! Oh! Sr. Capitão, piedade! Piedade para esta pobre gente!

- Às suas ordens, minha bela menina. Na galera eu comando aos comitres e sub-comotres, porém obedeço sempre às belas damas.

Os remos imobilizados formaram de novo o leque. Alguns condenados desceram as vergas e içaram as velas. Um vento favorável conduzia de novo a galera no porto.

Restava-lhes ver o porão da Favorita, o beliche do capitão, a despensa, a tasec, cuja provisão de vinho pertence ao comitre que o vende por sua conta, o paiol de pólvora cuja chave está em mão do canhoneira-mestre. Emfim o quarto de operações.

– É para aqui que trazem os feridos, disse o Sr. de Ribeauville, e onde a gente larga os velhacos que foram açoitados.

Nesse quarto, não havia sinal de cama nem de colchão; só se viam cabos, aparelhos, grossos rolos de corda. Que leito para os corpos partidos pela metralha ou sulcados pelos golpes de corda!

Assentados em frente do quarto de popa os hóspedes assistiram à ceia da chusma.

A passagem dos baldes, Laura levou ao nariz o seu fino lenço.

– Que mau cheiro! Exclamou ela.

– Concordo que o cheiro não é bom! Declarou o capitão. Mas eu não posso sustentar da minha mesa todos estes cães piolhentos e sarnentos.

Elisabeth voltou-se para o capitão e o encarou. E esse olhar da moça de tal modo exprimiu espanto e censura que o Sr. de Ribeauville se envergonhou das suas palavras.

– É verdade que todos não merecem este agravo. O Senhor desiste do seu intento acrescentou ele virando-se para o visconde. Enfim, nunca se sabe... Se o Senhor deseja ver este homem, eu o mando vir.

Acabavam de pôr a mesa no quarto de popa. Num grande prato um pato recheado de trufas, dourado, com a pele quebradiça, exalando um aroma delicioso ostentava a

sua gordura. O visconde, com as narinas dilatadas, o amimava com os olhos. Ele teve um gesto vago:

– Se as coisas são como o Senhor diz, seria simplesmente açoitar o ar. Mas vá convencer essas cabeças de burro! O melhor seria fazê-lo assinar uma profissão de fé.

– Isso é o que os nossos capelães cansam de lhes dizer. Mas vá convencer essas cabeças de burro! Tanto vale querer meter um prego no granito! Enfim, isso é lá com eles! Ataquemos!

Puseram à mesa. Durante a ceia, uma dúzia de museus com librés escarlate e bonés de veludo com galões douradod, vieram postar-se ante o quarto de popa. Pífaros, rebecas, guitarras e címbalos uniram suas harmonias. Era a sinfonia do "Comandante" que o Sr. de Ribeauville havia requisitado essa tarde para a sua recepção.

– Não é boazinha a minha orquestra? Perguntou ele todo sorridente. O chefe é um antigo músico do rei. Ele foi condenado por desertor. Todos os outros também são galés.

Elisabeth escutava em silêncio esta música estranha, atraente, que a emocionava fora de conta. As lágrimas que ela se esforçava por não derramar a sufocavam. A garganta de lhe estreitara a ponto de nada poder engolir. O capitão que por vezes fora convidado pelo Sr. d'Ormancy para as suas caçadas seguidas de banquetes copiosos havia querido dar um festim a seus hóspedes. As porções eram enormes. Elisabeth, sentada ao lado do visconde, fez-lhe um sinal, que ele compreendeu.

Aproveitando um momento em que o capitão tinha as costas voltadas, ele fez rapidamente passar para o seu prato a porção da sua vizinha e em poucos bocados a engoliu.

Sobre a mesa coberta de baixela de prata, os pratos seguiam-se e o vinho alambreado enchia as taças.

Iguarias suculentas jamais haviam despertado na moça uma tal aversão. Ela desejaria descer aos bancos dos condenados, partilhar o seu pão preto e umedecer os lábios com aquele abominável caldo.

Quando os hóspedes se levantaram pensando na volta, o capitão os reteve.

– Esperem ainda dois minutos! Quero mostrar-lhes uma coisa. Uma vasta tenda havia sido entendida sobre a galera. A um assobio, grande reboliço nos bancos dos galés. Instalavam-se mesas sobre travessas de ferro ou de madeira a três pés mais ou menos acima dos bancos. Em um abrir e fechar de olhos bons colchões, almofadas, lições e cobertores foram trazidos do porão. Cercou-se cada leito com um pavilhão de pano azul e branco suspenso por cordas. À luz das grandes lanternas que agora iluminavam a abóbada todos esses pavilhões formavam uma vista imponente.

– Esses leitos são para os galés? Perguntou inconsideradamente a viscondessa aconchegando a capa, que a brisa marinha começava a esfriar.

O capitão se pôs a rir.

– Ora esta! Esses leitos são para os nossos oficiais. Os marujos armam os dele sob a proa.

– E os galés onde se deitam?

– Sobre seus bancos.

– Sobre os bancos! Mas no inverno eles devem gelar! Quando faz muito frio, quando sopra o mistral, como é?

– Ora! Eles têm os seus capotes! Certamente que não sentirão calor! Mas eu nunca soube que algum tivesse gelado durante a noite.

Com os sentidos do ouvido e da vista, dolorosamente aguçados, Elisabeth ouvia e via tudo. Seus dedos apertavam nervosamente o espaldar da cadeira. Entretanto ela esforçava-se por adquirir uma aparência de calma, pois urgia falar. Enquanto os seus companheiros preparavam-se para partir, ela abeirou-se do Sr. de Ribeauville.

– Aceite, Sr. Capitão, os meus agradecimentos pelo seu convite. A visita à galera interessou-me vivamente. E eu aproveito a ocasião para recomendar-lhe calorosamente o meu compatriota, o Sr. Noguier, o melhor amigo de meu irmão: Confio no Senhor. Eu sei que o Senhor será bondoso para com um homem cujo único crime foi querer servir a Deus segundo a sua consciência.

O Capitão inclinou-se profundamente.

– A Senhora não pede, ordena, nobre dama! Eu abrandarei o zelo dos meus comitres e, cuidarei do seu protegido.

Esta noite mesma enviar-lhe-ei um pichel de vinho para que ele beba a sua saúde.

Elisabeth agradeceu. Gentilmente, sem trair a menor repugnância, ela estende-lhe a mão que ele pedia para beijar.

Partiam. Pela última vez Elisabeth voltou-se para o banco do Cevenol. Ela avistou Cláudio encostado à coxia, apoiada a cabeça na mão; seus grandes olhos negros a envolviam num triste e terno olhar. Ela inclinou-se levemente. Ele respondeu por um gesto da mão. Neste momento a orquestra tocava uma velha balada que ela bem conhecia. – "A noiva do trovador". Era uma história simples. O trovador amava a castelã e a castelã amava o trovador. Ela era rica, ele pobre. Querendo tornar-se digno dela, ele passa para o estrangeiro para ali adquirir riquezas. Mas na praia distante, em vez da fortuna, ele encontra a morte.

Esta balada reproduzida pelos instrumentos da orquestra, que marcava as passagens mais tristes por notas breves dos címbalos, era duma tristeza pungente. Elisabeth se pôs a repetir o estribilho:

No seu solar a castelã
Sonha e modula um cântico de amor.
Entretanto na praia longínqua
Dorme, dorme o pobre trovador.

Caíra a noite. Ninguém viu as lágrimas que lhe corriam pela face e que ela nem enxugava temendo despertar a atenção. A carruagem esperava no cais.

– Então! Perguntou-lhe o cavaleiro com o seu mais gracioso sorriso divertiu-se bastante?

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 14, São Paulo, 05 de Abril de 1928, p. 11-13.

CAPÍTULO XIV
A CARTEIRA

Havia chegado a hora do repouso: as grandes lâmpadas já se tinham apagado sem que Cláudio tivesse achado um momento propício para abrir seu pacotezinho. Entretanto a impaciência não o devorava. Ele gozava ao sentir debaixo da mão este pequeno objeto tangível. Meus olhos, dizia ele, contemplaram seu exterior delicioso, porém aqui tenho alguma coisa ainda melhor. Este embrulho contém uma carta. É o seu pensamento, a sua vida profunda que se me revelam. É mesmo o coração dela que aqui sinto junto ao meu!

O dia seguinte foi um domingo. Durante a missa da manhã, Cláudio, envolto no seu capote, meio deitado sobre o banco como os outros huguenotes (1), abriu seu precioso embrulho. Para preservar-se de olhares indiscretos ele tinha levantado como barreira na aba do pano azul. A primeira coisa que lhe apareceu foi a carteira. A inscrição bordada sobre veludo escuro pela mão querida – "Vencerás" – soou-lhe como um toque de clarim. Era uma promessa e também uma ordem. Desdobrou a carta, viu o pequeno Evangelho e reconheceu o longo e perseverante trabalho que tudo aquilo representava. No fundo da carteira ele encontrou algumas moedas de ouro. A moça não devia possuir senão a mesada que lhe proporcionava o seu tio. Este ouro seria sem dúvida o

preço de mais de um sacrifício de adornos ou jóias. Leu a carta. Toda a confiança, a simpatia, o carinho que transpareciam em cada linha o comoveram profundamente. Do fundo misterioso da sua alma ele sentia como que brotar uma fonte de gozo, duma infinita doçura que se apossava dele penetrando-o todo. Tornou a tomar a carteirazinha, acarinhou-a com os olhos, passou os dedos sobre o veludo. Examinando-a atenciosamente, percebeu que aquilo que ele havia suposto ser um fio de seda era na realidade um fio de cabelo; era um fio luminoso de cabelo da jovem que aureolava a magnífica divisa: "Vencerás"! Leu de novo algumas linhas da carta de Elisabeth que dizia assim: foi de joelhos que pedi a Deus a mensagem que eu devia enviar-lhe. E esta palavra impôs-se-me irresistivelmente no pensamento. Receba-a, pois, como uma promessa direta, um "*sursum corda*" da parte do Todo Poderoso.

---

(1) Um major das galeras, o Sr. de Bombelles, tentara açoitar todos os calvinistas que se recusavam a ajoelhar durante a missa. Porém, cedendo às representações das potências, a corte tolerou uma outra postura. (Nota da Autora).

Ao seu Evangelho, Elisabeth tinha acrescentado os sete versículos do Apocalipse que começam por estas palavras: "Ao vencedor"... Eles terminam assim: "Ao vencedor, fá-lo-ei sentar-se Comigo no meu trono, assim como Eu venci e sentei-me com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".

Terminando estas linhas Cláudio sentiu o seu coração como o de um soldado bem armado, bem encouraçado, e que tem nas mãos uma espada invencível. Não temia mais o porvir. Na véspera Pedro Mazel lhe havia passado uma carta de seu irmão Abraão o chefe do Deserto, cheia de

perspectivas novas e de firmes e alegres esperanças. Abraão falava dos novos chefes. Roland, Cavalier, que conduziam as tropas deles à vitória. Ele afirmava que quando fosse concluída a paz o primeiro artigo submetido à corte seria a libertação dos condenados da galé. E se a liberdade de culto fosse recusada, insistiriam pela imediata abertura das fronteiras (2).

Cláudio via o horizonte da sua vida, nebuloso por tanto tempo, colorir-se duma luz maravilhosa. Ela pertencia-lhe. Aquela mão que com tanto amor havia trabalhado para ele, toma-la-ia na sua e não a largaria mais. Juntos afrontariam a pobreza, o sofrimento, o exílio. Mas não, para eles não existiria o exílio. Nem tão pouco sofrimento ou pobreza. Genebra seria a sua pátria, Deus, o amor e a alegria que os uniria seriam a sua riqueza, maior que todos os tesouros da terra!

Assim sonhava ele enquanto as orações latinas, passando por sobre as cabeças dos galés ajoelhados se iam confundir com o marulho do mar. O padre Lacoste acabara a sua ladainha. Era talvez o melhor - ou o menos mau - dos lazaristas de Marselha. Déspota como todos os seus colegas, apresentava, entretanto ao lado de seu autoritarismo, modos afáveis e uma certa benevolência. Ao passar por Cláudio, ele parou.

– Boas notícias? Perguntou ele piscando maliciosamente. Eu vi que você estava lendo durante a missa! E como o Cevenol se mostrasse perturbado, exclamou: – Oh! Não se assuste, eu não vou traí-lo! Somente tome cuidado, meu amigo, cuidado com as esperanças enganosas! O caminho mais curto para a liberdade você já sabe qual é!

(2) Luís XIV, revogando o edito de Nantes, proibiu ao mesmo tempo a saída dos calvinistas do reino e fortes guardas foram postos nas fronteiras. Se alguém era apanhado tentando atravessá-las, eram os homens levados às galés e as mulheres e crianças levadas aos conventos. (Nota da Autora)

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 15, São Paulo, 12 de Abril de 1928, p. 10-11.

CAPÍTULO XV
ABARRACAMENTO DE INVERNO

Todas as galeras descarregadas do carregamento de pólvora haviam entrado no velho porto. Em frente armaram-se barracas de tábuas. Os galés que praticavam ofícios ocupavam essas barracas durante o dia.

Porém esses industriais tinham em Marselha uma triste reputação. Os sapateiros falsificavam o couro, os alfaiates roubavam a fazenda. Havia ali trapaceiros, tabeliães para testamentos falsos e atestados falsos, pois que sabiam imitar com perfeição qualquer caligrafia.

Eles possuíam sinetes de todas as espécies: selos de cidades ou de bispos. Hábeis em falsificar atos autênticos aqueles gatunos trabalhavam barato. Todos eram dolosos.

Os turcos também traficavam. Alguns vendiam café, fumo, aguardente, outros iam à cidade onde particulares os empregavam em rachar lenha. Os galés que ficavam na galera faziam trabalhos de malha. Os turcos vendiam-lhes o fio que eles pagavam depois com o seu trabalho.

Porém acontecia frequentemente que algum velhaco vendia o fio e gastava o dinheiro em aguardente. Sob o

depoimento do turco, o culpado era inevitavelmente açoitado. Apesar do medo que inspirava esse suplício, a paixão da aguardente em muitos era tão forte que eles preferiam ao trabalho a embriaguez e o açoite.

Capuchinho, como no inverno precedente, tinha uma loja. Cláudio, por intermédio de Isacoff, o turco do banco, arranjara madeira e alguns instrumentos e fazia brinquedos. Ambos partilhavam da mesma barraca. Foi a poder de dinheiro e de pichéis de vinho que, depois da estada de Cláudio no hospital, Capuchinho conseguiu do comitre que lhe fosse restituído o seu companheiro.

Um dia, dois estrangeiros entraram na barraca. Um deles era um major da Grande - Real que Capuchinho conhecia. O outro trazia o uniforme dos dragões do rei. À primeira vista Cláudio reconheceu o cavaleiro de Gartel.

O major examinou um cachimbo turco que lhe asseveravam vir diretamente de Constantinopla. Depois passou a mão num pacote de charutos.

– Charutos Havana! Afirmou de novo Capuchinho, aroma suave, gosto delicioso. Importado diretamente das colônias.

O oficial pagou, mas fez ouvir este áspero remoque:

– Grandíssimo velhaco! Se o diabo te houvesse levado depois da primeira mentira, não estarias mais aí para nos impingir tua bugiganga!

– Éverdade! Concordou Capuchinho. Se o diabo usasse desse modo, eu cá não estaria para vender e tão pouco Vossas Senhorias para comprar.

Sem deixar aos dois oficiais estupefatos de um atrevimento igual o tempo de cair em si, ele prosseguiu imperturbável:

– Meus senhores, eu possuo, pela graça do céu, o dom de levantar às vezes um canto do véu tlo futuro. Se lhes apraz o consentir, ser-me-ia grande honra! Extrema honra de poder servir nisso a Vossas Senhorias.

– Ele tira a sorte! Exclamou alegremente o major. O patife nos vai prometer mil maravilhas. Vamos ver!

Ele estendeu a mão. Capuchinho examinava as linhas. Então, tirando do bolso uma caixinha suja, se pôs a virar os ossinhos. Depois de uma série de sinais cabalísticos, ele tomou a palavra. Fez entrever uma herança imprevista, uma fortuna imensa... O oficial com um sorriso de mofa nos lábios lançou sobre a mesa uma moeda de quarenta soldos.

Capuchinho virou-se para o cavaleiro.

– E a Vossa Senhoria, não lhe poderei servir? Todos gostam, creio eu, de lançar, ainda que não seja senão um olhar, no futuro.

Cláudio virou-se de leve. Ele não reconhecia o seu camarada. Capuchinho tinha mudado o seu assento e enrolava os *r* como um verdadeiro meridional.

– O futuro? Pretendes conhecê-lo, velho tonto! Chacoteou o cavaleiro.

–Vossa Senhoria duvida? Pois bem, se me permite, comecemos pelo seu passado! Logo ficará convencido.

Capuchinho voltou aos seus ossinhos, desenrolou um velho pergaminho que chegou ao ouvido. E lentamente, como sob a inspiração de um espírito misterioso, deixou cair as seguintes Sentenças:

– Vossa Senhoria tem tido grande sucesso com as damas. Belo, elegante como é, dotado de espírito superior, é muito natural.

Sim, mui grandes sucessos. Visões passam ante os meus olhos. A primeira que vejo é uma morena filha do Sul, cabelos negros, dentes brilhantes. Depois uma atriz incensada, aplaudida por milhares de admiradores. Eu a vejo a seus pés. Em seguida uma dançarinazinha espanhola, oh! que galante criatura com seus anelados cabelos castanhos e seus olhos que são dois diamantes negros... Agora é uma castelã, alta, esbelta; nos seus dedos brilham a ametista, as mãos cheias de bilhetes perfumados.

Uma brusca exclamação do cavaleiro o interrompeu.

– Safa! Aqui ha deveras feitiçaria!...

– Paciência! Paciência! Prosseguia Capuchinho. Há ainda outras, mas eu não quero fatigar Vossas Senhorias. Chego à última delas. Oh! Que encantadora menina! Uma loira de cabelos de ouro, e de grandes olhos tristes. Porém

coisa inconcebível! Esses olhos não se voltam para a sua pessoa: eles olham além...

Os dois oficiais se tinham aproximando: Não zombavam mais. A fisionomia deles exprimia a mais intensa curiosidade.

– É verdade! Disse o cavaleiro: Agora tu que sabes tudo, explica-me o motivo disto e mostra-me o remédio!

Capuchinho levou de novo o pergaminho ao ouvido.

– Vossa Senhoria sabe tão bem como eu que um coração de mulher é pequeno demais para conter ao mesmo tempo mais de um sentimento. Assim é com a bela menina loira. O coração dela na hora presente está possuído de dor. A desgraça de um irmão, ela assim o chama, essa desgraça a aflige e acabrunha.

Quando houver passado este tormento, então talvez, o seu coração se poderá abrir ao amor, mas antes não!

– Ah! Agora compreendo! Compreendo enfim! Murmurou entre os dentes o cavaleiro de Gartel.

– É preciso, continuou Capuchinho, o talismã sempre rente ao ouvido, é preciso afastar o obstáculo. Vossa Senhoria encontrará aí grandes, formidáveis dificuldades. Já outros o tentam e tiveram de reconhecer a sua incapacidade. Mas Vossa Senhoria não se deixará demover. Irá à corte, falará com os ministros, chegará mesmo até a grande favorita que tem em suas mãos o coração do rei e os destinos do reino. Finalmente verá os seus esforços coroados com êxito. Então a loira mimosa,

livre da sua aflição e toda vibrando de gratidão, não hesitará mais em cair-lhe nos braços!

Cláudio levantou-se bruscamente.

– Capuchinho, deixa esses Senhores irem cuidar de seus afazeres! Aí vem o sub-comitre para nos soltar.

Uma segunda moeda, esta de cem soldos, caiu na escudela de Capuchinho. Quando os dois estrangeiros se afastaram, ele os seguiu com um riso silencioso. Depois voltando-se para o Cevenol:

– Estás contente comigo? Cláudio não respondeu palavra. Ele havia escondido, alguns dias antes, a Sua carteira na coxia debaixo de um cabo, onde ele supunha que ninguém a descobriria. Via agora que na sua ausência Capuchinho a tinha achado. A carta tinha sido lida. O pensamento de seus tesouros assim profanados foi-lhe extremamente desagradável. Por outro lado o obstáculo o divertia. Tinha vontade de rir e ao mesmo tempo como que o desejo de espedaçar alguma coisa.

– Que é isso, camarada, estás quieto? Que tal se daqui a poucas semanas víssemos chegar da corte uma carta regia?

– Isto não acontecerá! Foi a breve resposta de Cláudio.

– E por que não? Na corte Mme. de Maintenon é toda-poderosa. De mais está claro que a linda moça loira não pagará o resgate. Uma vez livre, tu a raptas! É tão simples.

Cláudio atirou violentamente sobre a sua banca o objeto que ele tinha acabado, e uma veia azul saltou-lhe na fonte.

– Cala-te! Disse em tom áspero. Eu não te pedi conselho, e meus negócios particulares não são da tua conta!

– Noguier! Que é isso? Exclamou Capuchinho, grandemente surpreendido com este tom a que ele não estava acostumado. És meu melhor camarada, meu único amigo. Agora responde-me: Se te soltam, para quem o proveito: para ti ou para mim?

Cláudio não tinha encarado esse lado da questão. Sua cólera caiu subitamente.

– Capuchinho, meu velho camarada, perdoa-me! Disse ele com voz de novo acalmada e cordial. Eu sei que me queres muito, que tuas intenções são excelentes. Porém, vê – há coisas que não podes compreender!

E enquanto o sub-comitre os desencadeava, virou-se para Capuchinho:

– Eu também, quase que estou acreditando que é um tanto feiticeiro... Aquela lista de filha do Sul, de atriz, de dançarina espanhola, onde a foste escarafunchar?

Capuchinho voltou a sua mímica teatral levantando os braços para o céu:

– Ah! O oficial de dragões, o nobre Senhor de Gartel! Que ingenuidade sob os seus galões e a sua cabeleira! Pois ele não reconhecer seu antigo lacaio, Bertrand, que lhe

furtava o vinho, que se enfeitava com suas roupas usadas e lia os seus bilhetes amorosos...

É verdade que a navalha e a casaca fazem da gente um outro homem!

Desta vez Cláudio riu a bom rir. Porém seus pensamentos tomaram logo outro rumo. Ela era capaz, para salvá-lo, de sacrificar-se e isto urgia impedir a todo custo.

À noite, no clarão das lâmpadas, ele traçou algumas palavras a lápis e sobrescritou: *À Senhorita d' Arville, end. o Sr. Visconde d'Ormancy*. Então avistando o capitão que no momento passava sobre a coxia:

– Senhor; disse ele respeitosamente, dê-me licença de lhe pedir um obséquio: esta carta é importante; fará o Senhor o favor de completar o endereço e de despachá-la?

O Sr. de Ribeauville no primeiro momento pasmou da ousadia, inteiramente desusada da parte de um galé. Mas o rosto honesto e leal de Cláudio não lhe desagradava. Com um rápido olhar circular certificou-se que nenhum capelão despontava no horizonte e tomou a carta.

– Desta vez eu o farei, disse ele, mas você conhece a ordem! Não repita!

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 16, São Paulo, 19 de Abril de 1928, p. 12-13.

CAPÍTULO XVI

A VISCONDESSA D'ORMANCY

De pé no terraço do palacete, em frente a um canteiro de rosas tardias em plena florescência, Elisabeth contemplava o mar. De repente ouviu-se um ruído de passos sobre a areia e daí a pouco o cavaleiro estava ao seu lado. Parecia transfigurado.

– Há muito, disse ele, que me admiro de vê-la tão frequentemente triste, pensativa ou preocupada. Ontem enfim achei a chave do mistério. O pedido de seu irmão, seu juramento. O visconde contou-me tudo, e eu compreendo o seu desgosto. Ele disse-me também que desanimado pelo que ouvira do Sr. de Ribeauville desiste da empresa projetada. Pois eu, para vê-la despreocupada e alegre, estou disposto a encarregar-me dela.

– O Senhor! Exclamou a moça admirada do que acabava de ouvir. Se lhe tivessem dito que o Rhodano retrocedia a sua fonte, não lhe causariam maior admiração.

– Sim, eu mesmo! As empresas desse gênero mal logram-se muitas vezes porque os que as compreendem não lhes dispensam todo o cuidado requerido. Não sabem usar dos trunfos. Daqui a poucos dias irei a Paris e é a Mme. de Maintenon que me dirigirei diretamente. Um velho amigo meu que goza das boas graças dessa senhora, se incumbirá da apresentação. Mme. de Maintenon, como a senhora sabe, é toda poderosa na corte: certamente que ela conseguirá a graça do nosso protegido. A senhora concorda? Autoriza-me a pedir, em seu nome, assim como no meu, a libertação de Cláudio Noguier?

Elisabeth estremeceu... Aquele nome nesta boca!... Cabisbaixa, ela se recolheu por uns instantes.

A Senhora hesita! Continuou ele com ardor. Então não seria feliz se eu lhe trouxesse uma carta-régia com a libertação dele, completa e imediata?

– Seria bom demais! Balbuciou ela. Eu lhe seria por isso profundamente, infinitamente grata: experimente! O Senhor poderia documentar-se com o Sr. de Lassaulz, juiz do Tribunal de justiça de Alais. Ele lhe fornecerá todos os autos do processo.

Isso é inútil! Declarou o cavaleiro aprumando-se todo. Não precisamos disso! A única coisa que desejo é um talismã recebido da sua mão que levarei comigo para robustecer o meu ânimo. Porque é possível que se levantem obstáculos, quiçá mesmo formidáveis dificuldades. Elas não me desanimarão. Dê-me – veja, minhas pretensões são modestas – dê-me simplesmente uma dessas rosas.

Elisabeth tornou-se escarlate. A rosa, a flor do amor!... Em outras ocasiões ele zombava do cavaleiro. Mas neste momento, sob o seu olhar de fogo, um enfado inexplicável apoderou-se dela.

E como ela tardasse em obedecer:

– Trata-se de salvar um homem! Insistiu ele, de livrá-lo, de libertá-lo do seu inferno...

Então resolutamente ela quebrou um galho que lhe magoou os dedos, e sem olhar para ele apresentou-lhe a flor aberta.

E fugiu. O coração se lhe apertava de angústia como ao pássaro que, adejando, ainda sente estreitar-se em torno de si o laço do passarinheiro. Seria isto uma expiação?

Daí a uma hora partia a cavalo o Sr. de Gartel. À tarde, à hora do jantar, o porteiro do palacete entregou uma carta á viscondessa.

– É para você, Elisabeth, disse Laura examinando-a. Que carta esquisita! O endereço é a lápis e traz o carimbo do porto. Pensei que você não conhecesse ninguém ali!

Elisabeth abriu-a com precipitação. Correu os olhos sobre a mesma e forçada por várias perguntas acabou por a ler em voz alta.

O bilhete dizia o seguinte:

"Senhorita,

"Queira desculpar a ousadia de dirigir-me diretamente à Senhora. Agradeço-lhe a lembrança de uma tentativa em meu favor. Porém, conforme a senhora ouviu do nosso capitão Sr. de Ribeauville, ela é fadada ao insucesso. Entretanto peço-lhe agradecer por mim e de todo coração ao Sr. Visconde d'Ormaney. É possível que mais alguém lhe proponha interceder na corte. Nesse caso eu lhe suplico que responda por uma negativa clara e formal.

Não é por aí que nos virá a libertação. A nossa libertação, nós galés huguenotes a esperamos unicamente de Deus que dará vitória às armas camisardes. Creia-me, Senhorita, seu muito humilde e respeitoso criado – *Cláudio Noguier*".

– Cabeça de burro! É isso mesmo! Disse o visconde com uma risada grosseira.

Mas não escreve mal o seu protegido. É curioso!

Disseram-mc que esses montanheses eram todos iletrados.

– Mas que quer ele dizer? Que alusão é essa a uma outra pessoa ? Perguntou Laura intrigada. Alguém lhe propoz ocupar-se desse negócio?

Elisabeth contou-lhes a conversa que tivera pela manhã com o cavaleiro.

O visconde e a viscondessa olhavam um para o outro grandemente admirados.

– Você compreende o que ó isso? Perguntou enfim a moça ao marido.

– Absolutamente! Assim como para você, para mim tudo isto é inexplicável.

Sim, Elisabeth enfrentava um mistério... Entretanto seu rosto estava como que iluminado. A carta com um traço agudo como um golpe de canivete havia rompido o laço. O pássaro podia abrir as asas e voar para o céu.

– O Senhor tem o endereço do cavaleiro! Perguntou ela.

– Esta noite ele estará em Uzés, amanhã em Lião, mas onde encontrá-lo nessas cidades? Eu sei que em Paris ele se hospeda com o marquês de la Vrilliére, antigo ministro de Estado. Enderece a sua carta para ali.

Findo o jantar, Elisabeth tomou da pena e em termos não menos formais que os da carta que a libertara, pedia ao Sr. de Gartel que não desse seguimento ao seu propósito.

Ela veio a saber mais tarde que ele, sem prestar atenção a sua retratação, havia posto em movimento a corte e por vezes se abeirara de Mme. de Maintenon.

A grande dama, aceitando as suas homenagens, lhe prodigalizara sorrisos e promessas. Porém, como não cumprira nenhuma delas, ele nunca teve a glória de depositar aos pés de Elisabeth a famosa carta-régia, e secretamente queria mal ao velho feiticeiro da barraca que tão escandalosamente se divertira à custa dele.

Terminada a cura dos banhos, Laura insistiu por levar Elisabeth ao seu castelo d'Ormancy, ao que o Sr. des Ponts-Marceaux, previamente consultado, deu seu consentimento.

Para festejar o aniversário de esposa o visconde dava um grande sarau.

– Mas eu não tenho traje adequado! Protestou a moça.

– Você escolherá um vestido no meu guarda roupa; somos do mesmo porte. Deixe estar que eu me encarrego de enfeitá-la!

Na manhã do grande dia Laura foi presenteada pelo marido com um suntuoso agasalho de peles. Em vez de abraçá-lo e de agradecer afetuosamente, ela apenas articulou um seco obrigado e retirou-se para a janela com ar amuado. O visconde olhou para Elisabeth, sorriu de modo significativo, levantou os ombros... Em seguida, com gesto resoluto, tomou o chapéu e saiu.

Laura, que é isso! Exclamou a moça.

– Não sabe o que é? Pois bem! Eu vou explicar e aí você mesmo julgará. Eu tinha pedido, como presente de aniversário, um adereço de brilhantes: E eu o experimentei no joalheiro, e era de um efeito maravilhoso nos meus cabelos pretos. Mas o visconde achou-o caro demais. Entretanto alguns poucos mil francos, o que é isso para ele? Uma ninharia! Quando de trata dos seus prazeres, dos seus banquetes, ele não tem medo de fazer correr o ouro, mas, quando se trata da sua mulher, aí é diferente!

Estas últimas palavras foram seguidas do um soluço e de um gesto trágico. Nesse momento ouviu-se uma leve pancada na porta. Era a ama que costumava a essa hora trazer à mãe o pequenino confiado aos seus cuidados.

A viscondessa comprazia-se em ocupar-se do filho uma meia hora por dia. Quando se enfadava dele, ela o largava sobre o sofá em meio das almofadas. Vendo aproximar-se a ama, teve um gesto de impaciência :

– Leve-o embora! As choramingas dele me cansam e irritam-me os nervos!...

Elisabeth interveio e tomou o menino nos braços. Lembrou-se que sua prima como menina recebia sempre com entusiasmo uma boneca nova, porém ao cabo de poucos dias a jogava a um canto e não pensava mais nela. Seria que a esta infeliz criancinha estava reservada a mesma sorte? Ela contemplava-a com enternecimento Unido à tristeza.

– Como é que a gente se pode dizer infeliz quando possui um tesouro igual? Já é tão bonito cultivar flores, ver dia a dia os galhos crescerem e abrirem-se os botões! E quanto mais interessante não é seguir o desenvolvimento dessa flor viva que é uma criança!

– Que lirismo! Disse a viscondessa. É verdade que em menina você fazia versos... Quanto a mim, vivo na prosa. Este menino não tem nada de mim: olhe essa testa, esses olhos, esses lábios grossos. Parece-se com ele!

E longamente se pôs a enxugar os olhos com o lenço.

– Se eu lhe contasse tudo, você veria, compreenderia enfim quanto sou infeliz. Até me ponho a duvidar se algum dia ele me amou! Ele só gosta da mesa, de seus amigos, de seus cães, e – nem sei se devo dizer... de mulheres! Sim, minha querida, tenho prova... Eu sei que ele entretém relações, que faz presentes... mas esses? De outro preço que não é este miserável agasalho. Que o leve embora! Eu nunca o vestirei!

– Laura, Laura, você está falando como criança! Você devia procurar ganhar de novo o coração de seu marido pela alegria, pelo carinho afetuoso. Mostre-se atraente, graciosa; você pode sê-lo. No seu lugar eu teria admirado, experimentado o agasalho e teria beijado meu marido e lhe mostrado toda a minha gratidão.

– Minha gratidão! Bradou Laura, amarga e zombeteira, ora essa! À volta dele prostro-me a seus pés, confesso o meu arrependimento e minha eterna gratidão! É isso?

Os prantos redobraram:

– Escuta, disse Elisabeth brandamente. Resta-lhe ainda muita coisa para encher a sua vida. Você tem a sua casa para cuidar, seu filhinho tão galante, suas prendas de salão. Sua mãe, minha boa e querida tia, tinha em conta do maior gozo ocupar-se dos pobres e dos doentes. E que eu saiba não há falta deles na grande propriedade d'Ormancy

Lauro deu um profundo suspiro.

– Minha mãe tinha cinquenta anos. Quando eu tiver a idade dela, é possível que eu ache prazer em andar por: montes e vales a visitar as choupanas. Por enquanto não acho graça nisso.

Elisabeth viu que era inútil prosseguir a conversa. O ar estava tépido, um sol alegre fendia as nuvens.

Conservando nos braços a criancinha que ria e soltava sons alegres movendo as mãozinhas, ela se foi a dar uma volta pelo jardim.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 17, São Paulo, 26 de Abril de 1928, p. 13-14.

CAPÍTULO XVII

A IGREJA SOB A CRUZ

No solar, Elisabeth voltou a sua vida de solidão, ocupada, entretanto pelo estudo e pelo trabalho. Uma notícia aí a esperava: a do próximo casamento de seu tio. A Sra. des Coudrets via realizarem-se seus planos elaborados com tanto cuidado. Ela ia tornar-se a rainha e senhora incontestada da bela vivenda, e ao mesmo tempo do Coração um tanto coriáceo do Sr. des Ponts-Marceauxl.

À noite Elisabeth via frequentemente enormes clarões rubros do lado das altas Cevenas. Ela, sábia por seu tio da medonha devastação ordenada pelo intendente, Sr. de Baville.

Sob o pretexto de que os Camisards ali vinham se abastecer, haviam decretado a completa destruição de todas as vilas e aldeias. Nem mesmo os novos convertidos eram poupados. "Eles não valem mais que os outros, dizia Baville. Todos eles se unem contra nós esses canalhas! Os camponeses com os seus móveis e o seu gado se viram metidos nas cidades. Montrevel distribuiu, em Vébron, a cada um de seus generais a parte que lhe incumbia na destruição. Porém, como a obra não se efetuasse depressa bastante; decidiram tudo incendiar.

Principiada em setembro, a obra nefanda terminou pelo Natal.

Uma tarde Elisabeth ouviu cantar o javanel. O canto lúgubre da ave noturna repetido por três vezes despertou a sua atenção, lembrada do ajuste leito algumas semanas antes com Joana Paisac ela desceu às pressas e dirigiu-se para o muro do jardim atrás da torrinha. Ouvia-se de novo mesmo grito.

Por cima da sebe surgiu uma cabeça arrepiada de menino. Daniel Paysac apresentou-lhe unia carta. Ela indagou da família.

– Estão queimando e demolindo as casas; da aldeia, disse Daniel. Creio que breve chegará a nossa vez.

– E aí que farão? Para onde irão?Perguntou ela desassossegada.

– Iremos ter com os Camisards. Mas eu voltarei de tempos em tempos buscar ou trazer-lhe cartas. Ela agradeceu com efusão.

A carta foi aberta sob o abajur da sua pequena lâmpada a óleo. Por uns instantes antes de abri-la, a estreitara ao peito.

"Minha querida irmãzinha,

"Como poderei exprimir por palavras a alegria: que me causou a sua visita, a sua atenção tão delicada?... Não me é possível! Somente lhe direi que a carteira eu a trago constantemente comigo. Para prevenir qualquer indiscrição eu mesmo fiz um bolso no interior da minha casaca e a querida lembrança ali está em segurança. Frequentemente a contemplo, sempre que posso fazê-lo. Sem correr nenhum risco. O veludo azul escuro me

lembra o azul de seus olhos e o ouro dos seus cabelos eu o possuo realmente no bordado das letras; na cercadura cintilante delas. É rima parte de si, é ela mesma, a minha maninha bem amada! Assim quando cruzo os braços, e sinto sobre o meu peito a preciosa carteira, não existe mais distância entre nós dois...

"Vencerás". Esta palavra eu a recebi assim como você a mandou: diretamente enviada por Deus. Sentindo a minha fraqueza, quantas vezes tremi! Poderei vencer? Saberei ficar firme até o fim? Agora que o Mestre, Ele mesmo, me dá essa confiança pela Sua mão querida, eu mais não tremo. Não com a minha força, mas com a dele vencendo todos os obstáculos, eu alcançarei o alvo, vencerei! Ou antes, pois que esta palavra lhe diz também respeito: Venceremos!

"O pequeno Evangelho copiado pela sua mão, me é também um tesouro sem preço. De manhã e de noite, toda vez que nenhum olhar de mal querença me espreita, leio algumas passagens. E sempre bebo ali forças novas, sinto um divino reconforto.

"Porém, para que mandar-me ouro? Eu ganho alguma coisa com o meu trabalho. Não se prive por minha causa. Estas moedas, eu não tocarei nelas agora, guardo-as para o dia da libertação. Quando a guerra tiver rompido as nossas cadeias, quando o reino nos abrir suas portas e com todos os nossos amigos alcançarmos a Suíça hospitaleira, então, por certo, este dinheiro ser-nos-á muito útil.

"O que é que pensou do breve e cerimonioso bilhete que lhe mandei à casa do Sr. Visconde d'Ormancy? Você, o·

compreendeu, não ? Entretanto devia causar-lhe certa perplexidade. Devo-lhe uma explicação e lha vou dar.

Então Cláudio narrava com todos os pormenores a cena da barraca. Fez um apanhado vivo, tão engraçado e humorístico que Elisabeth teve de se conter para não soltar uma gargalhada.

Ah! Como ela sentia não ter ninguém para partilhar da sua alegria, como ela tantas vezes lastimara não ter nenhuma amiga a quem confiar as suas penas! Lembrou-se então da Sra. Paysac, tão maternal, de Joana a quem ela amava como uma irmã. Mas as estradas estavam constantemente infestadas não só de tropas reais; mas de Miqueletes (*) e de Cadetes da cruz e assim ela não podia aventurar-se até a chácara da Butte.

"Repila do modo o mais formal qualquer proposta do Sr. Cavaleiro de Gartel, dizia Cláudio ao terminar, não lhe fique obrigada em coisa, nenhuma! Que me valeria a mim a liberdade se eu a obtivesse ao preço da sua. Sabê-la no poder desse homem!... Ah! Mil vezes morrer nos meus ferros!

Elisabeth respondeu esta carta daí a poucos dias. Contava com expansão os incidentes da sua vida de cada dia; comentava também a visita à galera.

"Você nada ou quase nada me disse dos seus sofrimentos, das fadigas excessivas e dos abomináveis tratos que lhes dão. Agora eu vi com os meus olhos, fiquei sabendo! Aquelas horas passadas na galera me desvendaram a crueldade atroz de nossos perseguidores. Porém eles revelaram-se também a coragem sobrenatural,

a admirável firmeza de nossos confessores! Cláudio, eu me orgulho de você! Entretanto, quando à partida a orquestra tocou a balada do trovador, senti que meu coração se despedaçava no peito. Sua carta me veio trazer um poderoso lenitivo na minha aflição. Não é isto uma coisa estranha? Eu, livre, rodeada de luxo e de conforto é que deevria animá-lo, porém é o contrário que se dá, é você quê do seu inferno, me traz a palavra de esperança e de consolo. Sim, nossas tropas vencerão! Apesar de Montreve e do terrível Baville, apesar dos generais, bispos e governadores que há poucos dias aqui mesmo se reuniam para abater a insurreição e nos exterminar a todos. Deus há de combater por nós e fará que a nossa causa triunfe! O Natal está perto. Nós p celebraremos juntos nesse dia de festa, com todos os nossos bem amados, aqui na terra e no mundo invisível como o fizemos o ano passado. Para corações que se amam, – você o disse! – não existe distância".

(*) Bandidos que viviam nos Pyreneus. Muitas vezes faziam o ofício de guardas dos governadores de províncias (Nota da tradutora).

Esta carta que ela queria subtrair à indiscrição a mensageira, ela conseguiu fazê-la chegar aos Paysac pela cozinheira da casa, uma bretã que lhe era dedicada. Mas por longo tempo a missiva esteve parada na Butte antes de poder seguir para Marselha, dando ensejo a exercitar-se a proverbial "paciência de huguenotes"!

O Sr des PontS-Marceaux entrou um dia em casa trazendo um pergaminho que ele depôs sobre a mesa Com certa solenidade.

– Trago-lhes, e disse ele, uma cópia da bula pontifícia de 1º de Maio de 1703. Não é, pois só o rei, é o eminentíssimo pai, é sua Santidade Clemente XI mesmo que decreta a supressão da heresia.

A Sra. des Coudrets a percorreu aprovando com a cabeça. Por sua, vez Elisabeth lançou os olhos sobre ela. Com assombro ela leu as seguintes linhas.

... Para induzir os fiéis a exterminar a raça maldita desses heréticos e desses maus, inimigos, em todos os séculos, de Deus e de César, em virtude do poder de ligar e de desligar concedido pelo Salvador dos homens ao príncipe dos apóstolos e a seus sucessores, concedemos com toda a nossa autoridade, remissão absoluta e geral de todos os seus pecados a quantos se alistarem na sancta milícia destinada à extirpação desses heréticos. Remissão plena a todos os que tiverem a infelicidade de serem mortos no combate.

– Mas, exclamou a moça consternada, não é somente a heresia que se trata de destruir, são os próprios homens, são os nossos pobres montanheses!...

– Eles lá merecem outra coisa? Perguntou secamente a Sra. des Couderts.

– Eles merecem ser tratados como homens e não como feras que se exterminam! Disse ela com indignação. Se os seus direitos lhes fossem concedidos, todos eles logo deporiam as armas.

O comandante tomou a palavra:

– Minha sobrinha, você está falando de coisas que não entende! Os huguenotes formam um Estado dentro do Estado, um perpétuo perigo para a realeza. Eles formam também uma Igreja dentro da Igreja, o que é um afrontoso desafio á unidade católica. Por conseguinte, do ponto de vista político, bem como do ponto de vista religioso; urge que eles desapareçam!

Elisabeth calou-se. Quando ela se achou só, pôs-se a meditar. Nessa manhã lera a história da ovelha perdida que o Pastor, cheio de temor, vai procurar no deserto, toma-a nos braços e, cheio de júbilo a põe sobre os ombros. O bom Pastor, o Cristo, ela o contemplara na sua divina grandeza e na sua ternura. E agora uma outra imagem se levantava, tomava-lhe o lugar. Um outro pastor, ajuntando os seus bandos, lhes gritava: Persegui no deserto, a ferro e fogo, as minhas ovelhas perdidas. 'Matai! Espalderai! Exterminai! A todos os matadores, eu, o vigário de Cristo, garanto no outro mundo a impunidade de todos os seus crimes!

Ela estremeceu. Veio-lhe de repente a intuição de um poder tão formidável quanto misterioso que na sombra se movia cegando os espíritos, falseando as consciências, escravizando as almas. O autor da bula não seria, ele mesmo, por ventura, a primeira vítima?... E deste poder diabólico, ela mesma não estava livre: sentia a sua ação no seu próprio coração cheio de inquietação, de rancor e de vagos terrores.

Juntando as mãos na sua angústia ela só pôde exclamar: Oh Deus! Deus Todo Poderoso, vem em nosso auxílio! Tem piedade de mim, tem piedade de nós!... Já por vezes, nas horas de grande aflição ela havia encontrado

calma e conforto na oração. Porém desta vez não foi ela quem falou, foi a voz do alto sob uma forma imprevista. Versos bíblicos, aos quais ela não havia prestado muita atenção, soaram do seu coração com uma força desconhecida até então: "Deus é amor. Eu vos dou um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Vós sois todos irmãos. Amai e não odiai. O que aborrece a seu irmão é homicida. Amai os ossos inimigos, orai pelos que vos perseguem. O diabo é homicida desde o princípio. Tende bom ânimo! O Deus de paz esmagará em breve Satanás sob os vossos pés."

À medida que estes versos lhe vinham à mente uma maravilhosa luz os iluminava. Ela compreendeu que todos os homens, mesmo os perseguidores, eram seus irmãos, e que era preciso amá-los. Compreendeu então que não existia senão um ser neste mundo a quem ela tinha o direito de odiar e que este era o grande, o secular inimigo da Sua raça: a antiga serpente. Era este que era preciso odiar com um indomável e santo ódio, que era preciso combater e vencer. Tinha ela obedecido à lei do amor? Não! Ela odiava a seu tio que tinha matado a Agostinho. Ela odiava a Sra. des Coudrets, cuja vigilância lhe era insuportável. Ela odiava o padre Crespy, que haviamandado Cláudio para a galera. Ela odiava todos aqueles Lazaristas, aqueles comitres e sub-comitres que tornavam tão pesado o fardo dos galés! Nesse instante o peso da sua indignação a esmagou: "Perdoa-me, meu Deus! exclamou ela, eu não quero mais odiar, eu quero amar"!

Então ela se pôs a orar. Tomando à risca a ordem do Cristo, ela O invocou a favor dos perseguidores. Depois, pensando na esmagadora responsabilidade daquele que,

ligando e desligando, com uma palavra lançava no bom ou no mau caminho milhões de almas humanas, ela orou por Clemente XI. Pediu ao Todo Poderoso que o esclarecesse, que o revestisse de espírito de sabedoria e de amor que tomasse na sua mão a fraca mão que governava a pesada nau da Igreja romana...

Ao terminar a sua súplica, o poder maléfico havia desaparecido, assim como fogem as trevas aos raios do sol nascente. Uma sensação de livramento, uma paz profunda apoderou-se de seu coração.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 18, São Paulo, 03 de Maio de 1928, p. 12-13.

CAPÍTULO XVIII
DECISÃO

Chegava o inverno, as noites tornavam-se longas e frias. Sentindo as picadas do mistral, Elisabeth pensava com angústia nos galés sem fogo, sem cama, agachados sobre as suas tábuas. Ela desejava enviar pelo Natal àquele a quem amava um agasalho, um tricô grosso e macio que sob as suas vestes o protegesse do frio. Porém não sabia fazer tricô. No convento ela aprendera a pintura, o bordado, a renda de fuso, porque naquela época se entendia que uma moça da sua posição não devia trabalhar. Só lhe era permitida alguma prenda de salão. Mas a cozinheira bretã, essa sim era habilidosa em costura e fazia tricô com muita destreza. Elisabeth resolveu aprender e se pôs a tomar lições com a sua criada. A boa vontade, o ardor e o zelo por dia manifestados provocavam a admiração da bretã. O agasalho ficou pronto nas vésperas do Natal. Ela fez o embrulho e o

despachou ao endereço indicado na última carta de Cláudio : "Sra. Soubeyran, rua dos Chapeleiros". Acompanhava-o uma curta carta assinada: "Sua irmã". Era preciso desviar quanto possível os espiões que, em grande número, os havia na administração postal.

A resposta não se fez esperar.

Foi ainda o javanel que uma noite a trouxe. Elisabeth fazia renda no salão em frente à Sra. des Coudrets quando a ave noturna cantou. Eram nove horas menos um quarto. Dando por pretexto que na véspera ela se havia acomodado tarde, enrolou o seu agasalho e saiu. Subiu, fez bater a porta de seu quarto, e depois desceu na ponta dos pés. Sem barulho ela caminhou até o muro, sem perceber que uma sombra lhe seguia os passos, escondendo-se, quando ela se voltava, atrás dos maciços de ulmeiros...

Subiu rapidamente a escada, tendo a carta na mão; abriu o trabalho e a gaveta onde, em caso de alerta, a missiva devia desaparecer. Então abriu-a depressa.

"Minha irmãzinha! Pelos cuidados da Sra. Soubeyran e do nosso bom turco lsakoff acabo de receber o seu volumoso pacote. Ah! é verdade que não tem feito calor na galera! O mistral sopra terrivelmente. Mas que gozo para mim vestir este quente e macio agasalho, e constatar que foram as suas mãos, elas mesmas que o fizeram, e que o doce calor que dele me penetra, é o calor mesmo da sua afeição..."

Ela havia lido até este ponto quando, sem que alguém batesse, a porta se abriu de mansinho. De repente, qual um abutre que se lança sobre a sua presa, uma mão de

mulher caiu sobre a carta e a tomou. Elisabeth se pôs em pé aterrada com um grito de susto e de indignação. A Sra. des Coudrets, rígida e aprumada como a encarnação da justiça, achava-se na sua frente.

– Nós o suspeitávamos de há muito, articulou a voz seca que nada mais tinha das doces inflexões de outrora. Sim, nós o tínhamos adivinhado. Você nos engana! Você entretém correspondências ilícitas e é essa a razão que a faz desprezar um gentil homem de alta posição que, conquistada somente pelo prestígio da casa dos Ponts-Marceaux, se digna de abaixar-se a cortejá-la!

– Esta carta é minha! Exclamou Elisabeth, voltando do seu primeiro susto, e eu lhe nego o direito de apoderar-se dela!

A Sra. des Coudrets soltou uma risada de condescendência.

– Nega-me o direito, está bem! Pois não a lerei sem primeiro a fazer passar sob as vistas do Sr. Comandante des Ponts-Marceaux!

Elisabeth, tremendo de raiva, viu-a sair levando consigo a carta. A noite passou-se em cruéis apreensões. Tanto como Agostinho outrora, ela temia o seu tio. Por quanta palavra colérica, quanta censura ofensiva não ia ela passar! Ela sentiu-se aterrorizada, mas não surpreendida quando na manhã seguinte a vieram convidar a ir ao escritório dele.

Entrou ali mais morta que viva. O Sr. des Ponts-

Marceaux escrevia sentado á escrivaninha, nem mesmo se voltou a sua entrada, deixando-a em pé por uns dez minutos antes de se dignar aperceber-se da sua presença. A carta fatal lá estava diante dele, bem aberta e à vista.

Finalmente ele abriu a boca.

– Senhora minha sobrinha (ele falava com voz calma, sem o mais leve acento de censura nem de cólera), quero lhe falar hoje de coisas muito sérias, pois se trata de seu futuro. Há poucos dias tive a oportunidade de encontrar-me em casa do Sr. Marechal de Montrevel com o Sr. cavaleiro de Gartel que vinha receber ordens. Aproveitando um instante em que nos achávamos a sós, conversamos sobre nossos negócios pessoais. Eu ofereci-lhe – ou antes para me exprimir com mais exatidão, – eu concedi-lhe oficialmente a sua mão que ele nos fazia a honra de solicitar há algum tempo. Como ele tivesse de unir-se ao seu regimento sem tardança, não pude trazê-lo para aqui, porém no fim do mês nós o teremos cá em licença e então celebraremos em família a festa do seu noivado. Minha filha e o seu marido, o Sr. Visconde de Ormancy, já foram por mim avisados.

Ele tomou a carta de Marselha, enrolou-a por uns instantes entre os dedos e então, como se fosse um farrapo de papel sem importância, descuidadamente a jogou ao fogo.

– A Sra. des Ponts-Marceaux, proseguiu ele, consente em ocupar-se do apresto do seu enxoval. Marcamos o seu casamento para princípio de junho. De agora até então, como esta casa não é uma moradia muito alegre para uma

pessoa da sua idade, minha sobrinha irá para o convento das Ursulinas, onde se criou.

Ali encontrará suas companheiras e as boas irmãs que durante anos a educaram. Apronte-se, pois, para partir daqui a duas semanas. Entendeu bem?

– Sim, meu tio!

Ela saiu e achou-se sozinha de pé em frente à janela do seu quarto. Ao observador que nesse momento olhasse para Elisabeth d'Arville, surpreenderia o seu gesto decidido e o brilho desusado dos olhos. Ela abriu a Bíblia, pôs-se de joelhos e por uns instantes folheou o santo volume. Uma passagem atraiu os seus olhares e de repente impôs-se a sua atenção: "Disse Jeová a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai para a terra que te mostrarei!"

Ela pôs-se de pé resoluta e alegre. Era-lhe dada ordem de marcha. Abrindo o seu guarda-roupa, examinou o que ali havia, desatou as pilhas, arranjou, pôs em ordem. Então tomou uma ampla mala de mão. Ali poderia levar uma porção suficiente de roupa branca e de vestidos. No fundo colocou a Bíblia de Cláudio, as cartas dele; ao lado um cofrezinho contendo jóias de valor que lhe foram legadas por sua mãe. Ao lembrar-se da carta que ela não tinha lido, daquelas páginas cativantes, trasbordantes de ternura de que tinha sido privada, veio-lhe um movimento de ódio e de revolta. Porém, imediatamente se lembrou de que a ordem do Mestre era de amar e não de odiar.

Uma imagem veio-lhe ao espírito: Paulo sacudindo ao fogo a víbora que se lhe apegara à mão. Por um ato de

vontade ela sacudiu a pequena víbora de seu rancor no braseiro do amor eterno.

Pela tarde a Sra. des Coudrets retirou-se para a sua sesta. Elisabeth viu o comandante encilhar o seu cavalo e dirigir-se para a cidade. Então desceu, e atrelou o seu pônei, tendo o cuidado de retirar o guizo. Como não houvesse tropa alguma atravancando a estrada, tomou das rédeas, pôs o dócil animalzinho no trote e dirigiu-se rapidamente para a aldeia. Marginando o prado, o magnífico passeio d'Alais, com seus castanheiros seculares, seus trilhos agrestes, sua vasta campina onde o camponês faz até quatro cortes por ano, teve ela uma dolorosa surpresa. O prado devia ter sido o teatro de um combate sangrento; a erva estava pisada, armas quebradas, roupas rasgadas, destroços de toda espécie juncavam o solo. Porém o pior foi quando ela atingiu a aldeia. O espetáculo que ali se patenteou aos seus olhos aterrorizou-a. Todas as casas haviam sido reduzidas a cinzas. A chácara da Butte não existia mais. Protegida por uma espessa mata de corte, uma única choupana tinha escapado do incêndio. Elisabeth conhecia os seus moradores. Eram católicos novos. O homem, Blaise Méric, serrava umas tábuas em frente a sua casa. Ela informou-se dos Paysac.

– Refugiaram-se nas altas Cevennas, lhe respondeu ele, do lado do Espéron, onde eles têm parentes. Os dois filhos, Marcos e Daniel, uniram-se aos Camisards.

– Daniel! Mas ele é tão novo! exclamou ela, apenas quinze anos!

– Oh! A senhora conhece Corneille: “O valor não espera pelo número de anos”...

Eu lá estava exatamente quando eles partiram, e ouvi a discussão. A mãe queria segurá-lo, mas o rapazola empinou. Ele gritava bem alto para que o ouvissem da cidadela: O irmãozinho de Cavalier só tem dez anos e cavalga ao lado dos chefes! Ele salvou os Camisards no bosque de Cannes. Eu marcho com eles! Então pegou no velho mosquete de seu defunto pai e safou-se para a montanha... Marcos mais ajuizado ajudou na mudança.

Elisabeth indagou: – O senhor conhece os trilhos das altas Cevennas? Poderia talvez servir de guia a alguém que tivesse a intenção de unir-se aos Paysac?

Ele declarou conhecer minuciosamente todas as barrocas, todos os trilhos e atalhos da montanha. Então com duas palavras a moça expôs-lhe a situação. Ficou ajustado que naquele mesmo dia à meia-noite, Méric se acharia na grade do palacete. Assim que ele fizesse ouvir o grito do javanel, ela iria ter com ele.

Elisabeth conhecia perfeitamente a extrema temeridade da sua empresa e os perigos que a esperavam. O Sr. des Ponts-Marceaux tinha feito guarnecer de grades de ferro todas as janelas da sua vivenda. Em caso de ataque noturno, ele tinha várias pistolas carregadas; também despachara o seu velho cocheiro e o substituíra por três robustos provençais que ele havia provido de armas e munições. Porém Elisabeth, consciente da ordem de cima, punha em Deus a sua confiança. Aquele que ordena, dizia ela consigo, dá também ajuda e proteção. Ela sabia também que seu pai, mártir da boa causa, a

aprovaria de querer juntar-se no Deserto aos seus irmãos na fé.

Sobre a mesa foi deixado um bilhete para seu tio, no qual ela confessava o verdadeiro motivo da sua fuga dizendo que não querendo trair o seu amor nem a sua fé, deixava para sempre o solar. Pedia-lhe que não buscasse descobrir o seu esconderijo, dizendo que seria inútil ir buscá-la ali. Depois de agradecer-lhe tudo o que ele fizera por ela, a moça, compreendendo que apesar de tudo a sua partida clandestina o agitaria grandemente, pedia-lhe perdão.

Aos primeiros clarões da madrugada Elisabeth, escoltada por seu guia, subia o caminho estreito que vai abeirando os abismos onde ferve o Gardon. De quando em quando ela voltava-se para o precipício como para medir a profundidade. Crendo compreender o seu pensamento BlaiseMéric se pôs a tranquilizá-la.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 19, São Paulo, 10 de Maio de 1928, p. 13-14.

Continuação do Capítulo XVIII

– No caso de encontrarmos milícias, basta a senhora dar o nome de seu tio. O nome do comandante des Ponts-Marceaux lhe vale tanto como um salvo- conduto do próprio governador. E se forem os Camisards, então não há que recear. Entre montanheses a gente se entende por meias palavras, os nossos curas bem o sabem. Eles querem nos encurralar nas cidades!... Quanto a mim, em me queimando a choça, pego na mulher e na pirralhada, e escapo-me para os Camisards!

De caminho Méric lhe ia contando os diversos incidentes da guerra.

– A senhora soube da aventura do cavaleiro d'Aignine, comandante d'Alais! Ele se foi para as altas Cevennas com os seiscentos homens da guarnição, cinquenta gentis homens a cavalo e mulas carregadas de cordas para prender os Camisards. Porém, sob a fuzilaria de nossas tropas, cavaleiros e soldados viram as cosias e fogem em derrota. Valia a pena ver aquela debandada; d'Aignine arrastado pelos fugitivos e todo aquele povo de cambulhada a se espremer nas portas d'Alais! Quem não viu aquilo não viu nada!

Elisabeth, ao ouvir isto, compreendeu que seu tio se havia calado sobre muitos fatos da guerra camisarde.

Ele se pôs ainda a narrar o encontro do Moinho d'Alison.

– Cavalier o ocupava, ele se deitara no juncal com os seus Camisards. Lajanquiére, à testa de seiscentos homens, pôs-se a atacá-los à metralha, mas as bodas passavam-lhes por cima da cabeça. Crendo-os mortos, o brigadeiro transpôs a barroca quando de repente os Camisards levantam-se e lhes caem em cima e eis os dragões em plena derrota. Catinat, Ravanel, todos os nossos chefes entoam um salmo com voz terrível e atacam o inimigo. Fizeram enorme presa. Se a senhora vir lá em cima Cavalier, montado em magnífico cavalo, fique sabendo que é o de Sajonquiére. Ali, continuou Méric, ao chegarem a uma elevação, é o lugar onde foi preso nosso jovem chefe André Noguier, o que tomou o lugar de Salomão.

– André Noguier: algum irmão de Cláudio? Interrogou vivamente a moça.

Não, seu parente próximo. Ele tinha livrado um grupo de protestantes que levavam às prisões d'Anduze. Fuzilaram-o, no outono passado, na Ponte de Montvert.

– O Senhor conhece Cláudio Noguier? Prosseguiu ela após uma pausa.

– O das galeras, conheço. Um bom sujeito inteligente, coração aberto. Ele tinha um irmão mais moço, Jacques, que fugiu do convento, onde o tinham encarcerado. Imagino que ele se uniu a algum bando de fugitivos para alcançar a Suíça, a menos que não tenha sido capturado. A senhora sabe, milhares desapareceram sem deixar rasto. Ouviu falar dos afogamentos no mar?

Elisabeth nada ouvira a respeito. Ele se pôs a contar-lhe.

– Depois da revogação as galeras e as prisões regurgitavam de tal modo de huguenotes que não sabiam mais que fazer com eles. Então tomaram uns navios velhos e os sobrecarregaram de homens, de mulheres e de crianças, dizendo que os iam levar à América. Chegados em pleno oceano, arrombaram esses navios e toda a carga viva se afundou no mar... Atenção! Disse ele de repente. Está ouvindo aquela trombeta marinha? São os Miquelets. Eles vêm vindo por este caminho, mas não tenha medo. Não nos viram. Desviemos até que eles passem.

Elisabeth e seu guia esconderam-se num espesso bosque de corte de carvalhos verdes, de ulmeiros e de pinheiros guarda-sol. Os guerreiros dos Pireneus de bonés pontudos e em trajos bizarros desfilaram sem se aperceberem da presença deles.

O sol subia no horizonte.

Sob a ramada dos grandes castanheiros, o solo estava coberto de giestas em plena floração e de urzes cor de rosa. Pedumes capitosos enchiam o ar. A guerra, as devastações formavam um estranho contraste com este radioso esplendor da paisagem. Após a áspera subida do Mialet, à tardinha atingiram. S. André de Valborgne. De moradores nem sinal. Das choupanas de outrora só restava um montão de ruínas. O mísero arraial do Espéron tivera a mesma sorte.

Méric escutava. Ouvia-se um rumor surdo, um ruído ininterrupto de fuzilaria.

– Estão se batendo por aí...

Oh! Os cadetes da cruz! Exclamou ele de repente.

Na margem oposta do Gardon, um bando de fuzileiros descia em desordem empurrando-se, atropeladamente, e logo desaparecia no fundo da garganta.

– Estes cadetes, explicou Méric, é a fina flor dos velhacos. Montrevel os tomou a soldo contra nós. (Méric esquecia incessantemente sua qualidade de convertido novo!) Mas agora eles roubam, incendeiam, matam huguenotes e

católicos indiferentemente. O marechal que quisera bem ver-se livre deles mandou tropas contra eles para lhes dar caça.

– Mas que vêm eles fazer aqui? Disse Elisabeth. Que procuram neste deserto?

– Talvez as cavernas de Roland... Mas desta vez eles foram logrados! Como sabe, nossos chefes fizeram abastecimentos enormes de víveres e de munições nas grotas. Algumas estão transformadas em ambulâncias. Eles têm também moinhos de vento onde moem o seu grão. E que disciplina! ... É uma organização admirável essa do Arraial dos Filhos de Deus!

De tempos em tempos cruzavam com montanheses e suas mulas. Méric pedia informações. Finalmente com imensa satisfação de Elisabeth eles atingiram a caverna onde os Paysac se tinham acomodado.

Grande foi a surpresa deles ao verem a moça. Mas nem por isso a acolhida foi menos calorosa. Joana a beijou. A Sra. Paysac também lhe abriu os braços, ainda que sua voz traísse uma certa inquietação.

– Se a Senhora não teme partilhar nossa vida rude, nosso pão temperado com privações, então seja bem vinda! Será nossa filha !

Toda a família se achava reunida em torno do caldeirão de castanhas. Abriram lugar para os recém-chegados. Depois da ceia Méric, compensado e com os cordiais agradecimentos de sua companheira, tomou o caminho de volta.

Elisabeth encontrou na roda dos seus amigos uma figura desconhecida, uma mulher moça, pálida e triste que amamentava uma criancinha.

– É minha sobrinha, Luiza Franceset, lhe disse a Sra. Paysac. O marido dela surpreendido numa assembléia de culto está em Marselha na galera, “A Real”. Isso não é triste? Ele foi preso quinze dias antes do nascimento da sua filhinha!

A comunhão de infortúnio aproxima os corações. Elisabeth sentiu-se logo atraída à pobre moça. Ela tomou as cartas de Cláudio e delas leu fragmentos a seus amigos. Com que intenso interesse foram eles escutados por Luiza para quem a provação parecia haver quebrado a mola vital; não tivera notícia alguma de seu marido desde o dia da sua prisão. Ambos eram iletrados.

Começava para Elisabeth uma estranha vida, vida de selvagens ou de ciganos. Porém ela nem se queixava. Pelo contrário, encontrava encanto nela, gozando profundamente de sentir em torno de si corações simpáticos que vibravam em uníssono com o seu. Ia lenhar com Magdalena e Maurício e três vezes por dia ardia um bom fogo em frente da gruta, o caldeirão fumegava, as refeições eram alegres. À noite deitavam-se, sem largar as vestes, sobre leitos de folhas secas, mas a moça de forma alguma sentia saudades do conforto e do luxo requintado do solar.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 20, São Paulo, 17 de Maio de 1928, p. 13-14.

CAPÍTULO XIX
OS CHEFES DO DESERTO

Despontava a aurora no horizonte quando pelos íngremes trilhos das Cevenna um grupo avançava silencioso. Rompia a marcha o vdho Isaac. Magdalcna e seu irmãozinho não se afastavam de sua mãe; eles sabiam que o dia seria cheio de perigos e a sua alegria juntava-se um certo tremor. Elisabeth ia pela primeira vez assistir a uma assembleia no Deserto e uma certa emoção se apoderara dela. Lembrava-se de Agostinho que, mais de uma vez, assistira às mesmas. Pensava também em um outro que por ter servido de guia a um predicante se achava acorrentado há três anos. Baixinho ela conversava com Joana.

– Tomaram-se todas as medidas, dizia a jovem camponesa, há sentinelas postadas em vários lugares e se aparecerem as milícias nós seremos logo avisados por fogos nos cimos dos morros. Teremos, pois, tempo de nos esconder nas cavernas ou de fugir pelas barrocas.

Depois de transporem vários desfiladeiros estreitos e contornarem rochas a pique, nossos amigos atingiram um planalto já coberto por numeroso povo. Durante a noite os hunguenotes tinham subido de todas as aldeias das altas e baixas Cevennas, de todas as herdades ainda existentes. Milhares de novos católicos, deixando a missa, se juntaram aos seus irmãos. Havia gente d'Assneck, de Solier, da Blaquiére e do Pompidon; vieram até do Oighan e de Florac. Homens já maduros, velhos, tinham caminhado mais de quarenta léguas com o bastão de peregrino na mão para assistir ao culto do Deserto.

Seria o fervor religioso o único motivo que trazia de tão longe, com risco de vida a este povo imenso?

Seria temerário afirmá-lo. Não haveria quiçá de permeio a emocionante volúpia de zombar do perigo e (o coração humano, quem lhe conhece os refolhos!) o prazer secreto de mofar dos padres, de vingar-se da violência exercida pelo clero católico? Anteviam a cara comprida do Sr. cura pela manhã vendo desaparecidas as suas ovelhas e a sua igreja completamente vazia!... Este pensamento não deixava de divertir o povo grave e ao mesmo tempo brincalhão das Cevennas. Além disso propalavam notícias fantásticas para que se desencaminhassem as milícias de Montrevel e as atraíssem exatamente do lado oposto àquele onde se reunia a assembleia. Porém, se alguns vinham por bravata, ou por curiosidade, grande número deles expunha-se ao perigo porque realmente tinham fome e sede de ouvir a palavra divina.

Entoaram um salmo. Dos lábios daquela inumerável multidão, naquele círculo de rochedos, ele elevou-se ao céu da madrugada cujo clarão róseo abrasava o horizonte.

"Livra-me de meus inimigos, Deus meu!
põe-me acima do alcance de meus adversários :
Livra-me dos que obram iniquidade,
e salva-me dos homens sanguinários.
Porquanto eis que eles estão de emboscada a minha vida;
reúnem-se contra mim os fortes,
não é por delito meu, nem por pecado meu,
Sem culpa minha ó Jeová! eles investem e se dispõem;
Tu, porém, Jeová! riste deles;
zombas de todos esses gentios .
Quanto à força dele, adversário, em Ti estou esperançado;

Pois Deus é minha torre de refúgio".

Havia algo de emocionante, de estranhamente solene no apelo que subia ao Todo-Poderoso desses milhares de corações cevennoes. Era a queixa de uma raça oprimida, perseguida, mas que sob o ferro do opressor se levantava e estendendo as mãos aos céus soltava este grito de fé triunfante:

"em Ti estou esperançado;
Pois Deus é minha torre de refúgio".

Daí a pouco produziu-se um remoinho na multidão. De um estreito desfiladeiro desciam longas colunas de guerreiros em armas, alguns deles, os chefes, a cavalo e vestidos de uniformes vistosos.

Eram os camisards. De longe Joana reconheceu seus irmãos. Ela acenou-lhes e daí a pouco toda a família achava-se reunida.

Uma rocha elevava-se à extremidade do planalto um dos camisards galgou-a.

– Olhe, disse Joana a sua amiga, este é Roland, nosso chefe supremo. Quando está ele presente, é sempre quem preside.

Elisabeth viu um homem de estatura mediana, cujos olhos escuros, cheios de fogo, incontinente dominando a multidão a subjugou. Com a cabeleira flutuante, seu magnífico gibão e uma das mãos sobre a guarda da espada, tinha ares de grandeza, o antigo zagal cevennol...

Em uma alocação enérgica e breve ele recomendou a paciência ao povo do campo, prometendo-lhes em nome dos seus guerreiros que os haviam de defender, que antes de abandoná-los todos os camisards até o último pereceriam sob as armas. Em seguida exortou seus irmãos à humilhação e ao arrependimento:

– Se não guardais interdito algum em vossos corações, dizia-lhes ele, se toda a iniquidade é banida, então o Senhor, o Deus de vossos pais, vos livrará e vos salvará.

Levantou os olhos e todas as cabeças se curvaram, em fervente prece, pedindo ele a bênção do Todo-Poderoso sobre aquele dia.

Um outro profeta apareceu na tribuna; trazia um casacão de púrpura, uma rica espada; seu chapéu de pluma e com cordão de ouro foi depositado sobre a rocha.

– Abrahão Mazel, murmurou Joana.

Mazel tirou o seu texto do Apocalipse. Em discurso de ardente eloquencia ele predisse a queda da Igreja católica, a grande Babilônia, como lhe chamava. Majestoso qual um vidente da antiga aliança ele comentou os livros proféticos e contou as visões que ele mesmo tivera. Com o rosto radiante ele proclamou os juízos de Deus sobre os perseguidores e a próxima vitória decisiva sobre todas as forças do inimigo.

As orações alternavam com o cântico de salmos. Uma onda de entusiasmo passou sobre a multidão ao aparecer sobre a rocha um moço louro, gracioso, ainda imberbe.

– É Cavalier, nosso jovem chefe, disse Marcos ao ouvido de Elisabeth.

– Cavalier! Não é possível! Se é tão moço, parece uma criança...

– Ele tem dezenove anos. Ao meio-dia hei de lhe contar alguma coisa dessa criança como a Senhora lhe chama...

Cavalier falou sobre o jovem pastor de Belém que, com o auxílio de uma funda e de alguns seixos, abateu o gigante.

– Assim, se nós, disse ele, pusermos nossa confiança no Senhor, ele nos comunicará a sua força e nos tornará invencíveis.

Chegou a hora do ágape sem que ninguém se apercebesse de quão rápido o tempo havia corrido. Puseram- se em comum as provisões. Enquanto restauravam as forças, Marcos contou a história prometida.

– Cavalier havia determinado que se destruísse o castelo de Servas, cuja guarnição nos espiava, seguindo todas as nossas idas e vindas. E sabe que fez?

Um dia caímos sobre um destacamento real entre Uzès e a ponte do Espírito Santo. Foram todos passados ao fio da espada. Cavalier fez que vários dos nossos se disfarçassem em milícias do rei com as roupas dos mortos, e apoderou-se dos papéis que trazia o comandante. Alguns carmisards de cara feroz foram acorrentados para simular prisioneiros e ei-los a caminho de Servas! Munido da folha

de serviço militar, Cavalier apresentou-se ao major da fortaleza como o sobrinho do duque de Broglie que lhe levava prisioneiros. Ao ouvirem esse grande nome já se vê que todas a portas se abrem e somos introduzidos no pátio. Põem-se mesas, o major quer dar um jantar ao seu ilustre hóspede... De repente Cavalier levanta-se, faz um sinal... No mesmo instante nós nos atiramos sobre o major. A guarnição é trucidada em poucos minutos. Soltamos nossos irmãos, apoderamo-nos das armas e das munições e partimos pondo fogo ao castelo. Não se passaram vinte minutos quando uma formidável explosão fazia tremer o solo: era o castelo que ia pelos ares; o fogo havia alcançado o paiol de pólvora. Estávamos livres dos nossos espiões!

Marcos e Daniel com os olhos brilhantes de orgulho contaram ainda outras proezas do seu jovem chefe. Elisabeth, virando-se para a Sra. Paysac, notou o seu olhar triste, a contração dolorosa dos lábios. Não lhe custou muito adivinhar-lhe as reflexões: Esses dois meninos ! Tinham manchado suas mãos de sangue! Eles tinham enfiado a espada em peitos humanos... Era este o pensamento que a fazia estremecer.

Abaixando-se para Elisabeth:

–Tudo isto me perturba! Murmurou ela. Nosso Senhor recomendou que amássemos os inimigos, e não que os matássemos. Ele disse: “Alegrai-vos quando os perseguirem por minha causa, e não: Vingai-vos, usai de represálias. Os cristãos dos primeiros séculos se deixavam matar sem resistência... e o seu sangue se tornou a semente da Igreja.”

Terminada a refeição, os grupos se puseram a circular: procuravam-se os amigos, as mãos se apertavam. Elisabeth notou de repente uma moça ao lado de Roland. Ela era pequena, sem beleza, mas revestida de incomparável dignidade. Os rudes camisards a consideravam com o mais profundo respeito.

– É a Senhorita de Cornelli, disse Joana, a última descendente de uma nobre família de origem italiana. Ela enamorou-se de Roland que ela abriga assim como o bando dele no seu solar de Castelnau quando ele se vê perseguido pelos seus inimigos. Ela o segue frequentemente nos combates e partilha de seus perigos.

Um profundo suspiro levantou o peito de Elisabeth. Seu pensamento se foi para além dos montes, para o mar onde os condenados penosamente manejavam os remos. Ah! se ele aqui estivesse! Seu verdadeiro lugar não seria ali, sobre a tribuna, ao lado de Cavalier e de Roland? Quando então voltaria ele?

A tarde passou-se como a manhã, sem que em nada esmorecesse o zelo dos rudes predicantes, tão pouco como o entusiasmo dos seus ouvintes.

– Castanet, o profeta do Aigoal! disse Joana Paysac.

Um *camisard* de pestanas serradas e olhos brilhantes se aprumava sobre o rochedo.

Elisabeth considerou baixinho que ele tinha ares antes de bandido do que de profeta. Este trovejou contra a corrupção da Igreja romana. Para ele todas as ordens

religiosas, os bispos e a padralhada toda eram Gogue e Magogue sobre os quais ele chamava com veemente eloquência todas os raios do Senhor.

– A Senhora vê aqueles magníficos cavalos, disse Daniel Paysac a Elisabeth, foi Castauet que os trouxe de Camargue. Ele mesmo é o primeiro cavaleiro do Languedoc. Não sei bem, acrescentou ele zombando, se todos eles foram pagos...

A Senhora Paysac franziu o sobrolho.

– Castanet se tem mostrado inconseqüente! Disse ela com severidade. Porque nossos inimigos roubam, será isso razão para roubarmos lambem? Porque eles pilham e matam, somos nós autorizados a fazer outro tanto? Ai! não sabemos mais que eles! Nós também claudicamos de ambos os lados!

– Mamãe, não exagere! protestou Joana. Quem foi que nos provocou, que nos forçou à resistência? É verdade que nos acontece cometer alguma falta, mas nem por isso deixamos de ser os filhos de Deus, o povo do Senhor. Se Deus não estivesse conosco dirigiria Ele; como o faz, a palavra aos nossos profetas?

Elisabeth prestou atenção. O que ela notara, especialmente pela tarde, era a exaltação dos discursos e a incoerência deles.

- É exato, disse gravemente a Sra. Paysac, Deus nos fala. Porém, compreendemo-lo nós sempre? A luz é pura, mas ai! Os vidros dos nossos corações estão frequentemente enfumaçados assim como os das nossas lanternas.

Passando através deles, a luz se amortece. Para ouvir claramente a voz de Deus, para discernir sempre perfeitamente suas direções seriam necessárias almas puras como o cristal. Cavalier é um admirável gênio militar. Porém quando ele toma fortalezas, trucida as milícias mil e passa ao fio da espada as guarnições, ninguém me venha dizer que ele o faz sob o impulso direto do Espírito!

– Mas Josué recebeu ordem de massacrar os cananeus! exclamou Daniel.

– Josué pertencia á antiga Aliança, nós outros somos da nova. Nosso Senhor nos recomenda amar nossos inimigos e perdoá-los.

A Sra. Paysac era a única dessa opinião. Quando ela assim se expressava, Joana sacudia a cabeça, Marcos e Daniel ferviam de impaciência, porque eles colocavam os seus chefes, Roland, Cavalier, Mazel e até Castanet, o ladrão de cavalos de Camargue, ousadamente ao lado dos Isaías e dos Ezequieis.

A volta efetuou-se em paz sob o cintilar das estrelas.

Elisabeth que tomara o braço da Sra. Paysac, continuou a conversa.

– Porque, perguntou ela, Deus não limpa de uma vez nossos vidros embaçados antes de nos falar? Ele o poderia, pois é todo poderoso.

A Sra. Paysac havia feito a si mesma esta pergunta mais de uma vez nas suas noites de insônia. E ela cuidava ter achado a solução.

– Minha filha, existem leis na natureza... A gente não separa o metal da sua escória assim como se corta um ramo com o podão? A mesma coisa se dá no mundo do Espírito. Corações manchados como os nossos, cheios de egoísmo, de rancor e de orgulho, não se limpam com o passar de um pano como se fora uma vidraça suja... É bem mais longo, mais complicado. Quando o Senhor quis dirigir sua palavra a Jeremias, para o sacrificar, Ele começou por jogá-lo na fornalha.

– Deus nos ama! prosseguiu ela após um silêncio. Eu penso que Ele permite essas inspirações para nos elevar acima das nossas dificuldades, para nos encher, nas nossas provações, de uma coragem invencível e de uma alegria sobrenatural. Porque sem isso teríamos caído, há muito, no mais terrível desespero.

– Mas, disse Elisabeth quase súplice, se oramos, se nos humilhamos – Ele dará apesar de tudo a vitória a nossas armas? Oh! Diga! Ele não nos abandonará?

– Deus nunca abandona os que o invocam. Quanto ao êxito da guerra, isso é o segredo do Eterno!

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 21, São Paulo, 24 de Maio de 1928, p. 13-15.

CAPÍTULO XX
O ARCO-ÍRIS

As previsões otimistas dos jovens Paysac não se realizaram. Após várias derrotas sucessivas foi a defecção de Cavalier que se deixou engodar com as promessas do marechal de Villars, sucessor de Montrevel. A história julgou severamente a conduta do jovem chefe *camisard.* Entretanto seria de equidade lembrar seu gesto, quando tentado pelo ouro: Não peço dinheiro, respondeu com altivez, porém a restauração dos antigos editos; ou então salvo-condutos para sair do reino!

Eis em resumo as concessões que lhe fez Villars, em virtude dos plenos poderes que lhe concedera a corte:

1º – Liberdade de culto e de consciência, porém sob a condição de não serem reconstruídos os templos.

2º – Libertação de todos os prisioneiros.

3º – A volta de todos os exilados que prestassem juramento de fidelidade ao rei.

4º – Isenção de imposto durante dez anos a todos os cevennoes que tivessem as mãos queimadas.

Quanto às cidades de refúgio cuja restauração os *camisards* pediam, isso lhes foi negado.

Cavalier, fiando-se na palavra real, aceitou as condições. Ele recebeu a patente de coronel, honras, uma renda durante a sua vida. (1)

Roland, mais experimentado, fez suas reservas. “Prometer e cumprir são coisas diferentes, disse ele. Se o marechal quer que deponhamos as armas, ele que comece em soltar nossos cativos!”

Roland tinha razão de desconfiar. As promessas sem dúvida, lealmente formuladas pelo marechal de Villars – tão conciliante e generoso quão Montrevel fora cruel, – nunca foram ratificadas porVersailles (2).

Houvera no tratado complicações, subentendidos....

O rei exigiu que os insurretos se entregassem à discrição antes de lhes ditar suas condições. Roland indignado recusou. As negociações foram rotas e os forçados protestantes que já haviam saudado a aurora da libertação, permaneceram nas suas cadeias!

Alguns meses mais tarde, a 14 de agosto, Roland caía com as armas na mão em Castelnau, num encontro com as milícias reais. Com ele baqueava a insurreição *camisard.*

---

(1) Cavalier desculpou-se disso nas suas memórias dizendo: “Eu ainda era uma criança, e não tinha ninguém que me aconselhasse”.

(2) Talvez em virtude deste axioma: Não se é obrigado A guardar a palavra dada a um herético! – Notas da Autora.

Estas notícias foram para nossos amigos da caverna um golpe terrível. Tanto mais profunda fui a decepção quanto mais ardente fora a esperança. Marcos e Daniel tinham seguido Cavalier na sua retirada, iam em direção de Paris. Tornariam a vê-los ainda? Um montanhês

contou aos Paysac que o corpo de Roland, transportado a Nimes, fora arrastado sobre uma ciranda, (3) enquanto que três de seus companheiros sofriam o suplício da roda. Elisabeth, ao ouvir isto, esqueceu por alguns instantes as suas próprias penas para pensar na de uma outra. Ela via Odete de Cornelli ajoelhada ao pé do cadáver desfigurado, horrivelmente mutilado do jovem chefe *camisard*. Esta dor sem nome ela a sentia no seu peito.

"Quão cruel é a vida! dizia baixinho a si mesma a moça. Que grandes e pungentes dores, por um pouco de gozo que nos concede!... Com tudo, Deus reina! Ele nos manda crer, esperar, apesar de tudo!"

Seus joelhos dobraram-se e do seu coração trasbordando de simpatia subiu ao céu uma oração comovida e fervorosa.

Havendo-se dispersado os bandos *camisards*, sobreveio um tempo bem duro, de tristeza e solidão para os habitantes da gruta. Enquanto os dias eram bonitos e o sol brilhava, Elisabeth andava pelas matas com as crianças, em busca de lenha, de castanhas e de amoras silvestres, sem que o tempo lhe parecesse longo. Porém com o outono a temperatura baixou, as paredes da caverna vertiam água, os leitos de folhas eram úmidos. Elisabeth não tinha saudades do seu quarto confortável nem do seu macio leito. Quando essa tentação lhe vinha, bastava lembrar-se dos pobres forçados sobre as suas pranchas... E a coragem e a paciência lhe voltavam. Entretanto ela nunca cismara que a vida de cigano fosse coisa tão rude. À noite, ao clarão do lume suspenso a uma saliência da rocha, a Sra. Paysac lia em voz alta a sua Bíblia huguenote. O desastre não abalara a sua fé.

Mais firme do que nunca ela sustentava, exortava, animava a sua família. Entretanto o porvir avançava desolado, ameaçador, sem esperança. O inverno estava à porta. Que seria dos pobres fugitivos cujas casas tinham sido queimadas?

– O Senhor proverá! respondia a Sra. Paysnc.

Elisabeth já desanimada passara uma noite quase toda a chorar em vez de dormir. Pela manhã dia adormeceu por um instante c sonhou um estranho sonho. Ei-lo conforme ela o contou mais tarde a sua confidente, sua querida Sra. Paysac.

"Eu acabara de escalar o cimo do Espéron, assentara-me e pusera-me a admirar a esplendida vista, o mar que, cintilando, estendia-se aos meus pés. Muita gente passava e assentava-se em torno de mim sobre a relva. Porém todas aqueles rostos me eram desconhecidos. De repente alguém sentou-se ao meu lado, uma mão de homem, uma mão morena pousou sobre a minha. . . Soltei um grito de alegria e minha emoção foi tão forte que acordei em sobressalto. Porque, ainda que eu não tivesse podido ver o rosto, eu bem sabia que ele viera e se assentara ao meu lado. Fugira a visão, porém a imensa alegria que me causara ao despertar enchia ainda o meu coração. Esse cimo é a terra? É o céu?Falou-me de tornar a ver, mas onde? Quando? Como! De novo como para a guerra *camisard*. Isso é o segredo do Eterno!"

Um dia Méric apareceu na gruta. Ele trazia uma carta com o carimbo de Genebra. A Sra. Paysac reconheceu a letra de seus filhos. "Obrigada, meu Deus"! exclamou ela, e abriu-a rapidamente.

(3) *Arrastar sobre uma ciranda, outrora pena infamante que consistia em pôr sobre uma ciranda e fazer arrastar por um cavalo, o corpo de certos suplicados, suicidas, etc. (Nota da tradutora).*

"Genebra, 14 de outubro 1704.
Queridos pais,

Eis-nos em Genebra após uma bonita volta pela França. Trabalho não falta. Há aqui um negociante de ovelhas que aprecia muito a nossa bela raça cevenol. Falamos-lhe de um lote de oito carneiros da herdade da Butte que foram postos nas pastagens do Espéron este último verão. Ele está disposto a comprá-lo. O capim rareia ali por causa da seca enquanto que aqui temos belas pastagens. Ele vai partir incontinente. Fixai vós mesmos o dia e o lugar onde lhes entregareis as ovelhas em questão. Ele as pagará a bom preço; sobre este ponto podeis ficar tranquilos.

Para nós tudo vai bem. Havemos de nos ver daqui a pouco. Até lá muitas lembranças a todos da família.

MARCOS e DANIEL.

A Sra. Paysac e Joana se entreolharam. Seus olhos brilhavam de alegria. "Louvado seja Deus!" repetiam elas. Elisabeth, ainda que menos familiarizada com a linguagem figurada pela qual os huguenotes buscavam iludir seus inimigos, por sua vez compreendeu:

– Então as ovelhas somos nós! exclamou ela.

– Exatamente! E o negociante é um guia. Estamos salvos!

Louvado seja Deus que assim deu a nossos rapazes esta maravilhosa inspiração!

Discutiu-se o lugar do encontro. Méric que estava presente ofereceu a sua casa. Na mesma noite Elisabeth escreveu ao endereço indicado para anunciar que o lote de carneiros estava pronto, que o comprador se podia apresentar.

Quando dois dias mais tarde os Paysac, escoltados por Blaise Méric e duas bestas, desceram o vale do Gardon, eles encontraram Abraão Mazel.

– Vou a Marselha ver meu irmão, lhes disse ele. Se tendes algum recado para Noguier, ou Franceset ou qualquer outro de meus irmãos, de bom grado me encarregarei disso.

Elisabeth tinha uma carta escrita no Deserto por um dia de sol, tendo lhe uma rocha servido de estante. Ela aí contava os acontecimentos que haviam provocado a sua partida, descrevia sua caminhada com Méric e pintava um quadro colorido e pitoresco da assembleia do Deserto. Ela falava também de Luiza e da pequena Paulita, e pedia a Cláudio que, se fosse possível, fizesse chegar essas notícias a Franceset. Na véspera ela havia juntado mais o seguinte *postscriplum:*

"Como talvez já saiba, a guerra terminou. Não foi da vontade de Deus livrar-nos. Porém não desanimamos. Conforme diz a Sra. Paysac, ele quer provar a nossa fé e quando então vier o livramento ele será ainda mais maravilhoso. Ela manda-lhe este recado: O socorro vem do Senhor; se ele tarda, aguarda-o. Marcos e Daniel que

seguiram Cavalier na Suíça, enviam- nos um guia; partimos daqui a poucos dias, para Genebra. Vou-me daqui com o coração apertado; entretanto mais que nunca sinto a verdade desta palavra: Entre os que se amam não existe distância. Nossa estrela radiosa brilha sempre no firmamento; tanto de Genebra como de Marselha nossos olhares continuarão a buscá-la ali. Todos vos saúdam afetuosamente.

Sua na vida e na morte, ELISABETH".

Ao amanhecer um grupo de fugitivos, sob a direção de Martin, um dos melhores guias de Genebra, subia a margem esquerda do Rhodano. Acabavam de atravessar a ponte do Espírito Santo, cujos maciços pilares dos dezenove arcos são o terror dos barqueiros que descem o rio. Elisabeth e Joana, sob as vestes dos irmãos Paysac, davam-se por dois marceneiros em busca de trabalho na França. A Senhora Paysac levando um enorme cesto, era como quem ia ao mercado com seus dois filhos. Luiza, levando nos braços a sua filhinha e carregando um cesto menor, parecia uma camponesa a levar o almoço ao marido. E a ninguém viria a ideia de prender o velho Isaac, honesto camponês, que com a enxada ao ombro ia ao seu trabalho. Também, no dizer do guia, não era na travessia da Provença que havia o maior perigo, porém nas fronteiras. Aí era abrir os olhos e bem! Ele tinha no bolso passaportes de antigos fugitivos. Estes, ajudados por alguns florins, facilitariam os negócios em caso de algum mau encontro. Não era preciso, pois, temer demasiado nem as galeras nem a torre de Constance. (*)

Nem sempre o guia caminhava com eles, explicava-lhes etapas e à tarde como por acaso se encontravam em qualquer hospedaria.

Elisabeth nessa manhã caminhava ao lado da Sra. Paysac. Em frente, pelo lado do norte o céu era tenebroso, velado de bruma, carregado de pesadas nuvens plúmbeas, enquanto que pelo lado do sul aparecia uma esplendida aurora. Leves nuvens, ao princípio douradas, aos poucos se tingiram de maravilhosos clarões róseos.

Elisabeth voltou-se para olhar. Uma indizível saudade a levava a esse Sul que ela ia deixar para sempre. Esses fogos da madrugada que nascia inundaram Marselha; eles deviam cintilar nas grandes vagas que se quebravam contra as galeras...

A Sra. Paysac tomou-lhe a mão.

– Não olhe para trás, minha filha! disse-lhe ela com firmeza. Volta os olhares para a frente e vê a que se reduzem nossas tristezas e nossas lágrimas quando a luz eterna brilha através.

O sol vinha aparecendo. E seus primeiros raios, penetrando os aguaceiros do negro setentrião, ali formaram um magnífico arco-íris.

Elisabeth teve uma exclamação de surpresa e de alegria.

– Vês, prosseguiu a Sra. Paysac, o Senhor nos fala. Ele lembra-se da sua aliança e a nós que tão frequentemente a

esquecemos, Ele no-la faz lembrar. Louvemo-lo por sua imensa bondade!

A moça sorriu e cobrou ânimo. Consigo ela dizia: A Sra. Paysac é uma rocha!"

Chegaram à fronteira.

Por dois dias inteiros esconderam-se numa choça no meio da mata. O guia não abalava. Enfim uma tarde por uma chuva torrencial ele avisou a seu povo que se aprontasse.

– Mas nós não podemos sair por um tempo destes, disse Joana; esperemos que passe a chuva. Nada disso! replicou ele. Este dilúvio é a nossa salvação. Os guardas estarão abrigados, podem descansar. Passando a trinta passos abaixo do posto nada arriscamos. Que importa o temporal!

Em minha casa encontrarão bom pouso, leite quente que minha mulher lhes dará para aquecê-los, e lá os esperam seus filhos.

Avante, pois, sob a guarda de Deus!

Pela meia noite os fugitivos molhados até os ossos, porém com o coração a trasbordar de gratidão, punham enfim os pés sobre o livre solo da república de Genebra.

Deixemos agora nossos amigos se instalarem na herdade onde Marcos e Daniel trabalham há algum tempo. Os chacareiros dos campos de Genebra são

hospitaleiros e fraternais para os fugitivos huguenotes, e sabem se apertar para acolherem os novos hóspedes. Enquanto esperam para poderem fundar o seu próprio lar, os Paysac, para não serem pesados, comeria o seu pão com o suor de seu rosto.

(*) *Torre de Constance*, lugar sinistro, onde, por muitos anos, mulheres huguenotes foram aprisionadas. (Nota da tradutora).

O violento temporal que os desarraigou do solo natal nada lhes fez perder da energia e da alegria da vida. Pelo contrário, ele decuplicou essas energias.

Talvez os veremos de novo um dia. Não lastimemos a sua sorte! Apesar da provação que sobre eles pesa, a pungente ansiedade quanto a sorte de seus cativos, eles não são desgraçados, porque nutrem no coração uma grande esperança e sabem entregar o porvir nas mãos do Todo-Poderoso.

Jornal O Estandarte. Ano XXXVI, Nº 22, São Paulo, 31 de Maio de 1928, p. 13-15.